

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

ANGELITA VIANA CORRÊA SCARDUA

**A Felicidade são os outros:
Correspondências entre Capital Social de vizinhança, Bem-Estar
Subjetivo e o Imaginário sobre a Paisagem Urbana.**

**São Paulo
2018**

ANGELITA VIANA CORRÊA SCARDUA

A Felicidade são os outros:
Correspondências entre Capital Social de vizinhança, Bem-Estar
Subjetivo e o Imaginário sobre a Paisagem Urbana.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Psicologia Social.

Área de Concentração: Psicologia Social e do
Trabalho

Linha de Pesquisa: Psicologia Social dos
Fenômenos Histórico-Culturais Específicos

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maria Patricio
Ribeiro

São Paulo
2018

Nome: Scardua, Angelita Viana Corrêa

Título: A Felicidade são os outros: o Capital Social de vizinhança e suas correlações com o Imaginário sobre a Paisagem urbana.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia Social.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

*Dedico esse trabalho a Leonardo Azevedo Scardua, meu companheiro de jornada.
Sem a sua presença as paisagens do caminho seriam, tristemente, mais áridas.*

Agradecimentos,

A Leonardo, com quem tenho habitado a paisagem cotidiana, enfrentando juntos, e heroicamente, todos os monstros que nos desafiam a zelar pela paz e pela felicidade do refúgio do nosso encontro.

À Sandra, minha orientadora, que me ajudou pacientemente a vislumbrar as muitas paisagens possíveis no horizonte dessa jornada.

Aos meus pais, Jairo (*in memoriam*) e Izaura, que me mostraram que os limites do lugar de nascimento podem ser transpostos com imaginação, desejo e esforço.

Às minhas irmãs, Vera e Carmem, com as quais me aventurei pelos espaços da vida no exterior da casa parental, e com as quais descobri que podíamos ir muito além.

Às minhas sobrinhas, Carolina, Ioná e Sara, que me geram emoções positivas o suficiente para fazer do meu lugar familiar um canto feliz para viver.

Aos membros da Banca, que generosamente se dispuseram a visitar comigo os lugares por onde andei nessa jornada.

À equipe da Secretaria do Departamento de Psicologia Social, em especial à Nalva, com quem aprendo muito sobre recursos do capital social como confiança e solidariedade.

Aos bairros de Jardim Camburi e da Praia do Canto, em cujas paisagens tenho encenado parte da minha história cotidiana.

À imagem divina que povoa o meu imaginário em suas muitas formas arquetípicas. Sou grata por estar aqui, neste momento, com estas pessoas e neste lugar, de onde posso tentar compreender a intrincada e transitória paisagem da existência.

Resumo

SCARDUA, A. V. C. **A Felicidade são os outros: correspondências entre Capital Social de vizinhança, Bem-Estar Subjetivo e o Imaginário sobre a Paisagem Urbana.** 2018. 167f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

Vários fatores são considerados igualmente relevantes para a construção do Capital Social e da vivência de felicidade em grupos e comunidades. Aspectos objetivos como renda, escolaridade, condições de moradia, saneamento básico, acesso a lazer, disponibilidade de serviços essenciais e participação na vida social costumam indicar altos índices de engajamento cívico, confiança, relações positivas, satisfação com a vida e outros associados à felicidade e ao capital social. No Brasil, muitos desses indicadores apresentam níveis muito abaixo dos de outros países em iguais condições de desenvolvimento. É comum relacionar-se tais resultados com questões específicas do cenário nacional, como é o caso da desigualdade socioeconômica. Nesse sentido, pouco se compreende sobre a influência de fatores subjetivos sobre os indicadores de felicidade e de capital social no Brasil. Esse estudo se propôs a avançar nessa compreensão. A partir da investigação de duas vizinhanças com considerável nível de igualdade socioeconômica, e caracterizadas por infraestrutura e saneamento acima da média brasileira, pretendeu-se entender como aspectos subjetivos e inconscientes estão associados à felicidade e ao capital social. Utilizando como referência os elementos arquetípicos e simbólicos dos estudos sobre o Imaginário Cultural, buscou-se averiguar o impacto da paisagem na percepção que os moradores têm de suas comunidades. Indo além, procurou-se identificar como o imaginário sobre a paisagem interfere na forma como os habitantes pensam, sentem e agem em relação aos seus bairros e em relação as interações que estabelecem com suas vizinhanças. Os resultados obtidos sugerem que, no contexto brasileiro, complexos culturais arraigados ao nível do inconsciente influenciam a forma de se conduzir as relações sociais. O complexo da cordialidade aparece como impeditivo para a confiança interpessoal e para o aprofundamento das redes sociais e das relações positivas, comprometendo assim o envolvimento dos indivíduos com a vida coletiva. Na ausência de ações individuais voltadas para a promoção do bem comum, perde-se elementos fundamentais para a construção do capital social e para a vivência de felicidade.

Palavras-chave: Felicidade; Imaginário; Paisagem; Redes Sociais; Arquétipo; Confiança; Cotidiano; Cultura.

Abstract

SCARDUA, A. V. C. **Happiness is the other: correspondences between Neighborhood Social Capital, Subjective Well-Being and the Imaginary about the Urban Landscape.** 2018. 167p. Doctoral Dissertation (PhD) – Institute of Psychology, Universidade de São Paulo, 2018.

Many factors are equally important to the construction of both social capital and happiness in groups and communities. For instance, objective factors such as income, education, sanitation, living conditions, leisure, availability of essential services and social life engagement usually indicate high levels of civic engagement, trust, positive relations and satisfaction with life. In Brazil, the levels of many of these indicators are well below those of other countries in similar development stage. Such disparities are commonly justified by characteristics of the Brazilian society, such as social and economic inequality, with little being known about how subjective factors affect these indicators. This study thus intends to contribute to the understanding of how subjective factors influence the experience of happiness and the construction of social capital in Brazil, by investigating two neighborhoods characterized by low levels of social and economic inequality and with living conditions above the Brazilian average. Archetypal and symbolic elements borrowed from studies about Cultural Imaginary are employed in assessing how the landscape affects the way dwellers perceive their respective communities. This study also seeks to identify how the imaginary about the landscape interferes on the way dwellers think, feel and act, both in relation to their neighborhoods and to the way they interact with their neighbors. The obtained results suggest that cultural complexes deeply rooted in the Brazilian unconscious influence the way social relations are conducted. The cordiality complex emerges as hindrance to the development of interpersonal trust and to the deepening of social networks and positive relations, hence negatively affecting the engagement of individuals in collective life. In the absence of individual actions aimed at promoting common well-being, essential elements to the construction of happiness and social capital are lost.

Keywords: Happiness; Imaginary; Landscape; Social Networks; Archetype; Trust; Daily Life; Culture.

Sumário

Capítulo I: Introdução.....	10
Paisagem, Imaginário, Capital Social e Felicidade	11
A Expansão urbana e o espaço vivido na cidade de Vitória	27
Objetivos	35
Descrição dos Capítulos.....	40
Capítulo II: O Imaginário.....	43
O Imaginário, os Arquétipos do Inconsciente Coletivo e a Vida Social	44
O Imaginário como construção arquetípica	47
O Inconsciente coletivo e o símbolo como mediador da vida social	49
A Vida social e a imagem da cidade.....	52
Capítulo III: O Capital Social	55
A Vizinhança, A Cidadania e o Capital Social	56
A vizinhança e as implicações psicossociais da vida no bairro	60
A Cidadania como apropriação coletiva do espaço público	62
O Capital Social e a construção da felicidade comum	64
Capítulo IV: A Felicidade.....	66
A Paisagem Urbana e a Felicidade Cotidiana.....	67
Paisagem urbana e seu impacto na qualidade de vida.....	71
A Felicidade como indicativo de qualidade na vida social	73
Os caminhos da felicidade na vida cotidiana	75
Capítulo V: Metodologia	78
Os Bairros	79
Os Moradores.....	82
Coleta e Análise de Dados	85
Sobre o Imaginário	85
Sobre o Capital Social	89
Sobre a Felicidade	90
Capítulo VI: Discussão	93
Imagens e Afetos Sobre os Bairros	94
Dimensões e Percepções sobre o Capital Social	102
Confiança.....	102
Engajamento Cívico	106
Redes Sociais	111
Dimensões e Percepções sobre a Felicidade	115
Domínio do Ambiente	115

Relações Positivas	119
Satisfação Com a Vida	123
Capítulo VII: Conclusões	129
Aproximações entre Imaginário e Capital Social	130
Aproximações entre Imaginário e Felicidade	135
As interações sociais no mundo virtual: imagens e afetos sobre a vida cotidiana nos bairros e a participação de seus moradores na vida comunitária.	139
Considerações Finais	149
Referências Bibliográficas e Anexos	154
Referências.....	155
Anexo I: Questionário.....	164
Anexo II: Tabelas com a categorização das respostas do questionário sobre o imaginário .	166

Capítulo I: Introdução

*“A imaginação tem todos os poderes: ela faz a
beleza, a justiça e a felicidade, que são os
maiores poderes do mundo.”*

Blaise Pascal

Paisagem, Imaginário, Capital Social e Felicidade

O conceito de Paisagem possui inúmeros sentidos, sendo resultado de representações filosóficas, sociais, estéticas, históricas, geográficas, etc. Dentre esses múltiplos sentidos, umas das referências históricas mais antigas na temática da paisagem remonta indiretamente à origem mitológica da categoria espaço presente na obra “*Timeu*”, de Platão (HAMILTON & CAIRNS, 2005).

Na obra de Platão o espaço é a condição necessária para a existência do princípio material. Por um lado, o espaço funcionaria como um receptáculo que tem a função de receber as coisas, representando o substrato do Ser Universal. Por outro lado, o espaço também seria matriz do devir, sendo considerado como um elemento gerador das formas em um movimento contínuo. Nesse sentido, as formas representam as imitações da Ideia pela *poesis* humana. A *poesis* é derivada de *poien*, que significa fazer, produzir, criar, ou seja, é transformar o sentido material. Assim, as formas são sensíveis e apresentam-se formando os lugares de maneira diferenciada. O que permite a diferenciação dos lugares, portanto, é o entendimento da *poesis* pelo intelecto humano e a própria característica de *continuum* e de *devir* do princípio material.

O referente humano como parte da criação do lugar/espaço é destacado pelo trabalho do geógrafo francês Augustin Berque ao investigar a obra de Platão. Segundo o autor, Platão apresenta dois termos que abordam o lugar e o espaço: *topos* e *chôra* (SERRÃO, 2012). *Topos* corresponde ao “onde está?”, enquanto *chôra* significa “por que razão este onde?”. Para Berque, esses termos levariam a duas famílias de sentido. A primeira relacionada ao espaço ou lugar que discrimina o ser, localizando-o, seja com base em atributo físico ou relativo aos papéis sociais. A segunda sinalizaria “algo mais concreto e preciso: a região ou o território de uma cidade-estado (*polis*)” (*idem, ibidem*). Berque destaca que, no texto de Platão, *chôra* também aparece com outros sentidos metafóricos associados à mãe, matriz nutridora. O que confere à ideia de *chôra* um caráter de fonte, de origem de sentido para o espaço e para a percepção do mesmo a partir de uma perspectiva da experiência propriamente humana.

A perspectiva da paisagem como lugar/espço criado pela experiência humana aparece também na obra do sociólogo alemão Georg Simmel. Em sua obra “Filosofia da Paisagem”, publicada em 1913, Simmel oferece a possibilidade de se refletir sobre a essência da paisagem, abrindo espaço para o tema no mundo contemporâneo. Para ele, torna-se fundamental a diferenciação entre os conceitos de paisagem e de natureza. Sendo a natureza caracterizada pela infinita conexão de todas as coisas, uma ininterrupta procriação e aniquilação de formas, que se expressa na continuidade da existência temporal e espacial. (SIMMEL, 2009). A paisagem emergiria como noção própria do pensamento moderno, que concebe a espécie humana como sendo dotada de autonomia em relação à natureza. Assim, a percepção da paisagem estaria atrelada ao posicionamento do humano como um observador dos elementos naturais, os quais ele categoriza e classifica. Esta cisão entre humano e mundo natural seria, na visão do autor, a tragédia essencial da cultura moderna, que percebe como parte aquilo que é integrante de um todo.

Apesar do fato de associar o surgimento da paisagem, enquanto operação cognitiva, com o advento da modernidade, Simmel alerta contra o aparente lugar comum de que o “sentimento da natureza” também seja fenômeno específico dessa época. Para ele, é no contexto pós-medieval que se dá o recorte da parte e do todo, colocando-se a paisagem enquanto algo ainda não muito bem definido. Simmel alerta para não se confundir paisagem e natureza, sendo esta, descrita como um fenômeno extrínseco ao homem, e dele independente. Para ir além dessa cisão homem-natureza, o que Simmel propõe é que a paisagem deve ser compreendida, antes de qualquer outra coisa, como percepção, ambiência, clima, estado de espírito. Assim, a paisagem é decorrente de um estar no mundo, experimentando-o. A paisagem, sendo construção do espírito, seria ela própria uma totalidade em si, ainda que tributária da natureza, nem uma mera percepção de um conjunto de elementos, nem uma mera estrutura física pela qual se organizam tais elementos. Não se tratando nem de uma forma, nem de uma estrutura, a paisagem orbita no domínio da representação, emergindo da relação entre sujeito e objeto, entre observador e observado. A paisagem concebida por Simmel é dialética, sendo uma terceira coisa que não é apenas a soma de duas outras.

A partir das proposições de Simmel, pode-se pensar a paisagem como uma categoria mista, sendo cultural em sua forma e natural em seu conteúdo. A paisagem torna-se, portanto, uma síntese de subjetividade e objetividade, uma ponte entre a realidade e a idealidade daquilo que é propriamente humano. Uma visão dessa capacidade mediadora da paisagem é dada por Augustin Berque, ao dizer que:

“A paisagem não reside nem somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos (...). E é à própria complexidade deste cruzamento que se apega o estudo da paisagem” (BERQUE, 1994).

Essa complexidade, da qual nos fala Berque, revela que a percepção da paisagem não depende apenas de haver um sujeito que observe certa porção de um território. A paisagem percebida resulta de uma “união estrutural” entre o ambiente e aquele que o percebe. Para o autor, o meio físico não se reduz a um dado pré-existente e autocontido, mas adquire sentido por meio de um sujeito que o interpreta, usando para isso a mobilização de conceitos e de impressões. A paisagem é, assim, entendida como fruto de uma construção humana, ao mesmo tempo “gênese e ampliação” (BERQUE, 1995). Gênese por que cada experiência da paisagem é única sendo própria da experiência do observador. Ampliação porque a compreensão da paisagem depende da ativação de memórias diretas e indiretas, frutos de um repertório constituído por inúmeros conhecimentos e referências tanto conscientes quanto inconscientes.

O papel das referências e conhecimentos, como substrato da memória, na constituição da paisagem também é tema do historiador e crítico de arte britânico Simon Schama. Para ele, a paisagem é um constructo da imaginação humana projetada sobre os elementos da natureza, que são impregnados pelas experiências, memórias, tradições e mitos de cada povo (SCHAMA, 1996). O autor lança mão do que chamou de arqueologia da memória, um percurso histórico que parte de indícios no presente até chegar a mitos primordiais em torno da paisagem que, na visão dele, permanecem aprofundados na memória coletiva dos grupos sociais. Neste sentido, o historiador enfoca as representações simbólicas da paisagem, a partir da ideia de que toda paisagem

revela uma história, uma trama cultural que pode ser revelada, lida e interpretada. Com isso, Schama dirige a atenção para o papel da paisagem como elemento constitutivo de identidades coletivas e para a relevância de sua importância simbólica. Nessa perspectiva, a paisagem, por meio de seus mitos, revela sua permanência cultural e sua capacidade de configurar identidades. Assim, a paisagem seria um produto da cultura manifestada pela percepção transformadora do humano, emergindo como uma representação (SCHAMA, 1996).

Segundo o Filósofo francês Gaston Bachelard, a representação é a construção de uma visão de mundo. Assim, Bachelard define o espaço como o lugar povoado por lembranças pessoais e por experiências emocionais, sendo cenário da vida e fundamento da natureza enquanto paisagem (Apud. WUNENBURGER. In: PITTA, 2005). Para ele, a imagem que configura a representação não é um reflexo, mas criação. A imaginação acrescenta valor à imagem, modificando-a. A imaginação, portanto, é a capacidade da mente humana de dar sentido ao mundo e, dessa forma, a paisagem compreendida como espaço configura-se como expressão humana intencional, formada por muitas camadas de significação (CORRÊA & ROSENDAHL, 1998). Na obra de Bachelard, o vocábulo que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário, e este tem uma natureza arquetipal. Um dos principais discípulos de Bachelard, Gilbert Durand reafirma o valor simbólico da imagem resgatando sua fundamentação no simbolismo universal dos arquétipos e na força diretiva dos mitos.

Uma das principais influências de Gilbert Durand no estudo do que seria a configuração do imaginário foi o trabalho do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. A teoria do Inconsciente Coletivo desenvolvida por Jung, na qual os símbolos e os arquétipos possuem caráter constitutivo do universo mental humano, serviu para que Durand vislumbrasse aspectos psicológicos da atuação do imaginário na vida coletiva. Para Jung, o inconsciente coletivo seria a camada mais profunda da psique humana, sendo o espaço no qual residem as memórias ancestrais da espécie humana (JUNG, 2000). Vivências, sensações, sentimentos, imagens, enfim, um repositório das experiências acumuladas no

decorrer da história da evolução e compartilhado por toda a humanidade. A esses conteúdos afetivos e imagéticos do inconsciente coletivo, Jung chamou de Arquétipos. A palavra arquétipo deriva do grego “*arché*”, que significa “principal” ou “princípio”, correspondendo ao primeiro modelo ou imagem de alguma coisa.

Os arquétipos, para Jung, portanto, são os aspectos que configuram o inconsciente coletivo, e que emergem nas ações e produções humanas por canais não conscientes. A ação transformadora da experiência social permite a organização das imagens arquetípicas, um processo que se dá por meio da construção de narrativas nas quais os arquétipos são constelados: os mitos. Enquanto os mitos narram a experiência arquetípica, os arquétipos se expressam em imagens simbólicas coletivas, explicitando a estrutura do arquétipo. Na visão junguiana, uma dada realidade é reconstruída pelo imaginário através de seus recursos simbólicos:

“O símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e condicional” (JUNG, 1964. p.20).

A proposição junguiana do papel do mito e do símbolo na constituição de um legado comum à espécie humana, configurado pelo inconsciente coletivo e expresso nas imagens arquetípicas, foi em grande medida corroborada pelas conclusões alcançadas por Gilbert Durand após 15 anos de pesquisa. Durand sistematizou uma classificação dinâmica e estrutural das imagens e propôs uma teoria que considera o símbolo como um produto, caracteristicamente humano, das interações entre imperativos biopsicológicos e as intimações do meio físico e social, os quais tendem a configurar constelações de imagens simbólicas correspondentes aos arquétipos junguianos. O pesquisador francês partiu do pressuposto de que a angústia gerada pela consciência da morte e do devir leva o humano a adotar atitudes imaginativas de enfrentamento. Tais atitudes imaginativas resultariam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens e mitos pelo ser humano - elementos arquetípicos que são a fundamentação do “Imaginário”. Na visão de Durand, a principal função do

imaginário seria a de busca pelo equilíbrio biopsicossocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude (WUNENBURGER, 2007).

A teoria das estruturas antropológicas do imaginário criada por Durand inclui uma metodologia apoiada em um "método crítico do mito", envolvendo duas formas de análise: a mitocrítica e a mitanálise. Isso se dá pelo fato de que a abordagem de Durand para o mito é a de que este é um recurso teórico fundamental de explicação do mundo tipicamente humano. O mito, segundo o autor, é constituído por símbolos e arquétipos organizados discursivamente. A esse arranjo, Durand deu o nome de mitemas. Os mitemas são narrativas míticas que sustentam o pensamento humano e configuram o Imaginário. Assim, em todas as épocas e sociedades há mitos estruturantes que orientam a história e as realizações humanas. O principal propósito da teoria e da metodologia de Durand, portanto, é identificar e interpretar os mitos diretivos que atuam de maneira subjacente à dinâmica de sociedades e às produções individuais representativas do imaginário cultural. A força necessária para que um mito seja entendido como diretivo encontrar-se-á no "mitema".

Um mitema é o elemento irreduzível e imutável de um mito, sua partícula essencial. A redundância de determinados mitemas, que se repetem recorrentemente através da organização dos símbolos, confere a um mito sua função diretiva. A recorrência é fator crucial para a identificação do mitema, uma vez que os símbolos, ao contrário dos signos, apontam para múltiplos sentidos. Assim, a redundância do mitema e de seus símbolos revela sua permanência e relevância para o Imaginário. A partir de um padrão presente em um mito clássico, os mitemas admitem inúmeras variações, incorporando aspectos particulares da diversidade cultural de diferentes grupos humanos. Por suas características, o mitema é a base para o exercício de um dos principais recursos de análise propostos por Durand (DURAND, 2002): a Mitanálise.

A mitanálise consiste em um método de análise científica dos mitos. O objetivo da mitanálise é tentar apreender os grandes mitos que orientam os momentos históricos, os tipos de grupos e de relações sociais. O pressuposto básico da mitanálise é o de que há nas sociedades mitos que estão manifestos

e mitos que permanecem latentes. A mitanálise seria uma maneira de desvendar os mitos latentes, identificando os mecanismos sutis de expressão dos símbolos a eles associados. Assim, por meio da mitanálise é possível revelar as várias camadas míticas de uma dada dinâmica social. A partir da perspectiva de Gilbert Durand, portanto, pode-se pensar que o imaginário é condição fundamental para se tentar compreender o funcionamento de uma sociedade. Perspectiva a qual possibilita pensar o real e o imaginário como dimensões interdependentes, que se interpenetram e se sustentam no fluxo da vida cotidiana.

A experiência da vida cotidiana, organizada coletivamente e baseada nas relações com o meio e com os semelhantes, implica a construção, expressão e compartilhamento de elementos arquetípicos, simbólicos e míticos, que desempenhem o papel de mediadores entre os indivíduos e os grupos. Pelo viés do imaginário, tais elementos não são meros mecanismos de identificação coletiva, mas representam o resultado inerente da própria maneira pela qual o humano se apropria dos espaços e de como constrói um sentido para eles. O sentido do espaço habitado pelo humano, então, não seria uma entidade abstrata e meramente subjetiva. O sentido do espaço se presentificaria tanto no uso que as pessoas fazem dele quanto na forma como se relacionam quando imersos em suas rotinas diárias. Mas, pode-se pensar que o uso do espaço e as relações que nele ocorrem estão profundamente imbuídas dos atributos com os quais esse espaço é percebido.

O geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, em sua obra “Espaço e Lugar”, de 1983, propõe que um espaço se torna mítico quando se imagina que ele esteja associado a algo imaterial. Segundo ele “O espaço mítico é um componente espacial de uma visão de mundo” (TUAN, 1983. p: 97). Tuan aponta para o fato de que as ideias sobre um determinado lugar surgem a partir das interações que os seres humanos estabelecem com ele. Na sua análise, mesmo os aspectos mais simples da vida cotidiana expressam os valores e os sentimentos daqueles que ocupam o espaço, gerando memórias que são fundamentais para o reconhecimento da própria identidade. Para descrever o vínculo afetivo dos seres humanos com o meio material, o geógrafo formulou o termo “Topofilia” (TUAN, 2012). A topofilia, o amor ao lugar, por expressar os

laços afetivos dos seres humanos com o espaço é fonte geradora de imagens sobre este, uma vez que esses laços provocam relatos e referências que buscam evocar a alma dos lugares.

O pensamento do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan sugere, então, que os símbolos envolvidos no processo de construção imagética de uma sociedade estão intrinsecamente relacionados com o lugar. Nesse sentido, é possível pensar-se o imaginário social como sendo também um imaginário geográfico. Para Tuan, parece claro, a imaginação humana é nutrida pelos atributos espaciais e não há como dissociar as duas coisas. Dito de outra forma, ao se apropriar de um determinado espaço o humano o transforma por meio das relações que estabelece tanto com o lugar quanto entre seus habitantes. Esse processo de apropriação vai sendo mediado pelas ações sociais cotidianas que, por sua vez, são imbuídas de um caráter afetivo. Assim, sobrepõe-se à dimensão da experiência física do lugar variadas dimensões subjetivas que não apenas constituem o vínculo afetivo das pessoas com o ambiente, mas confere ao que nele é vivido inúmeros significados simbólicos. Esse processo de subjetivação simbólica parece consolidar-se nas interações sociais que configuram a cultura.

A ideia de que tais relações sociais, que se dão num lugar geográfico onde se entrelaçam aspectos materiais e imateriais, compõem um tecido cultural que condiciona a ação dos indivíduos nele inseridos não é nova e pode ser vista no trabalho de vários pensadores no decorrer da história. É somente no século XX, contudo, que a reflexão sobre o papel dos vínculos sociais na estruturação cultural de uma sociedade será denominada pelo conceito de Capital Social. Historicamente, os fundamentos do capital social podem ser encontrados nos trabalhos de autores como Max Weber, Émile Durkheim e Alexis de Tocqueville, assim como em Aristóteles e em Georg Simmel (HALPERN, 2005).

Em Weber, por exemplo, encontra-se a ideia central de que a sociedade não seria algo exterior e superior aos indivíduos, mas pode ser compreendida a partir do conjunto das ações individuais reciprocamente referidas, das quais resultam as normas e as regras sociais (FORACCHI & MARTINS, 1993). Tocqueville, por sua vez, pode ser visto como um dos precursores teóricos do

conceito de Capital Social ao considerar a força dos vínculos associativos na formação da democracia norte-americana (TOCQUEVILLE, 1969). Durkheim observou uma correlação entre coesão social e suicídio, concluindo que o suporte social poderia ser um fator eficiente na prevenção desse tipo de morte (DURKHEIM, 1997). Muito antes, o filósofo grego Aristóteles afirmou que o homem é por natureza um animal político e que o bem viver dependeria da efetivação dessa condição intrínseca, sendo ela mediada pela virtude cívica e possível apenas na cidade em que os cidadãos têm por objetivo o bem comum (KENNY, 1996). Similarmente, em Simmel (apud MORAES FILHO, 1983), as relações sociais ganham força estruturante, sendo a sociedade definida por meio da “sociação”, processo pelo qual os indivíduos interagem e produzem e reproduzem o que poderíamos denominar “sociedade”.

A consolidação do conceito de Capital Social, contudo, ocorre a partir de três trabalhos seminais escritos por James Coleman (1987, 1988), Pierre Bourdieu (1986) e Robert Putnam et al. (1993).

Em 1988, quando o sociólogo norte-americano James Coleman publicou o trabalho “*Social capital in the creation of Human Capital*”, ele levantou a hipótese de que existe uma complementação entre capital físico e econômico (insumos, infraestrutura e financiamento), capital humano (educação e preparação técnica) e capital social (relações de confiança). Sendo assim, na visão de Coleman, “o capital social é entendido em termos funcionais, isto é, consiste em todos aqueles elementos de uma estrutura social que cumprem a função de servir como recursos para que atores individuais atinjam suas metas e satisfaçam seus interesses” (apud HIGGINS, 2005). Antes de Coleman, o sociólogo francês Pierre Bourdieu havia definido Capital Social como “o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo” (BOURDIEU, 1985). O tratamento dado por Bourdieu ao conceito enfatiza os benefícios angariados pelos indivíduos em virtude da participação em grupos, para tanto considera a construção deliberada de sociabilidades tendo em vista a criação de Capital Social.

Em termos gerais, tanto Coleman quanto Bourdieu consideram o Capital Social como a soma dos recursos que um agente pode acumular em função de sua vinculação às redes sociais. É com o cientista político Robert Putnam, porém, que o conceito de Capital Social passará a equivaler à noção de “civismo” em comunidades como vilas, cidades ou países. Para Putnam, Capital Social refere-se a características da organização social como confiança, normas e redes sociais que podem aprimorar a eficiência da sociedade facilitando ações coordenadas entre seus membros. Sendo assim, a visão de Putnam sobre a formação do Capital Social pressupõe que quanto maior a capacidade de os cidadãos confiarem uns nos outros, e quanto mais possibilidades associativas existirem numa sociedade, maior o volume de capital social (PUTNAM et al. 1993).

Putnam desenvolveu sua concepção do capital social após um longo e amplo estudo sobre as diferentes regiões italianas. Os resultados da análise feita pelo cientista político norte-americano revelam diferenças estruturais na forma como italianos do Sul e do norte da Itália lidam com as instituições. Mais do que isso, as diferenças observadas por Putnam apontam para o fato de que o engajamento cívico das populações do norte do país contribui para o maior desenvolvimento dessa região frente ao sul. Nos estudos de Putnam, as particularidades com que habitantes do Norte e do sul conduzem as interações sociais no cotidiano de suas comunidades revelam maior ou menor dependência dos indivíduos no comando das instituições e, conseqüentemente, maior ou menor subordinação às hierarquias sociais formais ou informais (PUTNAM et al. 1993). No norte, é identificável a relação entre o maior desenvolvimento econômico e social e a percepção comunitária dos laços sociais como mecanismo para a defesa dos interesses coletivos e maior participação na vida pública. Enquanto no Sul, menos desenvolvido, antigos modelos patrimonialistas de apropriação da vida pública por grupos de interesse privado dominam as interações entre as pessoas, e entre as pessoas e as instituições (idem, ibidem).

Assim, baseando-se na experiência cotidiana de duas diferentes regiões de um mesmo país, Putnam desenvolve uma perspectiva do capital social que pode ser caracterizada como "culturalista". Nela, a formação de capital social

está atrelada aos processos históricos que conformam as crenças, atitudes e valores de uma determinada população. Assim, o capital social resulta de uma lenta acumulação histórica e cultural, sendo constituído pela reiteração de experiências coletivas que levam ao surgimento e à consolidação de organizações, redes, normas e costumes que favorecem ou não a ação coletiva. Nesse sentido, pode-se pensar que a construção do capital social está intimamente associada aos conteúdos subjetivos que conferem a um grupo uma identidade coletiva.

Sendo assim, partindo da perspectiva de identidade coletiva, a noção de capital social oferece uma possibilidade para se pensar a relação dos habitantes de um dado lugar com os espaços públicos nos quais interagem cotidianamente. O arquiteto inglês Michael Webb, por exemplo, aponta para a importância da representação do espaço público para a criação de capital social (WEBB, 1990). O conceito de capital social implica o fato de que a construção de um senso de comunidade requer encontros face a face entre aqueles que habitam um lugar. E aí se encontra parte do poder heurístico do conceito de capital social, uma vez que ele convida a se olhar para os espaços públicos considerando suas consequências positivas na representação da identidade social e dos interesses comuns da coletividade. A relevância das interações nos espaços públicos pode ser percebida pela relação entre estes e a presença de capital social em uma comunidade.

Segundo Robert Putnam nas comunidades com altos índices de capital social os espaços públicos são mais limpos, as pessoas são mais amigáveis e as ruas são mais seguras. Putnam advoga que essas correlações não estão diretamente associadas a fatores econômicos, como a maioria das pessoas assumem. A presença de capital social em uma população leva seus integrantes a apresentarem maior engajamento político, a se envolverem mais em atividades voluntárias e a se reunirem com mais frequência com amigos e vizinhos (PUTNAM, 2000). Estudos empíricos demonstraram haver correlação entre o capital social, o bom funcionamento da democracia, a prevenção do crime e a melhora nos índices de desenvolvimento econômico. Com efeito, nas

comunidades com maior capital social as pessoas são mais propensas a confiar ou a pensar gentilmente umas sobre as outras (idem, ibidem).

O viés aglutinador do capital social como ferramenta sociológica transforma-o numa variável fundamental para o entendimento de inúmeros fenômenos sociais que poderiam ser vistos como resultado apenas de aspectos objetivos associados à economia ou à política (HALPERN, 2005). Mais do que isso, considerando o seu caráter cultural, o capital social pode fornecer elementos que contribuam para o entendimento de aspectos da vida em sociedade que até então seriam vistos unicamente como resultantes ou de condições materiais ou das predisposições individuais. Esse é o caso, por exemplo, da vivência de felicidade. Putnam defende que "a amplitude e profundidade das conexões sociais de uma pessoa é o melhor preditor de felicidade" (PUTNAM 2000, p. 332).

Nos atuais estudos sobre felicidade há dados consistentes de pesquisas que corroboram a proposição de Putnam, ao demonstrarem os fatores que contribuem para que moradores de cidades se sintam felizes no espaço urbano. Curiosamente, a despeito dos correlatos habituais como renda e saúde, os habitantes dos espaços urbanos parecem ser mais felizes quando se sentem ligados às pessoas e aos lugares de suas cidades (LEYDEN et. al., 2011). Similarmente, investigações realizadas em diversos países – Japão, Coreia, Irlanda, Canadá, Índia, Estados Unidos, Espanha, Irlanda, etc. – evidenciaram haver uma correlação entre os níveis de capital social de uma sociedade e o de felicidade reportado por seus membros (KROLL, 2007). Tais evidências estão em acordo com resultados obtidos por estudos anteriores que, a despeito de enfatizarem a importância conjunta de fatores como personalidade, ambiente social e circunstâncias na determinação dos níveis de felicidade individual e coletiva, apontam para o fato de que os aspectos não materiais, em particular as relações sociais, desempenham papel proeminente na experiência de felicidade (ARGYLE, 1999; DIENER & SELIGMAN, 2004).

Essa perspectiva da felicidade como um bem público, fruto das interações sociais e cujos efeitos transcendem as fronteiras da vida privada, está em acordo

com o postulado aristotélico da “*eudaimonia*”. Ou seja, para Aristóteles, ser feliz e ser útil à comunidade eram dois objetivos sobrepostos, e ambos estavam presentes na atividade pública (KENNY, 1996). A eudaimonia pode ser compreendida como uma expressão mais profunda da felicidade, resultando da incorporação de aspectos da vida mais desafiantes e duradouros como ter um propósito, alcançar relações satisfatórias e atingir um sentimento de autorrealização. A eudaimonia, portanto, ultrapassaria a autogratificação, que visa obtenção de prazer e satisfação imediata. A felicidade eudaimônica é um dos tipos essenciais do bem-estar subjetivo, o outro é a hedônica. Ao contrário da felicidade eudaimônica, a felicidade hedônica se refere primariamente à somatória das experiências afetivas positivas vivenciadas por um indivíduo. O bem-estar subjetivo é o conceito que abrange a avaliação das pessoas sobre suas vidas, ele pode ser dividido entre vários indicadores para medir o bem-estar percebido por alguém (DIENER et. al.,1999). A satisfação com a vida seria o aspecto mais cognitivo dessa percepção, enquanto a felicidade seria o componente mais afetivo do bem-estar subjetivo.

O bem-estar subjetivo no contexto da vida pública, portanto, parece estar diretamente vinculado às relações sociais e, neste contexto, a confiança entre as pessoas aparece como sendo preditora para a experiência de felicidade. No contexto social a confiança está diretamente vinculada à manutenção de valores democráticos, entendidos a partir de uma ética fundamentada no bem comum. Sendo assim, em uma perspectiva madura da vivência de felicidade nas interações sociais, esta não se daria na busca pela gratificação imediata, nem consistiria apenas do compartilhamento de emoções alegres e de sensações prazerosas. A felicidade percebida nas relações sociais seria, então, a consequência natural de atitudes imbuídas de significado e de propósito para o favorecimento da coletividade (SCARDUA, 2003). Os primeiros pesquisadores a relatar correlação entre altos índices de confiança interpessoal e maior felicidade entre grupos foram Ronald Inglehart e Jacques-René Rabier (1986). Em um estudo comparativo entre França e Bélgica eles demonstraram que a confiança interpessoal exercia maior influência sobre o bem-estar subjetivo das pessoas do que fatores econômicos ou linguísticos.

Inglehart e Rabier integram o amplo grupo de pesquisadores que, a partir da década de 1980, desenvolveram trabalhos que trouxeram o estudo da felicidade para o centro das atenções nas Ciências Sociais. Apesar de a felicidade ser um assunto presente nas discussões filosóficas desde a Antiguidade Clássica, ela permaneceu durante muito tempo ausente dos debates científicos. O psicólogo norte-americano Martin Seligman, por exemplo, aponta para o fato de que o sofrimento humano dominou o campo das investigações psicológicas por mais de meio século (SELIGMAN, 2002). Segundo o autor, o fim da Segunda Grande Guerra, em 1946, teria suscitado um grande interesse governamental pela busca de tratamento e cura do adoecimento mental. O entendimento dos efeitos psicológicos da Guerra na vida das pessoas, especialmente na daqueles que lutaram nos campos de batalha, mobilizaram grande parte dos psicólogos em atuação. Na época o estudo e o tratamento da doença mental ofereceram uma possibilidade efetiva de garantia de espaço profissional e de sobrevivência (SCARDUA, 2003).

Por um lado, a oferta de subsídios para pesquisa e manutenção dos profissionais de psicologia dedicados ao estudo do adoecimento mental permitiu a expansão de dispositivos que levaram a uma crescente compreensão desse tipo de sofrimento e de diferentes modos de intervenção e tratamento terapêutico. Por outro lado, advoga Seligman, a psicologia teria negligenciado dois dos seus três objetivos iniciais como ciência: a busca por mecanismos que poderiam tornar a vida das pessoas melhor e o reconhecimento e promoção de talentos. Esse estado de coisas restringiu a abrangência da pesquisa psicológica por mais de meio século, levando os pesquisadores a se ocuparem em documentar os efeitos negativos de vários eventos da vida tais como isolamento, trauma, abuso, dependência química, doença física, pobreza, discriminação, divórcio, violência, etc. (SCARDUA, 2003).

Assim, as virtudes humanas – altruísmo, coragem, justiça, generosidade, honestidade, solidariedade e outras – foram em muitos momentos tratadas como ilusões defensivas, ao passo que motivações negativas como ansiedade, egoísmo, raiva e tristeza tenderam a ser vistas como autênticas (SELIGMAN, 1998). O foco no sofrimento, contudo, pode ser justificado pelo fato de ser

compreensível a preocupação com questões que digam respeito aos aspectos negativos da vida quando uma sociedade enfrenta ameaças como guerra, pobreza ou convulsões sociais. No caso da psicologia essa preocupação estaria refletida em pesquisas voltadas para o tratamento e a cura, ou seja, para a compreensão do funcionamento humano baseado em um modelo de doença-saúde cujo principal modo de intervenção se dê pelo reparo de danos.

A despeito da primazia pela busca do entendimento do sofrimento humano que marcou a psicologia na primeira metade do século XX, é possível apontar alguns pioneiros, anteriores e contemporâneos a essa época, que deram atenção a aspectos do desenvolvimento e da personalidade associados a uma visão positiva da experiência humana. Autores como Abraham Maslow, Carl Rogers e Carl Jung conseguiram transpor a barreira do recorte patológico na análise da vida humana e defenderam propostas de compreensão e de intervenção que não se pautavam unicamente pelo “conserto” do que havia sido danificado (SELIGMAN & CSICSZENTMIHALYI, 2000). Jung, por exemplo, trouxe para o debate psicológico a busca de significado e de transcendência como inerentes à existência humana, além de reconhecer a complexidade da vida mental individual e coletiva tanto em seus aspectos negativos quanto positivos.

Guiados pelo trabalho desses pioneiros, pelos resultados de estudos contemporâneos sobre o desenvolvimento e pelo sincero desejo de fazer uma psicologia que resgatasse o interesse nos aspectos positivos da vida é que, no ano de 1998, um grupo de psicólogos liderados por Seligman lançou a proposta de uma Psicologia Positiva. Dentre esses psicólogos encontravam-se nomes como o de Mihalyi Csicszentmihalyi, Ed Diener, Chris Peterson e George Vaillant. Vaillant liderou por 25 anos e conduziu a análise final do mais importante estudo de longo prazo sobre o desenvolvimento humano feito até então. O estudo em questão, “*Triumphs of Experience: The Men of the Harvard Grant Study*”, foi subsidiado pela Universidade de Harvard e acompanhou 250 homens por 70 anos. A partir dele, Vaillant e colaboradores descrevem vários aspectos dos processos cognitivos, afetivos, comportamentais, sociais e profissionais da vida dos sujeitos estudados da adolescência até a velhice.

As descobertas realizadas no estudo de Harvard não apenas validariam as premissas de autores como Jung sobre o processo de desenvolvimento adulto, como romperiam com paradigmas sobre o peso das experiências da infância na determinação da adultez. Tais resultados tornaram-se fundamentais para a construção da Psicologia Positiva, especialmente por dois fatores. O primeiro deles diz respeito à confirmação de que adultos continuam a se desenvolver, e que esse processo é contínuo, estendendo-se até o fim da vida, e que a personalidade dos adultos não reflete apenas as experiências da infância e da criação da pessoa. O segundo fator é a constatação da relevância da avaliação positiva sobre si mesmo e sobre as experiências vividas, feita pelo próprio sujeito, para o desenvolvimento saudável na adultez. Aqui vale ressaltar o significado de positivo e de negativo para a psicologia positiva. Positivas são as emoções e experiências que favorecem a aproximação e o convívio com o outro e que promovem uma avaliação apreciativa do que é vivido. O contrário disso seria atributo das emoções e experiências negativas (FREDRICKSON, 2001).

Com o surgimento da psicologia positiva, portanto, a percepção do potencial para a transformação de indivíduos e coletividades vem ganhando força nos últimos anos. O campo de pesquisa em torno de emoções e experiências positivas, assim como das características pessoais e sociais que viabilizam uma vida mais feliz, tem se consolidado. Um dos atributos dessa nova abordagem psicológica é a tentativa de compreender como tanto aspectos objetivos quanto subjetivos da experiência humana podem contribuir para a vivência de felicidade. Nesse sentido, o ambiente, juntamente com as relações nele vivenciadas, pode ser um bom caminho para se empreender a tentativa de compreensão da relação entre o imaginário sobre a paisagem urbana e a vivência de felicidade nas interações sociais no contexto das cidades.

A Expansão urbana e o espaço vivido na cidade de Vitória

A ideia da cidade como sendo capaz de promover uma melhor integração social entre os seus habitantes, assim como de favorecer a felicidade entre eles, não é nova. No final do século XIX, o inglês Ebenezer Howard escreveu um livro intitulado “*Tomorrow: a peaceful path to real reform*” que foi reeditado, em 1902, com o título “*Garden cities of tomorrow*”. Na visão de Howard, a cidade ideal deveria possuir em sua área indústrias suficientes para proporcionar emprego aos seus habitantes, estabelecendo-se um limite para a população total. Por estar mais preocupada com a estrutura e a concepção de uma sociedade, a cidade-jardim concebida por Howard não é uma cidade propriamente dita, mas uma estrutura que deverá ter sua forma estudada por arquitetos. A cidade-jardim deveria ser projetada radiocêntricamente, com a presença de um parque central, de avenidas e bulevares fartamente arborizados, edifícios públicos, mercado central, habitação unifamiliar com tipologia arquitetônica variada (algumas casas seriam providas de jardins comuns e cozinhas cooperativas) e localização próxima ao local de trabalho dos moradores.

A concepção de Howard voltava-se para um conceito de cidade como sendo definidora da organização social. Em função disso, o planejamento torna-se condição *sine qua non* para o melhor e adequado aproveitamento do território. Mais do que planejadores urbanos, Howard e seus colegas do movimento das cidades-jardim eram, antes de tudo, visionários em busca de reformas sociais. À época de Howard, a crença no planejamento como mecanismo de criação de cidades ideais era uma reação às precárias condições de vida no espaço urbano geradas pelas consequências da Revolução Industrial. Nesse sentido, a cidade-jardim seria a resposta para a promoção de bem-estar e melhores condições de vida para as populações urbanas, cuja vida estava atrelada à indústria. Não sem razão, a visão de Howard viria a influenciar o nascimento do urbanismo no Brasil.

A construção da cidade no Imaginário nacional em meados do século XX, e em consequência disso nas políticas sobre como conduzi-la, era fortemente marcada por duas perspectivas. Não necessariamente excludentes. De um lado havia o entusiasmo com a Metrópole paulistana surgida no meio de uma nação

que menos de um século antes era ainda uma colônia agrícola. Essa perspectiva compartilhada por estudiosos como o Antropólogo norte-americano Richard Morse – um brasilianista que via São Paulo como símbolo de um futuro promissor para o protagonismo mundial da nação brasileira – que alimentava o ideal de vida na cidade grande, da metrópole como fonte de progresso, de riqueza material e imaterial, um ícone das potencialidades do país (MORSE, 1954).

Por outro lado, havia a perspectiva de que a metrópole brasileira concentrava em suas entranhas todas as mazelas da modernidade. Dentre os males da modernidade havia as grandes aglomerações urbanas empobrecidas como antros de promiscuidade, de adoecimento e de desordem cívica e moral e, em paralelo, a ganância do capital especulativo, a substituição do velho modelo econômico baseado na agricultura escravista pelo alicerçado na indústria com a introdução de novos parâmetros de vida social e do trabalho assalariado. Nessa perspectiva a metrópole deveria ser contida, controlada em seu crescimento desenfreado. Ou, ainda, reformulada e adequada por um conjunto de políticas governamentais que permitissem seu crescimento de forma calculada e planejada. Para essa segunda perspectiva contribuíram as visões de estudiosos como O Padre Louis-Joseph Lebret (1951), o Sociólogo Florestan Fernandes (1960) e o Engenheiro Luís Inácio de Anhaia Melo (1954).

Anhaia Melo, um entusiasta do modelo de Howard da cidade-jardim, advogava a contenção do crescimento da metrópole por meio da descentralização, da proibição de novas indústrias no centro urbano, da preservação de cinturões verdes nos arredores e da proposição de normas para controlar o uso e a ocupação do solo. Influenciado pela filosofia positivista, Anhaia Melo defendia o planejamento urbano baseado em fundamentos científicos, realizado única e exclusivamente por técnicos com formação específica: os urbanistas. Essa concepção dialoga com os planos de melhoramentos que definiram as transformações realizadas nos centros das principais cidades brasileiras no início do século XX, onde o enfoque era a circulação de pessoas, mercadorias e fluidos.

As principais cidades brasileiras da Primeira República, voltadas para o comércio do café não mais como províncias de uma colônia escravista, mas inseridas no mercado mundial, precisavam se transformar em espaços atrativos para o capital internacional. O novo papel que o Brasil ocupava na divisão internacional do trabalho demandava uma visão modernizada do espaço urbano, na qual a estética e a organização das cidades deveriam sinalizar civilidade e higiene (OLIVEIRA, 1982). Dessa forma, em grande medida, o que estava em jogo era o imaginário de cidade que se pretendia “comercializar”. É nesse contexto que surge o Urbanismo Sanitarista, cujo principal representante no Brasil foi o Engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito. Na sua concepção, o urbanismo era a arte de projetar e construir as cidades primeiramente do ponto de vista da salubridade, seguido pela circulação, sem se descuidar da estética. Por isso, denominava de urbanismo sanitaria aquele que adapta o desenho urbano à lógica dos fluidos e das circulações, ou seja, traça as primeiras linhas do desenho levando em conta o sanitário, através do esquema de escoamento das águas, circulação do ar e penetração da luz solar, deixando os demais aspectos subordinados a esses (BERTONI, 2015).

O empenho em transformar as cidades brasileiras, tornando-as higiênicas e civilizadas, deveu-se ao fato de que, na virada do século XIX, várias delas sofreram surtos epidêmicos. Assim, o urbanismo sanitaria de Saturnino de Brito deu-lhe a oportunidade de se envolver na expansão urbana de várias cidades brasileiras. Foi no Estado do Espírito Santo, no ano de 1895, que Saturnino de Brito desenvolveu seu primeiro plano urbanístico. O projeto de expansão da Cidade de Vitória, capital do estado, recebeu o nome de "Novo Arrabalde". Vitória, uma ilha limitada por morros, à época era caracterizada por problemas de salubridade e pela impossibilidade geográfica de ampliação territorial. Somente após 30 anos de sua contratação é que o projeto de Saturnino de Brito foi executado. O projeto exigiu drenagens e aterros de manguezais a fim de possibilitar a criação de uma planície artificial, necessária para que o urbanista inaugurasse um novo modelo de espaço residencial, que definiria sua proposta de cidade moderna para os centros urbanos brasileiros. Controlando os fluxos hídricos da cidade e a vocação aquosa dos terrenos da ilha, Brito criará ruas e avenidas com larguras generosas, ladeadas por formações rochosas e pelo mar.

A proposta de modernização do urbanista para a cidade de Vitória realça as características particulares topográficas do local. Preservando os morros da cidade, as ruas são construídas nos espaços planos para atender a um projeto predominantemente residencial. O projeto de Saturnino de Brito para o "Novo Arrabalde" apresenta um modelo inédito para áreas residenciais no Brasil, o subúrbio-jardim tropical, que priorizava farta vegetação e espaços públicos modernos (ANDRADE, 1992). Esse espaço planejado, estética e funcionalmente, seria o local de moradia de uma burguesia ansiosa pela prosperidade advinda do comércio do café que começava a escoar pelo Porto da capital capixaba. No projeto idealizado por Saturnino de Brito a dimensão simbólica da nova cidade não se conformaria em monumentos, mas no desenho do espaço urbano que promovia uma ruptura entre a antiga vila colonial e insalubre e o subúrbio ajardinado e moderno que se equiparava às iniciativas similares na Europa e nos Estados Unidos da América.

Na cidade de Vitória, Saturnino de Brito também foi responsável pelo projeto de um dos mais tradicionais bairros da capital, a Praia do Canto, cujo projeto foi igualmente baseado na sua visão sanitaria e positivista. O bairro era utilizado como área de lazer e de moradia próximos ao mar, uma espécie de balneário para as famílias mais abastadas tanto da cidade quanto do interior do Estado. Contava com acesso por bonde, ruas e avenidas largas e arborizadas e casas unifamiliares. O projeto de Saturnino de Brito, com sua visão de desenvolvimento voltada para o crescimento, permitiu que as ruas originais não pensadas para automóveis pudessem ser ampliadas e, ainda hoje, servem ao intenso tráfego do bairro. Com o tempo e a expansão da cidade, a especulação imobiliária substituiu as antigas casas por altos prédios residenciais e comerciais.

A história da Praia do Canto, nascida como local de veraneio da elite, definiu seu lugar no Imaginário capixaba como "bairro de ricos". Esse lugar privilegiado atraiu para o local intenso comércio e investimentos imobiliários. Hoje, o bairro apresenta uma infraestrutura bem desenvolvida e é o centro da vida comercial e noturna da Ilha. A maioria de sua população, contudo, é de

classe média e média alta, composta basicamente por servidores públicos de nível superior, profissionais liberais e pequenos e médios empresários.

O lugar da Praia do Canto no Imaginário local confere-lhe características muito próprias. Da atmosfera tranquila de suas ruas ajardinadas, com centros comerciais que abrigam lojas de grife e cafés, aos hábitos típicos de seus moradores, o dia a dia no bairro reitera sua imagem de lugar de elite. É possível, por exemplo, ao circular pelas ruas do bairro, identificar arraigados comportamentos sociais que expressam as visões do uso do espaço público que definiam a sociedade patrimonialista descrita por teóricos como Sergio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro. É comum que os moradores da Praia do Canto parem seus carros em fila dupla para ir à padaria ou conversar com um amigo que está passando na rua, mesmo que isso gere transtornos para o tráfego em uma avenida. Assim como é comum que, a despeito do bairro ter excelentes espaços ao ar livre como praças, praia e parque, os moradores preferam praticar atividades esportivas em academias e raramente utilizem as áreas de lazer comunitárias.

Na Praia do Canto, as pessoas tendem a se referir aos conhecidos pelos nomes de família, assim como é característico certo distanciamento entre vizinhos, a não ser que se conheçam de outros espaços sociais como escola, clube ou casa de amigos comuns. Enfim, a Praia do Canto é, aparentemente, um bairro com baixos índices de capital social, ao mesmo tempo em que, em termos socioeconômicos, é um lugar com todos os elementos que podem ser associados ao bem-estar objetivo e à qualidade de vida.

Junto à Praia do Canto, outro bairro da cidade de Vitória se destaca pelo nível de urbanização, renda da população e infraestrutura. Esse bairro é Jardim Camburi, que ao contrário da Praia do canto, localiza-se na parte continental da cidade de Vitória e não na ilha. Jardim Camburi surgiu de um loteamento privado aprovado em 1928 pela municipalidade, mas apenas em 1967 é que cem casas foram construídas no bairro. Essas casas foram financiadas pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), e a construção das mesmas visava atender a trabalhadores de baixa renda da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que viria a se

estabelecer na cidade a partir da construção do Porto de Tubarão. O Porto de Tubarão foi construído para dar vazão ao minério de ferro a ser exportado para o mercado internacional.

Com a expansão do porto e da CVRD, como parte do programa desenvolvimentista do Regime Militar, novas empresas surgiram na região norte da cidade de Vitória e no município vizinho, Serra, com o qual Jardim Camburi faz fronteira. Assim, o bairro foi se desenvolvendo em torno das atividades industriais do porto de Tubarão e da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). A origem operária de Jardim Camburi definiu seu lugar no imaginário local como bairro popular, constituído por conjuntos habitacionais de casas unifamiliares e prédios residenciais. Com o crescimento da cidade, porém, o padrão de construção no bairro subiu, assim como o preço dos imóveis.

Hoje, Jardim Camburi é o bairro mais populoso de todo o Espírito Santo, com mais de 70.000 habitantes. O fato de a localização geográfica do bairro isolá-lo do resto da cidade – pois ele é cercado por duas áreas de preservação ambiental, uma que compreende o Aeroporto de Vitória e outra que fica no terreno da CVRD – criou condições para que se tornasse muito independente em relação ao resto da cidade. Jardim Camburi conta com completa infraestrutura comercial, Escolas, Faculdades, Shoppings, Hospital, Clínicas, Clube, etc. É um bairro 100% urbanizado e com muitas áreas de lazer ao ar livre, inclusive praia. Possui vida noturna intensa e seus moradores pouco saem do bairro quando querem fazer compras ou se divertir. Com isso, a população do bairro é extremamente diversa, embora ele tenha se tornado a primeira escolha de moradia para jovens casais e famílias de classe média.

No bairro de Jardim Camburi encontra-se moradores em todas as faixas de renda e de todos os seguimentos profissionais, com predominância dos extratos médio e médio alto, e com perceptível presença de trabalhadores da iniciativa privada e jovens profissionais liberais. Em termos sociodemográficos, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram que há paridade entre a renda média per capita dos moradores da Praia do Canto e de Jardim Camburi. Da mesma forma, os perfis dos moradores dos dois bairros

em termos de escolaridade, idade, etnia e orientação religiosa são equivalentes. No mercado imobiliário, o valor do metro quadrado nos dois bairros está entre os mais altos da capital capixaba, sendo que na Praia do Canto paga-se mais caro do que em Jardim Camburi. Vários fatores podem explicar o maior valor dos imóveis na Praia do Canto. Um deles é a menor oferta de imóveis, uma vez que o bairro, que fica no final da Ilha de Vitória, às margens do Canal de Camburi, não tem mais território para a expansão imobiliária. Jardim Camburi, ao contrário, continua em franco crescimento, ampliando as áreas construídas para o interior, nas regiões mais distantes da praia de Camburi que é a porta de entrada do bairro.

A localização de Jardim Camburi, em frente a uma praia oceânica, com extenso calçadão e topografia plana, parece contribuir para que seus moradores apresentem um estilo de vida mais descontraído e jovial. Aparentemente, a vida comunitária no bairro é mais vibrante do que na Praia do Canto. Percebe-se um uso mais intensivo dos espaços públicos de lazer, com maior convivência dos moradores em locais como igrejas, centros de vivência, praças, etc. É comum vínculo social criado por famílias cujos filhos frequentam a mesma creche ou escola. As praças do bairro costumam ser ponto de encontro para vizinhos, seja pela manhã quando levam crianças e cachorros para passear, seja à noite quando esses espaços são tomados por barraquinhas que vendem comida. Em função disso, o fluxo de moradores do bairro circulando a pé pelas ruas durante o dia e à noite é intenso. Essas diferenças parecem indicar que o índice de capital social em Jardim Camburi possa ser mais alto do que na Praia do Canto.

As características aparentes dos bairros da Praia do Canto e de Jardim Camburi atuam como marcas identitárias de suas comunidades. Apesar das condições objetivas dos dois bairros serem semelhantes – prósperos, urbanizados e planejados – suas origens divergem em propósito e em tempo histórico. A diferença no marco inicial da história de cada um dos bairros contribuiu para formas diversas de desenvolvimento e apropriação do território, a despeito do fato de que hoje possuam maiores similaridades em termos objetivos como renda e infraestrutura. Ainda assim, a experiência subjetiva dos bairros parece ser bem diferente para seus respectivos moradores, e mesmo

para os outros habitantes de Vitória que não moram neles. No Imaginário do capixaba, Jardim Camburi ainda é o bairro operário e Praia do Canto o bairro da elite.

É razoável, portanto, pensar que a vivência cotidiana dessas duas comunidades espelhe tal conteúdo subjetivo, definindo seus modos de uso do espaço em que habitam. Assim como é razoável pensar que o imaginário dos moradores sobre seus bairros seja parte considerável da possível felicidade que extraem das paisagens que vivenciam e da qualidade das relações que nela estabelecem no dia a dia.

Objetivos

É possível pensar-se nas cidades como fruto de realizações humanas. Nesse sentido, uma concepção abrangente da cidade aborda o espaço urbano como um produto social, sendo um reflexo de como vivem seus cidadãos, uma vez que eles produzem e reproduzem o espaço por meio das experiências vividas. Assim, parte da percepção que os habitantes de uma cidade têm do espaço que habitam estaria intimamente associada aos sentimentos gerados nas interações que com ela e nela fazem. Tal perspectiva da percepção do espaço urbano pelos habitantes estaria de acordo com a visão proposta por Gaston Bachelard (Apud. WUNENBURGER. In: Pitta, 2005). Bachelard parte do pressuposto de que o espaço é o lugar povoado por afetividade, não sendo apenas uma categoria física neutra e impessoal. Para o autor, o espaço enquanto lugar povoado por lembranças pessoais e por experiências emocionais é cenário da vida e fundamento da natureza enquanto paisagem. Na visão fenomenológica de Bachelard, a paisagem, compreendida como espaço habitado, é muito mais do que algo exterior ao homem, podendo ser vista como expressão humana intencional, formada por muitas camadas de significação (CORRÊA & ROSENDAHL, 1998).

A superação da tradicional visão pictórica da paisagem como panorama permite defini-la como um lugar singular, no qual são igualmente importantes as propriedades morfológicas do território e a identidade cultural e histórica (SERRÃO, 2004). Esse caráter abrangente do conceito de paisagem justifica sua importância crescente como categoria sintética no estudo da vida social na cidade. Desse modo, a perspectiva de se olhar o espaço urbano como paisagem possibilita a discussão da cidade como elemento constituinte da identidade individual e coletiva, exigindo uma reflexão sobre a trama cultural que subsidia a percepção que seus habitantes têm sobre ela. Subjacente ao modo de ser e de agir dos indivíduos e das culturas encontra-se o Imaginário.

Por meio do estudo do Imaginário pode-se chegar à compreensão do dinamismo que regula a vida social e suas manifestações culturais (PITTA, 2000). De acordo com Gilbert Durand (1989), o Imaginário – “essência do

espírito” – subjaz à capacidade humana, individual e coletiva, de dar sentido ao mundo. Durand postula que a Imaginação Simbólica possui uma força dinâmica que possibilita o acesso ao sentido, permitindo aceder à dimensão profunda da realidade, fazendo a ligação entre esta e o conjunto das suas significações. Para ele, a formação do imaginário resultaria da consciência da angústia diante do tempo e do medo da morte que gera conseqüentes e díspares reações: de luta (heróica), de eufemização (mística) ou ainda de conciliação entre as duas reações anteriores, ou seja: sintética/disseminatória ou dramática. A partir destas três dominantes resultaria o princípio das estruturas antropológicas que se distribuem nos regimes diurno e noturno, sendo que a construção desse universo implica em ordenação do espaço. Para o autor, o indivíduo está contido no espaço assim como o espaço está contido no indivíduo, existindo um diálogo constante entre o interno e o externo.

Assim, a cidade ordenada pelo Imaginário pode ser percebida como fruto da relação que os indivíduos constroem entre si na medida em que vivenciam as possibilidades de estruturação do espaço. Nesse sentido, é válido pensar se as condições objetivas de vida na cidade e os modelos de relações sociais estabelecidas no cotidiano poderiam de alguma forma correlacionar-se com o Imaginário dos moradores sobre a paisagem urbana e o espaço em que habitam. Duas vertentes de estudo da vida social podem contribuir para que se avance nesse questionamento: uma é o conceito de Capital Social, uma vez que ele se define pela ideia central de que as relações sociais são a base de estruturação das sociedades; outra é o conceito de felicidade percebida, que tenta levar em consideração o impacto de diferentes fatores no bem-estar subjetivo relatado por populações.

O cientista político Robert Putnam define o capital social como “características da organização social como confiança, normas e redes sociais que podem aprimorar a eficiência da sociedade facilitando ações coordenadas entre seus membros” (apud KROLL, 2011). Em termos gerais, considerando-se a linha de pensamento seguida pelo autor, podemos classificar a visão inicial de Putnam como “culturalista”, estando a formação de capital social atrelada aos processos históricos que conformam as crenças, atitudes e valores de uma

determinada população. Ao se considerar o caráter cultural do capital social talvez seja possível identificar elementos que contribuem para o entendimento da vida social que poderiam ser vistos apenas como produtos da subjetividade individual. Esse é o caso, por exemplo, da felicidade percebida.

Investigações realizadas em diversos países – Japão, Coreia, Irlanda, Canadá, Estados Unidos, Espanha, Irlanda, etc. – evidenciaram haver uma correlação entre os níveis de capital social de uma sociedade e o de felicidade reportado por seus membros (KROLL, 2011). Tais evidências corroboram os resultados obtidos por estudos anteriores que apontam para o fato de que – em comparação aos índices objetivos de qualidade de vida como renda, lazer, serviços de saúde, etc., – os aspectos não materiais, em particular as relações sociais, desempenham papel proeminente na experiência de felicidade percebida (idem). Aparentemente, portanto, as relações estabelecidas socialmente tanto refletem o capital social de uma comunidade quanto podem ajudar a revelar o nível de satisfação com a vida reportada pelos que fazem parte dela. Se adicionarmos a isso a ideia defendida por Durand (1997), de que ocorre uma incessante troca ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas que emanam do meio físico e social, é possível trabalhar com a investigação da seguinte hipótese:

A estruturação do Imaginário dos moradores sobre a paisagem em que habitam exerce influência na forma como eles interagem cotidianamente com e nos espaços públicos, assim como na percepção que têm quanto à felicidade obtida por habitar tais espaços.

Na tentativa de investigação dessa hipótese, o principal objetivo desta proposta de trabalho é: identificar elementos do Imaginário sobre a paisagem urbana e o espaço habitado entre moradores dos bairros Praia do Canto e Jardim Camburi, na cidade de Vitória. Em paralelo, pretende-se também investigar a existência de possíveis relações entre essas estruturas imaginárias e índices de capital social e de felicidade percebida nas populações dos dois bairros.

Fundada em 1534, a cidade de Vitória é a capital do estado do Espírito Santo. Localizada na Região Sudeste do Brasil, Vitória é uma das três ilhas-capitais do país. Segundo estimativas feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (dados de 2013), a cidade possui uma população de 348.265 habitantes. Além da ilha principal, fazem parte do município outras 34 ilhas e uma porção continental, perfazendo um total de 93,381 km². Entre as capitais do Brasil, Vitória possui o 4º melhor índice de desenvolvimento humano e o maior produto interno bruto per capita. Vitória possui dois grandes portos: o Porto de Vitória e o Porto de Tubarão. Esses portos fazem parte do maior complexo portuário do Brasil, que inclui vários portos do estado e que são considerados os melhores em qualidade do país.

Dois bairros se destacam na cidade de Vitória em função dos níveis de urbanização e de renda da sua população. Um é o bairro da Praia do Canto, que se originou de um loteamento no ano de 1896. O projeto foi baseado em influências do urbanismo sanitarista e do positivismo, sendo utilizado como área de lazer e de moradia próximos ao mar. O bairro apresenta uma infraestrutura bem desenvolvida e caracterizou-se durante vários anos como local de moradia de classe média alta. Hoje ainda é visto na cidade como um bairro de elite e é o centro da vida comercial e noturna da Ilha. A maioria de sua população, contudo, é composta de servidores públicos, professores universitários, médios empresários, etc. Jardim Camburi, ao contrário da Praia do canto, é um bairro localizado na parte continental da cidade de Vitória, sendo um bairro novo que se desenvolveu em torno das atividades industriais do porto de Tubarão e da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST). As primeiras casas foram construídas no final da década de 1960. Apesar de jovem, o bairro conta com completa infraestrutura e o fato de ser distante em relação ao Centro da cidade e bairros vizinhos fez com que se tornasse bastante independente em relação ao resto da cidade. Em termos de ocupação profissional e faixa etária a população de Jardim Camburi não é muito diferente da Praia do canto.

Dadas as informações acima, propõe-se como objeto de estudo desta pesquisa a relação entre o Imaginário sobre a paisagem urbana e a qualidade das interações sociais que nela são vivenciadas, considerando-se o impacto

disso na vida afetiva de seus habitantes. Para tanto, essa pesquisa visa especificamente investigar elementos estruturais do Imaginário de moradores dos bairros Praia do Canto e Jardim Camburi, ambos na cidade de Vitória, sobre a paisagem urbana e o espaço que habitam. Em paralelo, pretende-se também investigar a existência de possíveis relações entre essas estruturas imaginárias e índices de capital social e de felicidade percebida nas populações dos dois bairros.

Sendo assim, formularam-se as seguintes questões para serem respondidas durante a produção da tese:

1. As condições de formação e de estruturação dos diferentes espaços urbanos representados pelos dois bairros resultariam em estruturas imaginárias distintas em seus moradores?
2. Havendo distinções nas estruturas imaginárias sobre o espaço urbano nas diferentes populações, haveria relação entre essas e os índices de capital social das duas comunidades?
3. Havendo distinções nas estruturas imaginárias sobre o espaço urbano nas diferentes populações, haveria relação entre essas e a avaliação de felicidade percebida pelos seus integrantes?
4. A identificação de estruturas do Imaginário nas populações estudadas levaria a uma maior compreensão sobre a percepção que elas têm da paisagem urbana e sobre o impacto que a ordenação do espaço exerce em suas vidas no cotidiano?

Descrição dos Capítulos

A tese foi estruturada com o objetivo de criar condições para que os diferentes conceitos trabalhados possam estabelecer uma comunicação progressiva e integradora entre eles. Partiu-se da abstração teórica do conceito de Imaginário e de suas fundamentações inconscientes, avançando-se para o mundo cotidiano das relações sociais, tendo por embasamento o exercício consciente da cidadania. A reflexão sobre a experiência concreta de habitar o espaço urbano e de seus possíveis impactos nos estados afetivos de seus habitantes conduziu a uma aproximação com a subjetividade do conceito de felicidade, que, por sua vez, foi tratado como indicativo da qualidade das condições objetivas de vida. Assim, pretendeu-se construir a tese fundamentando-a no pressuposto de que é possível estabelecer correlações demonstráveis entre os aspectos subjetivos e objetivos – inconscientes e conscientes – em torno do impacto que o Imaginário sobre a paisagem urbana pode ter nas interações sociais e na felicidade percebida de seus habitantes.

O Capítulo I (Introdução), tem por objetivo apresentar ao leitor de qual ponto de vista optou-se por trabalhar os principais temas abordados na tese. Dada a amplitude dos temas, entende-se que a delimitação inicial dos fundamentos teóricos, em torno dos quais se delineia o trabalho, pode contribuir substancialmente para a compreensão da proposta. Similarmente, visando situar o leitor no contexto social, econômico e geográfico no qual o estudo foi conduzido, incluiu-se neste capítulo a descrição dos bairros estudados e a história de como foram criados e dos lugares que, aparentemente, ocupam no Imaginário dos moradores da cidade que os abriga. Assim, busca-se o substrato argumentativo necessário para introduzir o leitor nos objetivos da tese e sobre como se operou para tentar atingi-los.

O segundo capítulo (O Imaginário, os Arquétipos do Inconsciente Coletivo e a Vida Social), é o início da trajetória teórica que possibilita a definição de uma dada perspectiva sobre aspectos que constituem os conceitos abordados neste trabalho. Aqui, optou-se pelo aprofundamento e pela amplificação de conceitos, buscando-se possíveis correlações entre teorias. Mais especificamente, no

segundo capítulo aborda-se o papel das teorias dos Arquétipos e do Inconsciente Coletivo para a compreensão do Imaginário. Tomando o símbolo e a imagem como elementos de expressão dos conteúdos inconscientes, pretendeu-se demonstrar o papel desses na construção coletiva da imagem da cidade e na forma de organização da vida social.

O terceiro capítulo (A Vizinhança, A Cidadania e o Capital Social), dá continuidade à trajetória teórica percorrida neste trabalho. Sendo que aqui se buscou ancorar a construção imaginária da vida social, discutida no capítulo anterior, no contexto das interações sociais cotidianas. Partindo da discussão sobre como a vida em vizinhança pode nos afetar psicológica e socialmente, pretendeu-se debater o conceito de cidadania como expressão de maneiras específicas de uso do espaço público. A proposição é a de que elementos culturais atuam subjetivamente, influenciando os modos com que habitantes de uma mesma localidade se relacionam no dia a dia. Com o intuito de se examinar o conceito de cidadania, considerando-se a qualidade das interações sociais, pretendeu-se utilizar como denominador comum da atitude cidadã e da boa vizinhança a presença do capital social como parâmetro para a felicidade comum.

O quarto capítulo (A Paisagem Urbana e a Felicidade Cotidiana), complementa a proposta de apresentação da trajetória teórica percorrida neste trabalho. Nele, o objetivo foi discorrer sobre o impacto emocional da paisagem urbana na vida dos habitantes da cidade. Por um lado, considera-se, para tanto, o impacto objetivo da configuração arquitetônica da paisagem urbana na saúde física e mental de seus habitantes. Por outro, pretende-se argumentar sobre como o modo de habitar a paisagem urbana, a partir do que é vivido nas interações cotidianas com e no espaço físico, revela diferentes maneiras de percebê-la. A premissa que se desejou sustentar aqui, portanto, é a de que a felicidade possível de se habitar uma paisagem urbana específica depende igualmente das condições físicas do espaço que a delimita objetivamente, das relações que com ele e nele se estabelece e das imagens com as quais o definimos, reconhecemos e avaliamos.

Os capítulos subsequentes, quinto e sexto, (Metodologia e Análise dos Dados) tiveram por objetivo explicitar os parâmetros de estudo na pesquisa realizada, seja do ponto de vista da fundamentação teórica ou da condução prática do processo. Similarmente, pretendeu-se esclarecer a forma escolhida para proceder à análise dos dados coletados, assim como apresentar sua elaboração final. De maneira resumida, propõe-se que esses capítulos sejam capazes de atestar a validade dos caminhos escolhidos para tentar responder as perguntas que fundamentam esse trabalho.

O título do sétimo capítulo (Considerações Finais), o último da tese, é autoexplicativo. É nesse momento de elaboração da reflexão final sobre o trabalho realizado que se espera ter conseguido alinhar todo o trajeto teórico e metodológico percorrido em uma contribuição relevante para o entendimento da relação entre imaginário, paisagem, capital social e felicidade. Dessa forma, anseia-se para que a pesquisa possa apontar novas possibilidades para a construção de uma ponte entre aspectos objetivos e subjetivos atuantes na maneira como vivenciamos o cotidiano nos centros urbanos. Ainda, talvez, mais do que isso, deseja-se que um melhor entendimento desses processos possa favorecer novas maneiras de se olhar a paisagem urbana como produto e produtora de capital social e de felicidade.

Capítulo II: O Imaginário

*“Se perderes a magia, perdes tudo.
O que sobrar de ti não chega nem para
cumprimentar o teu vizinho.”*

Fernando Pessoa

O Imaginário, os Arquétipos do Inconsciente Coletivo e a Vida Social

Ao elaborar sua Teoria Geral do Imaginário, Gilbert Durand (2002) opõe-se às perspectivas teóricas que fundamentam a compreensão e a explicação da realidade exclusivamente na razão. Ao definir o imaginário como parte constitutiva do capital pensado do *homo sapiens*, Durand confere à imaginação e seus correlatos – a fantasia, os mitos, o inconsciente e a subjetividade – a função geradora de todas as criações do pensamento humano. Nesse sentido, o pensamento de Durand aproxima-se imensamente da proposição de Carl Jung sobre o papel dos arquétipos na ordenação da vida mental humana.

A hipótese dos arquétipos, um dos fundamentos da Teoria Junguiana, se alicerça e se mescla com a noção de inconsciente coletivo (JUNG, 2000). Na proposição de Jung, diferentemente do inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo não é resultado da experiência individual. O inconsciente pessoal junguiano se aproxima do conceito de inconsciente proposto por Sigmund Freud, sendo representado pelos sentimentos e ideias reprimidas que são desenvolvidos durante a vida de um indivíduo. O inconsciente coletivo, por sua vez, não se desenvolve individualmente. Uma das formas de explicar sua constituição seria dizer que os conteúdos do inconsciente coletivo são herdados, sendo um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade. Esse substrato comum, o inconsciente coletivo ou psique objetiva, seria parte constitutiva na formação do *homo sapiens*. Dessa forma, independentemente do tempo e da cultura, o inconsciente coletivo seria o repositório desse repertório evolutivo. Um repertório que não se traduz em comportamentos pré-definidos, mas em estruturas ou padrões de comportamento. O que Jung propõe, portanto, é uma predisposição inata para a criação de estruturas universais da psique, às quais ele nomeia como arquétipos (JUNG, 2008).

Os arquétipos povoam o inconsciente coletivo, organizam-se como imagens primordiais que predispoem o ser humano para pensar, entender e agir de certas formas. Como estruturas universais da psique, os arquétipos podem

ser utilizados como elemento ou base conceitual para compreender e explorar todos os tipos de experiências nas quais a função criativa da imaginação esteja presente, isto é, imaginais (HILLMAN, 1992). Essa dominância do arquétipo na vida psíquica é possível porque sua manifestação ocorre em diferentes e variados níveis. Melhor dizendo, o arquétipo pode se manifestar como imagem, como padrão de percepção ou filtro da realidade, como um afeto ou impulso; não sendo, contudo, acessível diretamente. O acesso ao arquétipo se dá por meio de suas manifestações biológicas – padrões de comportamento – e por suas manifestações psíquicas – imagens, representações e produções humanas.

Por ser parte inerente do processo de formação do sapiens, os arquétipos estão diretamente relacionados às situações características da existência humana, tais como o nascimento, a morte, o enfrentamento dos desafios físicos, ambientais e emocionais, etc. (JUNG, 1988). Para além disso, o arquétipo aponta para aquilo que é típico da constituição do sapiens e de seu cérebro volumoso: sua capacidade de simbolizar, de dar sentido a própria existência por meio da imaginação. Nesse sentido, as relações entre as imagens arquetípicas que correspondem às experiências vividas pelo humano e a realidade não são de causa e efeito, mas de similaridade e contiguidade, uma vez que a expressão do inconsciente se realiza de maneira não racional e pré-lógica.

A diferenciação do inconsciente entre individual e coletivo promove um entendimento desse como sendo uma composição de aspectos particulares e compartilhados. Nesse sentido, postula-se que o desenvolvimento psíquico humano – tanto em um nível ontológico quanto antropológico – está intimamente associado às produções culturais e históricas da espécie. Dessa forma, os arquétipos, as imagens universais que povoam o inconsciente coletivo, podem ser reconhecidos nas manifestações culturais de diferentes grupos e sociedades, seja na fala, no comportamento das pessoas ou nos seus mitos e sonhos. Pode-se, a partir disso, dizer que os arquétipos contribuem para a satisfação de algumas das principais necessidades humanas. O sentimento de pertencimento e de reconhecimento, o impulso para a realização e a expansão, a busca por independência e estabilidade, e inúmeras outras necessidades características do humano seriam, assim, forjadas e nutridas na matriz arquetípica do

inconsciente. Tal perspectiva coloca o pensamento junguiano como viabilizador de uma Psicologia Social baseada no estudo de aspectos subjetivos que possam configurar a vida em sociedade.

A importância do repertório subjetivo para a configuração da vida coletiva encontra na Teoria do Imaginário valor similar ao dado por Jung. O imaginário, descrito por Gilbert Durand, é concebido como o acervo de imagens da humanidade (DURAND, 2002). Essa abordagem possibilita uma compreensão do imaginário como ‘capital cultural’, definido como ‘o capital inconsciente de gestos do sapiens’. Sua assimilação se dá na inter-relação entre o indivíduo e a cultura, atuando como mecanismo de mediação entre o universo das imagens simbólicas e o das práticas simbólicas. Assim, o imaginário, é parte essencial na forma pela qual os grupos se organizam socialmente, uma vez que é próprio do humano recorrer aos sistemas simbólicos para organizar a vida (PAULA CARVALHO, 1986). Dessa forma, mais do que funcionar como uma mera coletânea de imagens produzidas no processo evolutivo do sapiens, o imaginário promove a superação da fragmentação entre indivíduo e coletividade ao compor o complexo quadro de referências humanas no qual cada um se conhece e reconhece. Nesse sentido, como aponta Durand (2002), todo estudo do imaginário se faz sob uma perspectiva antropológica. Dito de outra forma, o entendimento do imaginário conduz à noção de “trajeto antropológico” – a articulação do biopsíquico com o sociocultural – que se fundamenta nas trocas existentes ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas.

Pode-se pensar que o imaginário, assim como o arquétipo, configura-se, então, como o princípio sobre o qual se constroem as concepções de homem, mundo e sociedade. Um indício disso é que Durand (2004), tal qual Jung, confere um lugar privilegiado para o mito. Assim como Jung, Durand vê no mito uma importância vital. Nas teorias de ambos o mito atua como veículo de transmissão de verdades essenciais para a sociedade, resultantes da combinação entre imagem e símbolo. Combinação essa que é característica da capacidade sintetizadora e amplificadora do arquétipo.

O Imaginário como construção arquetípica

Um evento qualquer da vida, ao qual corresponde um arquétipo, promove uma ativação do conteúdo arquetípico, levando a uma reação instintiva que suplanta toda a razão e vontade (JUNG, 2000). Tais reações instintivas conformariam o desenvolvimento das inúmeras formas utilizadas pelos indivíduos e grupos para lidar com as experiências. Tais formas, expressas em comportamentos, emoções e percepções, espelhariam a substância do mito. Como produção imaginária, erigida sobre bases arquetípicas, o mito não opera apenas como uma tentativa de explicar e dar significado à existência, mas também atua como mecanismo de enfrentamento dos desafios oferecidos por ela. E um dos desafios fundamentais da existência humana é a consciência da própria finitude. Na visão de Durand (2002), o movimento de representar, figurar e simbolizar as faces do tempo e da morte, a fim de controlá-las, traduz o princípio constitutivo da imaginação. No imaginário, por meio do qual o humano cria possibilidades transcendentais, é possível amenizar, ainda que temporariamente, a angústia primária frente aos limites impostos pelo tempo e a morte.

Durand (2002) organiza sua teoria sobre o imaginário a partir da ideia de que os símbolos se agrupam em torno de núcleos organizadores (constelações), os quais são estruturados por isomorfismos, apontando para uma estreita relação entre os gestos do corpo (dominantes reflexas) e as representações simbólicas da experiência. A constelação dos símbolos ocorre porque eles se desenvolvem a partir de um mesmo tema arquetípico, ou seja, são variações sobre um arquétipo. O autor esclarece que seu método é baseado nos três grandes gestos dados pela reflexologia, os quais orientam a representação simbólica.

– O primeiro gesto está associado ao reflexo dominante de posição que leva a criança a perceber a verticalidade e a insistir na postura ereta do corpo. A dominante postural engloba as matérias luminosas, separação, purificação que são simbolizadas por armas e flechas: pertence à estrutura heroica/esquizomorfa.

– O segundo gesto está associado à nutrição, e está ligado à descida digestiva, à amamentação. Simboliza profundidade, água, caverna, taças e os cofres: pertence à estrutura mística/antifrásica.

– O terceiro gesto está associado aos gestos rítmicos, à sexualidade e a todos os representantes do ciclo como a roda: pertence à estrutura sintética/disseminatória.

Essas três dominantes reflexas fornecem a tecitura que forma o *schème*. O *schème* pode ser entendido como uma generalização dinâmica e afetiva da imagem, o qual faz a junção entre os gestos inconscientes da sensório-motricidade, entre as dominantes reflexas e as representações (PITTA, 2005). Segundo Durand (apud PITTA, 2004), as dominantes reflexas e as representações que se expressam nos *schèmes*, em contato com os meios natural e sociocultural, se substantificam em arquétipos. Nessa perspectiva, os arquétipos são moldes afetivos-representacionais que constituem o ponto de contato entre o imaginário e os processos racionais. É por meio de uma troca incessante entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas que se processa o trajeto antropológico, nele os arquétipos se fundem e se agrupam resultando em imagens, nas quais as estruturas simbólicas e os regimes diurno e noturno se encontram.

Os regimes diurno e noturno delineiam o trajeto evolutivo do humano frente aos desafios da própria existência. Primeiramente o imaginário cria as imagens nefastas da animalidade agressiva, expressas nos símbolos relativos às trevas e quedas aterrorizadoras. Posteriormente, são criadas imagens que irão combater os símbolos anteriormente expressos. Esse enfrentamento, então, se dá por meio de duas atitudes imaginativas: uma própria do regime diurno, correspondente à estrutura heroica, na qual monstros são combatidos por meio dos símbolos antitéticos, pela fuga ou pela espada; outra atitude que é própria do regime noturno. Esta procura captar as forças do devir, incorporando a inevitabilidade do tempo que está atrelada ao movimento rítmico da vida. Assim, no regime noturno, tem-se na estrutura mística a eufemização da angústia capaz de combater os monstros, enquanto na estrutura sintética busca-se a constância da fluidez temporal, recorrendo-se aos esquemas cíclicos e progressistas.

O Inconsciente coletivo e o símbolo como mediador da vida social

Ao associar-se o Imaginário ao universo das mediações simbólicas, expõe-se as trajetórias que o definem como o palco sobre o qual o homo sapiens constrói suas concepções de mundo e de sociedade. Assim, colocamo-nos diante de um fenômeno que abarca o humano como um todo, e que explicita a força motriz do inconsciente coletivo para a formação da cultura. Nesse sentido, a cultura tanto apresenta-se como um produto das práticas coletivas, quanto como o mecanismo de organização inconsciente dessas práticas. O Imaginário, assim como o inconsciente coletivo, adquire diferentes dimensões e significações, estabelecendo-se como o conjunto das atitudes imaginativas que resultam na produção e reprodução de símbolos pelo ser humano (DURAND, 2002). O símbolo pode ser entendido como a busca por uma imagem representativa, resultante de uma construção imaginal arquetípica, cuja função é materializar a atribuição de um sentido. O símbolo, quando culturalmente disseminado, funciona como elo que possibilita aos integrantes de um grupo social o mútuo reconhecimento.

Como é composto por fragmentos de um inconsciente coletivo, em todo símbolo encontra-se a essência de um arquétipo (SILVEIRA, 2007). Para Jung, o processo de simbolização se dá como função mediadora, uma tentativa de encontro entre opostos movida pela tendência inconsciente à totalização. O autor estabelece uma diferenciação entre os símbolos naturais e os símbolos culturais. Para ele, os primeiros são referentes aos conteúdos inconscientes da psique e representam variações das imagens arquetípicas essenciais, cujas origens arcaicas podem ser encontradas nos mais antigos registros e nas mais primitivas sociedades. Os símbolos culturais são aqueles que foram conscientemente adotados no longo da história como expressões de “verdades eternas” e que ainda são utilizados até hoje, sofrendo várias transformações e configurando imagens coletivas aceitas pelas sociedades modernas civilizadas (JUNG, 1964).

Em uma perspectiva social, portanto, pode-se pensar que é no universo da representação e do símbolo que se encontra a força instituidora do imaginário

na formação das sociedades. Se pensarmos que toda sociedade é, em certa medida, um sistema de interpretação do mundo, o conjunto simbólico por ela admitido corresponde ao complexo de suas significações imaginárias. É a partir dessa interpretação da função simbólica que Durand (2002) intenta colocar o estudo dos arquétipos fundamentais da imaginação humana. No entendimento de Durand, a concepção simbólica da imaginação pressupõe que as imagens contêm materialmente o sentido. Em relação a isso, Jung postulou que o processo simbólico é uma vivência na imagem e da imagem (JUNG, 2002). Ainda que seja possível estabelecer aproximações entre o significado do símbolo e de sua função social nos pensamentos de Jung e Duran, é válido ressaltar que há diferenças entre eles. Na concepção junguiana do inconsciente coletivo, os arquétipos são estruturas psíquicas que funcionam como suporte do pensamento (JUNG, 2002). O imaginário coletivo, por sua vez, é uma estrutura antropológica, cuja configuração se dá por meio de esquemas mentais que geram formas de imaginação, entre elas, os arquétipos (DURAND, 2002). Nesse sentido, diferentes conceitos resultam dos esquemas, sendo o arquétipo uma de suas formas, assim como estereótipos, papéis sociais e visões de mundo.

Na perspectiva oferecida por Durand, o arquétipo atua como um intermediário entre os esquemas subjetivos e as imagens fornecidas pelo ambiente perceptivo. Admite-se, portanto, que a experiência consciente remete ao repertório de imagens agrupadas no intervalo espaço-temporal da história vivida ou aprendida do indivíduo (DURAN, 2002). Dessa forma, ainda que os elementos arquetípicos universais possam ser identificados por diferentes indivíduos, em distintos grupos e culturas, os símbolos gerados pelo arquétipo serão diferentes. Essa diferença simbólica se deve às experiências conscientes vivenciadas pelos indivíduos e pelos grupos. Por um lado, em termos imaginários, a conexão entre o social e o natural resultará num conteúdo sociocultural. Por outro lado, apesar de não admitir a redução do símbolo a uma causalidade única, Jung defende que o aspecto coletivo dos arquétipos estaria mais próximo de categorias naturais do que de categorias culturais.

A primazia das categorias naturais na ordenação da psique pode ser percebida como reducionista, uma vez que os fenômenos coletivos também

podem ser entendidos por seu viés cultural e estereotípico e não somente por sua natureza arquetípica (ADAMS, 1997). Um avanço em relação à proposição junguiana sobre a função dos arquétipos no imaginário coletivo ocorre na medida em que os fatores econômicos, sociais, políticos e históricos são considerados nos estudos sobre os fenômenos culturais objetivando a compreensão da vida social (SAMUELS, 1995). Na visão do psicólogo e estudioso da obra de Jung, Andrew Samuels – “*O indivíduo se desenvolve no terreno das relações sociais e políticas, e, portanto, há um nível político do inconsciente*” (SAMUELS, 1995:78).

Assim como Samuels, outros psicólogos junguianos tentam expandir a compreensão da sociedade por meio do inconsciente. É o caso de Joseph Henderson (1984), que introduziu o termo “Inconsciente Cultural”. Essa noção procura revelar e explorar a dimensão entre o consciente e o inconsciente, o interior e o exterior, o indivíduo e a cultura. Henderson ressalta que muito daquilo que Jung considerava pessoal, hoje é percebido como culturalmente condicionado. Em adição, Michael Adams assinala a relevância de se reconhecer que muito do que era considerado naturalmente coletivo é também culturalmente condicionado (ADAMS, 1997). Esses autores promovem, assim, um resgate da cultura, ao considerarem sua influência tanto sobre os conteúdos mais subjetivos, quanto sobre aqueles compartilhados no campo social. Dessa forma, situando-se entre o inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal, o inconsciente cultural permitiria transitar nos espaços liminares dos fenômenos sociais.

O que se propõe, portanto, é que as imagens do inconsciente podem ser tanto arquetípicas, naturais, como podem ser adquiridas por meio da cultura. De uma forma ou de outra, as imagens do inconsciente são vivenciadas pela consciência sob a forma de símbolos (BYINGTON, 1988). A questão, então, é como alcançar um entendimento global da relação entre *Self* e cultura, ou entre imaginação e cultura. Uma solução possível parece ser a superação do reducionismo inerente aos modelos psicológicos ortodoxos e, a partir dos conceitos referentes ao sentido profundo da imaginação, considerar o papel da cultura como sistema compartilhado de significados.

A Vida social e a imagem da cidade

A tentativa de apreensão da vida social a partir de uma perspectiva simbólica, de seus substratos e produções imaginárias, requer um entendimento dos processos históricos que atuaram na construção da percepção que indivíduos e grupos têm do ambiente no qual vivem. Nessa direção, Schama (1996), advoga que não faz sentido separar cultura e natureza. Na visão do autor, não é possível se falar em uma natureza que já não tenha sido colonizada pela ação humana, seja em um nível ecológico ou relativo aos significados que atribuímos àquilo que é natural. Em sua análise histórica da paisagem, Schama demonstra como distintos grupos, em distintas épocas, podem atribuir significados diferentes a cada elemento ambiental, ressaltando como os arranjos de sentidos são feitos pelas culturas (SCHAMA, 1996).

Por um lado, a direção apontada por Schama propõe pensar a paisagem como sendo também um atributo da percepção humana, e não apenas como algo que está simplesmente ao redor, ou diante, de nós. O meio físico, portanto, não seria redutível a um dado externo ao sujeito. O ambiente, sua conformação e função, depende da mobilização de conceitos e impressões para ser enxergado como tal. Por esse ponto de vista, a percepção da paisagem pressupõe a existência de valores que promovam a definição do que é bom e do que é belo, assim como de seus opostos (BERTOLI, 2012). Na cidade, por exemplo, o valor atribuído à paisagem pela especulação imobiliária, ou pela ausência de saneamento básico, produz diferentes percepções e usos do espaço urbano.

Por outro lado, Castro (1997) afirma que todo imaginário social é também um imaginário geográfico. Segundo o autor, isso decorre do fato de que a imaginação, mesmo sendo resultado de um atributo humano, é também alimentada pelos atributos espaciais. Nesse contexto, ocorreria um processo interativo, no qual o imaginário urbano, imaterial, funcionaria como uma referência para a construção da cidade material, para a percepção e consequente formulação de imagens pelos cidadãos. O imaginário social,

portanto, forneceria as condições de visibilidade para os simbolismos presentes nas relações dos homens entre si e com o seu espaço (CASTRO, 1997).

O conceito de *topofilia*, adotado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan (2012), contribui para o entendimento da força que os afetos e as vivências cotidianas têm no desenvolvimento da relação que as pessoas estabelecem com o meio no qual habitam. De acordo com Tuan, é precisamente o mecanismo topofílico que transforma o espaço vivencial em um desdobramento do mundo subjetivo, na medida em que o sentimento de pertença ao espaço amplia o alcance simbólico das experiências nele vividas. O autor nos fala da familiarização com o lugar que ocorre com o passar do tempo. Esse (re)conhecimento do território habitado abarca a convivência que se estabelece entre as pessoas, com os objetos, com os lugares da casa e de seu entorno. O sentimento de pertença faz com que o sujeito deixe de ser apenas um “ocupador” do espaço, passando a ser parte da natureza ambiente em sua fusão cognoscente e simbólica (TUAN, 2012).

Na visão de Tuan (1983), espaço e lugar seriam termos familiares que indicam experiências comuns. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar na medida em que se passa a conhecê-lo e a dotá-lo de valor. (TUAN, 1983). Em uma certa medida, podemos pensar que são as práticas sociais cotidianas que conferem a um território qualquer o sentido de lugar. Nesse processo de territorialização, contudo, ocorre mais do que apenas uma relação de poder e de posse sobre um espaço geográfico. É no lugar que o humano gera condições para tentar satisfazer suas necessidades fundamentais de existência, tanto objetivas quanto subjetivas. As imagens evocadas pelas experiências íntimas da história pessoal e coletiva atribuem sentimento profundo ao lugar, dotando o território de definição e de significado.

Nesse sentido, o território existencial se apresenta como imagético, servindo de base para a construção e a afirmação de uma identidade coletiva. Enquanto a territorialidade é construída pelas práticas sociais, que se efetivam no espaço/tempo simbólico, o lugar remete ao sentimento gerado nas interações cotidianas com os objetos e entre pessoas. A vida social, portanto, pode ser entendida como o veículo por meio do qual se cria, se comunica e se interpreta como e o que fazer em um determinado lugar, em uma determinada paisagem.

Sobre isso, nos fala Tuan (2012) que o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia – do amor ao lugar – mas que ele fornece o estímulo sensorial que dá forma às nossas alegrias e ideais ao agir como imagem percebida.

Capítulo III: O Capital Social

*“Pode-se adquirir tudo em solidão,
exceto caráter.”*
Sthendal

A Vizinhança, A Cidadania e o Capital Social

A proposição de Tuan, a respeito do papel do ambiente como estímulo sensorial que contribui para a conformação de alegrias e ideais de seus habitantes, requer uma reflexão sobre o contexto da vida na cidade. A princípio, o território urbano possui características muito distintas do que poderia ser entendido como o meio ambiente ideal. O estresse cotidiano, típico da vida nos centros urbanos, é caracterizado por tráfego intenso de veículos e pessoas, poluição, excesso de informações sensoriais e deslocamento contínuo. Como se não bastasse o impacto do ambiente urbano sobre o bem-estar físico, ainda pesa a constante falta de privacidade e o isolamento social, fatores que predisõem ao adoecimento emocional. Por um lado, na cidade, é comum estar-se constantemente cercado por outras pessoas. Por outro, a maioria das pessoas com quem cruzamos no dia a dia é desconhecida, ou não é íntima o suficiente para que seja contabilizada como parte de um círculo social. Do ponto de vista psicológico – e a despeito de todas as vantagens e benefícios da vida urbana – viver na cidade pode ser desgastante para o corpo e a mente (SCARDUA, 2016).

Ainda no início da década de 1960, a escritora e ativista política norte-americana Jane Jacobs, em seu livro "*Morte e Vida das Grandes Cidades Americanas*", chamou a atenção para o fato de que o modelo de organização das cidades estava destruindo o capital social das populações urbanas (JACOBS, 1961). O conceito de capital social enfatiza a relevância dos vínculos sociais para a construção da cidadania e para o desenvolvimento social e econômico de comunidades e nações. Além disso, há evidências de que a presença de altos índices de capital social está associada a menores taxas de criminalidade e de adoecimento nas comunidades (KROLL, 2008). Nesse sentido, o capital social corresponde ao estabelecimento de redes de confiança entre os integrantes de uma população, nas quais valores e comportamentos são compartilhados tornando possível a ação cooperativa. Embora haja algumas breves citações anteriores por outros autores, a definição de 'capital social' é atribuída ao sociólogo James Coleman (1988), a partir do trabalho "*Social capital in the creation of Human Capital*".

Coleman levantou a hipótese de que o capital físico-econômico (insumos, infraestrutura e financiamento), capital humano (educação e preparação técnica) e capital social (relações de confiança) se complementam. Dessa forma, as relações de confiança e de reciprocidade em uma comunidade podem contribuir tanto para a otimização do capital físico-econômico quanto do capital humano. Nesse sentido, em duas ou mais comunidades em que as condições socioeconômicas e o nível de escolaridade das pessoas sejam constantes – assim como os recursos materiais disponíveis – o que diferenciará os níveis de mobilização coletiva e a utilização dos recursos disponíveis ao nível individual e grupal é a confiança estabelecida (SANTOS, 2003). A confiança mútua tem sido apontada como um dos principais fatores para o fomento da cidadania nos estudos sobre capital social (FUKUYAMA, 2000).

Robert Putnam, um dos principais expoentes do conceito de capital social, constrói a defesa do civismo como pilar fundamental da vida cidadã. Sua hipótese principal é a de que o associativismo horizontal, sendo o resultado da confiança, de normas claras e de redes de solidariedade, produz relações cívicas virtuosas. Diferentemente do associativismo vertical, que é dominado pela desconfiança, pela ausência de normas transparentes e pelo isolamento, o associativismo horizontal favorece a ação coletiva (PUTNAM, 2006). As alegações de Putnam são fruto de quase 20 anos de estudos sobre uma mudança institucional importante ocorrida no início dos anos de 1970 na Itália: a implantação dos governos regionais. As diferenças observadas no desempenho dos governos regionais do Norte e do Sul da Itália levaram o pesquisador a tentar descobrir as causas desta discrepância. Em suas análises, Putnam constatou que o tipo de comunidade existente em cada uma das regiões teria sido a causa mais fundamental dessas diferenças. No Norte da Itália, ele encontrou o que definiu como “comunidade cívica”, caracterizada por um número muito mais expressivo de organizações civis, tais como associações de bairro e jornais comunitários. Putnam argumenta que a comunidade cívica se caracteriza por cidadãos atuantes e imbuídos de espírito público, mediante o estabelecimento de relações políticas igualitárias e de uma estrutura social firmada na confiança e na colaboração (PUTNAM, 2000).

O trabalho do francês Aléxis de Tocqueville (1977) é, provavelmente, a maior influência do pensamento de Putnam. Em sua obra “A Democracia na América”, Tocqueville observou um forte caráter associativo e participativo na cultura norte-americana da época. Lançado na década de 1830, o livro foi essencial para se pensar o papel das organizações civis e políticas na construção dos conceitos de cidadania e de comunidade cívica. Para Tocqueville, a ação recíproca entre as pessoas seria fundamental para a edificação do sentimento comunitário e para a manutenção da civilização (TOCQUEVILLE, 1977).

Tomando por base os trabalhos de Tocqueville e de Putnam, pode-se pensar que os conceitos de civilidade e de civismo, assim como o sentido de comunidade na vida urbana, estão diretamente relacionados ao sentimento de confiança. Ao transpor-se tal premissa para a realidade brasileira encontra-se desafios característicos que, para muitos autores, possuem raízes na formação da cultura nacional (ESTEVES, 1998). O Cientista Político José Murilo de Carvalho (2002), por exemplo, atribui ao messianismo presente na cultura lusitana uma tendência dominante no imaginário brasileiro de se esperar que um “salvador da pátria” surja para resolver os problemas da nação. Essa atitude passiva, e expectativa salvacionista, estaria em oposição à ideia de confiança mútua entre cidadãos, que é um instrumento fundamental para a mobilização coletiva presente nas comunidades com alto índice de capital social.

Similarmente, Sérgio Buarque de Holanda, no clássico *Raízes do Brasil* (1984), aponta a continuidade da herança cultural ibérica nas origens da sociedade brasileira. O tema central na obra de Holanda é a análise do homem cordial. O autor explica a cordialidade como expressão típica do mundo rural e das relações patriarcais. Na cordialidade, a socialização leva a uma dissolução do indivíduo no interior das relações parciais e familiares de fundo emotivo. O sujeito, portanto, é compreendido como parcela periférica da sociedade. O homem cordial, ao contrário do que supõe o senso comum, não corresponde unicamente à personificação de uma atitude afável, gentil e branda. Cordialidade abrange todo e qualquer sentimento oriundo da esfera do íntimo, do familiar, do privado. Cordialidade, assim, vai de encontro à civilidade (HOLANDA, 1984).

Na visão de Holanda, a cordialidade – focada nas interações sociais baseadas exclusivamente no sentimento, cujas decisões fundam-se nas afiliações privadas e pessoais – seria o fundamento de uma sociedade hierarquizada, onde a recusa de qualquer valor igualitário obstaculiza relações horizontais de tipo associativo (ESTEVEES, 1998). Sendo assim, a sociedade conduzida pelo homem cordial dificultaria a construção do capital social, cuja existência depende de regras de reciprocidade e de sistemas de participação cívica. Sobre isso, é válido ressaltar o destaque dado por Putnam à relevância dos laços fracos na produção de capital social, muito em função da capacidade regulatória que esses apresentam ao nível de vizinhanças. Define-se como laços fracos as interações sociais derivadas de contatos menos frequentes e com menor proximidade, como o os que ocorrem entre conhecidos e vizinhos. Os laços fortes, ao contrário, são caracterizados por situações de conhecimento face a face, que envolvem grande periodicidade e intensidade, incluindo as relações de amizade e familiares (GRANOVETER, 1973).

Apesar do entendimento de que a formação do capital social é beneficiada pelos laços fracos, característicos das interações entre vizinhos, a forma como ele se consolida em uma vizinhança não é totalmente conhecida. Na literatura encontra-se evidências de que os índices de capital social em um bairro podem ser influenciados tanto pelas características físicas quanto pelas sociais, assim como pela interação entre os dois (ZIERSCH et al., 2005). Também as percepções dos moradores sobre o bairro em que vivem parecem influenciar os níveis de conexões na vizinhança, de confiança interpessoal e de segurança. (ARAYA et al., 2006). Em bairros percebidos como limpos, seguros e tranquilos por seus moradores o nível de satisfação e de associações na vizinhança tendem a ser maiores (LOVEJOY et al., 2010). O capital social também pode ser influenciado pela forma como o ambiente do bairro é planejado e projetado. Oportunidade para interações sociais não planejadas ou ocasionais com vizinhos – comum em bairros nos quais há mais espaços e condições para os moradores se deslocarem a pé – parecem contribuir para o capital social da vizinhança (LEYDEN, 2003). O capital social, portanto, aparece fortemente associado à satisfação com a vizinhança (VEMURI et al., 2011) e com a existência de espaços abertos e de áreas naturais (SCARDUA, 2016).

A vizinhança e as implicações psicossociais da vida no bairro

O que muitos desses estudos sobre vizinhança apresentam são indícios de que a qualidade da vida no bairro inevitavelmente molda a qualidade da vida urbana. Dito de outra forma, uma cidade será tão forte e vital quanto forem os seus bairros (FOSTER, 2006). Fatores diversos tendem a ocorrer com a expansão dos centros urbanos que afetam a vida nos bairros como, por exemplo: mudanças na precificação e valoração de imóveis promovidas pela especulação imobiliária, pelo adensamento populacional e pela transformação de zonas residenciais em mistas. Mudanças desse tipo podem não apenas ameaçar o bem-estar físico dos moradores com a geração de mais ruído, de menos áreas verdes, maior vulnerabilidade à violência, etc., mas também podem alterar as maneiras pelas quais as pessoas vivem e se relacionam (BLOKLAND, 2003). Uma ilustração disso é a tendência crescente, nos centros urbanos brasileiros, de construção de condomínios-clubes. Os moradores desses minibairros fechados e exclusivos acabam por não participar da vida coletiva de toda a vizinhança. Tal isolamento espacial tende a gerar uma fragmentação, geográfica e social, do bairro. Dificultando, assim, o tipo de aproximação essencial ao desenvolvimento de um sentido de vizinhança e de comunidade.

Psicologicamente falando, as relações sociais são uma necessidade básica da espécie humana. E a despeito do fato de que, objetivamente, os moradores dos centros urbanos estão ligados a muitas pessoas, o bem-estar dos indivíduos é dependente de que suas conexões possam suprir sua necessidade de parentesco e de pertencimento (RYAN & DECI, 2000). O sentimento de conexão com outros promove não só a saúde física, mas também o bem-estar emocional. Mais especificamente, diferentes medidas de bem-estar subjetivo estão associadas à qualidade das relações que uma pessoa estabelece com os outros (RYFF, 1989). As pessoas muito felizes relatam relacionamentos pessoais mais satisfatórios com amigos e passam mais tempo em relações positivas do que as pessoas que são moderadamente felizes (DIENER et al., 2003). De modo geral, há evidências consistentes de que o vínculo entre pessoas felizes e relações sociais de alta qualidade é extremamente robusto (LYUBOMIRSKY et al., 2005).

O que os estudos sobre interações sociais e bem-estar subjetivo parecem apontar é que as relações sociais cotidianas exercem um impacto considerável na qualidade de vida dos indivíduos e dos grupos. De modo ampliado, tais resultados convidam a pensar sobre o quanto o bem-estar de uma comunidade pode ser influenciada pelos ambientes físicos e sociais do bairro, ou seja, pelas disponibilidades materiais da vizinhança e pelas características das relações sociais entre os seus moradores (LOVEJOY et al. 2010). Tanto os ambientes físicos quanto os sociais nos bairros podem limitar severamente as escolhas e os recursos disponíveis para os indivíduos. Por um lado, a habilidade e a motivação de um indivíduo para se exercitar podem ser restringidas ao morar em um bairro que não possui áreas seguras para o exercício. Por outro, os moradores de uma vizinhança na qual as interações sociais são positivas e que, por isso, favorecem a ação coletiva, podem ser mais propensos a trabalhar em conjunto para alcançar objetivos comuns como, por exemplo: reivindicar, junto ao poder público, a criação de praças, quadras, etc. (UNGER & WANDERSMAN, 1985).

Neste sentido, é válido pensar que a experiência de uma vizinhança caracterizada por interações positivas pode ser articulada com o desenvolvimento psicossocial em todas as fases da vida. Não somente porque uma vizinhança baseada em relações sociais desse tipo contribuiria para o sentimento de pertença e de afiliação dos indivíduos, mas porque ela favoreceria a criação de mecanismos para a constituição de um ambiente de possibilidades para a aquisição de valores comunitários e sociais. Valores esses que conferem ao espaço público a produção de qualidade de vida e de promoção de bem-estar subjetivo (FARIAS & PINHEIRO, 2013). Assim, a conexão social proporciona aos indivíduos apoio emocional e realização pessoal, ao mesmo tempo em que os protege dos efeitos negativos do isolamento social. De certa forma, as redes sociais podem amortecer os efeitos do estresse advindo das condições objetivas e subjetivas geradas pelo ambiente. O que melhora a satisfação com a vida de indivíduos e grupos (HELLIWELL & PUTNAM, 2004). Conseqüentemente, as relações sociais em uma vizinhança podem ser consideradas um recurso de otimização da vida cotidiana, um fundo social que os próprios moradores podem construir e ao qual podem recorrer na busca por mais bem-estar.

A Cidadania como apropriação coletiva do espaço público

É um fato que grande parte das interações sociais em uma vizinhança ocorrem no espaço público. Não sem razão, muitos urbanistas consideram que as dinâmicas físicas e sociais que configuram o espaço público desempenham um papel central na formação da cultura pública (AMIM, 2008). Os locais de encontro e de convívio em uma vizinhança, tais como ruas, parques, praças, e outros, tendem a ser vistos como símbolos do bem-estar coletivo. Além disso, os espaços públicos também se constituem como locais nos quais as possibilidades de expressão dos anseios e aspirações coletivas se materializam. É no espaço público, seja uma praça, uma igreja ou uma associação de moradores, que a deliberação política em torno dos interesses comunitários costuma se delinear. Muito embora diferentes estudiosos divirjam sobre a dimensão e as características do impacto dos espaços públicos na vida coletiva, é recorrente, porém, o entendimento de que existe uma relação forte entre o espaço público urbano, a cultura cívica e a formação política (CARR et. al., 1993).

Desde filósofos gregos clássicos, como Aristóteles, até teóricos da modernidade urbana, como Simmel, Lefebvre e Jacobs, há uma linhagem de pensamento que postula a existência de um forte vínculo entre o espaço público urbano, a virtude cívica e a cidadania. Em geral, nessa linhagem de pensamento, entende-se que o espaço público, especialmente o aberto, favorece o encontro de pessoas diversas que, talvez, nem viriam a se encontrar de outra maneira. Sendo assim, o espaço público contribuiria para o desenvolvimento da tolerância entre as pessoas, para a apreciação prazerosa da experiência urbana, para o respeito pelos comuns e, principalmente, para o interesse pela vida cívica e política (CARR et. al., 1993). Ainda que, em certa medida, o espaço público tenha sido tomado pela lógica da sociedade capitalista no mundo contemporâneo, por meio e para além das práticas de consumo, a experiência do espaço público continua sendo de sociabilidade, de reconhecimento social e de aceitação geral dos códigos de conduta cívica. Continua a ser uma experiência que apoia a conscientização sobre os bens comuns. Ou seja, que ainda sustenta culturas de sociabilidade e sensibilidade cívica (MILES & MILES, 2004).

Robert Putnam, assim como outros teóricos do capital social, vêm a promoção da vida cívica para além dos espaços públicos abertos. Nessa perspectiva, espaços de convivência como clubes, associações, igrejas, etc., são parte fundamental da construção da cidadania. Na visão de Putnam, esses espaços públicos organizados e independentes, voltados para fins específicos, funcionariam como mecanismos de articulação social dos interesses civis. Sendo assim, eles atuariam como uma rede mediadora entre o indivíduo e o Estado (PUTNAM, 2000). Na comunidade cívica, portanto, a participação ativa dos indivíduos nessas instituições voluntárias confere a essas organizações o poder de influenciar as decisões de Estado. Na vizinhança, o contato cotidiano, presencial e face-a-face entre as pessoas nos espaços públicos, abertos ou fechados, promove o senso de identidade comum necessário à vontade de cooperação mútua, que é fundamental para influenciar os assuntos públicos.

Os espaços públicos são considerados fundamentais para a constituição da vida cidadã porque eles são, *a priori*, democráticos. Por um lado, os lugares públicos possibilitam a existência e o florescimento harmonioso da comunidade (LIPTON, 2002). Por outro, os espaços públicos, por serem do uso de todos, tendem a ser palco dos confrontos sociais. É no espaço público que se reivindica o “direito ao espaço”, é onde se dá a mobilização, a resistência e a subversão (MITCHELL, 2003). Os confrontos que caracterizam a luta pela apropriação coletiva do espaço público podem expressar interesses de grupos específicos que agregam indivíduos de diferentes localidades geográficas, ou o de comunidades que abrigam representantes de diferentes grupos sociais unidos pela proximidade espacial da vizinhança, por exemplo. Nesse sentido, o exercício da cidadania no contexto de apropriação do espaço público pode se concentrar tanto nos diferentes significados associados ao lugar, quanto se desenvolver em torno de lutas mais profundas sobre representações sociais ou "mitos" coletivos sobre os espaços (CRESSWELL, 1996). O fato é que os lugares têm suas próprias identidades e histórias que, se conhecidas por aqueles que os ocupam, podem ter um efeito sobre como eles são usados. As formas pelas quais o espaço é socialmente produzido são, portanto, essenciais para a compreensão de como os indivíduos e os grupos se envolvem com o espaço público (HOLLAND et. al., 2007).

O Capital Social e a construção da felicidade comum

A produção social do espaço público é tanto histórica quanto comunitária, ou seja, ela também se faz no cotidiano das pessoas por meio das conexões entre residentes e organizações. Em função disso, ela é importante para as teorias do capital social porque, apesar de as comunidades poderem exibir fortes laços privados – como ocorre entre amigos e parentes – esses não são suficientes para fomentar associações que levem ao alcance de resultados socialmente desejados (HALPERN, 2005). O componente institucional do capital social depende das organizações de vizinhança, assim como de suas ligações com outras organizações e com os residentes. Helliwell e Putnam (2004) apontam para o fato de que quando há mais interações positivas em uma comunidade, há maior disposição das pessoas para confiarem umas nas outras. Em concordância, outros autores concluem que um aumento na confiança social levará a aumentos nos índices de felicidade individual e coletiva (LAMBERT, 2017).

A confiança é uma das três partes constitutivas do capital social. As outras duas são as redes e as instituições (OSTROM & AHN, 2003). A ausência de confiança obstaculiza a reciprocidade, ou seja, inviabiliza a troca de ações semelhantes entre as pessoas. A reciprocidade é essencial para o capital social porque ela produz um equilíbrio eficiente nos relacionamentos, estabelecendo uma expectativa para cooperação futura. As redes sociais são criadas por meio da vivência da reciprocidade e da confiança. As redes tanto podem funcionar como um espaço para as trocas recíprocas entre indivíduos quanto podem se expandir para os níveis cultural e comunitário. A confiança mútua leva à construção de redes, e sua importância se dá, em grande medida, nas ações coletivas, como é o caso do engajamento no comportamento pró-social, voltado para a promoção do bem comum, que possui consistente correlação com o aumento da felicidade (LAMBERT, 2017). Estudos sobre bem-estar subjetivo sugerem que as percepções subjetivas sobre o capital social, especialmente a confiança nos outros e a participação em reuniões públicas comunitárias, são indicadores importantes que afetam a felicidade ao nível individual (HELLIWELL et. al., 2014).

As instituições constituem a terceira parte do capital social. E o sentimento de participação ativa nos processos institucionais está associado à experiência de felicidade, tanto no nível individual quanto coletivo. Na literatura sobre capital social, há evidências de que uma sociedade democrática possui impactos positivos sobre a felicidade (FREY & STUTZER, 2002). Isso ocorre porque quando as pessoas se sentem incluídas no processo de tomada de decisão elas são mais felizes. Sentir-se incluído socialmente também ajuda os indivíduos a lidarem com algumas das desvantagens da vida contemporânea, caracterizada por crescente alienação e isolamento (KROLL, 2011). Os benefícios do capital social auferido individualmente não se restringem a pessoa, mas beneficia toda a sociedade (HELLIWELL, 2008). Vizinhanças com alto capital social se tornam ambientes com maiores níveis de bem-estar subjetivo porque elas podem fornecer assistência mútua aos indivíduos.

Nessa perspectiva, o capital social – e seus aspectos de confiança, criação de redes e instituições – é um determinante importante da felicidade comum. Nas comunidades onde a confiança interpessoal é alta, o nível de complexidade das interações sociais é reduzido, tornando a vida mais agradável e mais segura, uma vez que os custos emocionais de lidar com o risco e a incerteza são menores (HELLIWELL, 2011). Nesse contexto, há maiores chances de que o engajamento cívico ocorra, uma vez que a cooperação gera emoções positivas associadas ao sentimento de felicidade (LAYARD, 2003). Além disso, o engajamento cívico também pode gerar sentimentos de utilidade e aumento da autoestima (ARGYLE, 1999).

O engajamento cívico por meio do voluntariado tem sido visto como uma confiável fonte de felicidade na vida comunitária (KROLL, 2011). A participação nas associações de bairro, ou nas organizações civis em uma vizinhança, permite aos indivíduos o acesso aos recursos disponíveis na comunidade através da rede social local e da ampliação das interações cotidianas. Dessa forma, as conexões positivas em uma comunidade não apenas fornecem suporte social para o enfrentamento do estresse resultante de pequenos problemas diários, elas também geram condições para o enfrentamento de maiores adversidades que podem comprometer a felicidade individual e coletiva.

Capítulo IV: A Felicidade

*“A verdadeira viagem de descobrimento não
consiste em procurar novas paisagens,
e sim em ter novos olhos.”*

Marcel Proust

A Paisagem Urbana e a Felicidade Cotidiana

Os sentimentos de pertença e de conexão com outras pessoas e com a comunidade na qual se vive são elementos essenciais da saúde humana e da felicidade. A forma como a paisagem urbana é organizada e percebida pelos habitantes desempenha um papel na mediação desse bem-estar social. Sentir-se parte de uma comunidade, socializar e se misturar com aqueles que vivem na mesma vizinhança é um fator importante na felicidade das pessoas (BURTON, 2014). Viver em bairros afastados, que não oferecem facilidades para as necessidades diárias e que exigem de seus moradores longos deslocamentos cotidianos, pode dificultar as conexões sociais e o estabelecimento de redes de confiança. Os moradores dessas localidades são menos propensos a se engajarem em atividades voluntárias em suas vizinhanças porque o tempo gasto em deslocamento no dia a dia rouba a disponibilidade para as interações sociais. O impacto negativo dos longos deslocamentos cotidianos também afeta diretamente os índices de felicidade. Pessoas que viajam por uma hora ou mais todos os dias, para chegar aos locais de trabalho e/ou estudo, apresentam menores níveis de felicidade e maiores de ansiedade quando comparadas com aqueles que viajam por menos de 15 minutos (MONTGOMERY, 2016).

Longe de ser tão somente um arranjo de tijolos e argamassa, os ambientes da vida cotidiana podem moldar a forma como as pessoas se sentem e interpretam a realidade. O fato de um espaço suscitar emoções positivas ou negativas nas pessoas está relacionado com suas características físicas e com o tipo de interação que ele viabiliza (ELLARD, 2015). Nesse sentido, a paisagem urbana – suas formas e seus sistemas – pode influenciar o nível de felicidade de seus moradores. Pessoas que vivem em torres residenciais com muitas unidades são mais propensas a se queixar de solidão, ao mesmo tempo em que tendem a se sentir com menos privacidade. Esses residentes apresentam níveis mais baixos de confiança e de engajamento com a vizinhança do que as pessoas em condomínios e habitações com menos moradores (MONTGOMERY, 2016).

Uma Maneira de se mitigar o impacto emocional negativo das altas densidades populacionais é a existência de áreas verdes na paisagem urbana.

A presença de elementos naturais no ambiente construído ajuda as pessoas a se recuperarem do estresse e da fadiga mental geralmente provocada pelo excesso de estimulação sensorial que caracteriza o cotidiano da vida urbana. Uma paisagem urbana que integre a natureza contribui para aumentar os níveis de humor positivo da população (ELLARD, 2015).

Emoções positivas também podem ser favorecidas pelo traçado das ruas em uma vizinhança ou cidade. Um traçado regular e em linhas retas tende a criar um ambiente monótono e desestimulante mentalmente. É válido ressaltar, porém, que o planejamento das ruas fundamental para viabilizar o deslocamento das pessoas e veículos de forma simples e ordenada. Traçados mais complexos, com mais curvas e ruas suavemente sinuosas, por exemplo, contribuem para que o campo de visão se abra gradualmente, mantendo o interesse dos pedestres na paisagem circundante (BURTON, 2014). Similarmente, cidades cujos bairros apresentam muitas calçadas, passeios, ruas de pedestres, etc., possibilitam aos seus moradores andarem mais a pé. Andando a pé as pessoas têm mais tempo para apreciar a paisagem, olhar umas para as outras, parar para conversar. Esses atos simples, realizados cotidianamente, fortalecem o vínculo comunitário, dando às pessoas a sensação de pertencimento ao lugar, de integração à coletividade e, conseqüentemente, de mais felicidade (LEYDEN et. al., 2003).

Por um lado, parece claro que as interações sociais têm papel relevante na felicidade dos indivíduos. Por outro, o excesso de contato contínuo com pessoas estranhas e a falta de privacidade que são comuns à vida na cidade podem ser um fator de estresse. Sendo assim, se uma cidade oferece aos seus habitantes espaços de convívio que também permitem o isolamento elas tendem a ser percebidas como mais convidativas. Isso é possível nos parques, por exemplo (McMAHAN & ESTES, 2015).

Em geral, os parques são pensados como espaços caracterizados tanto por serem locais para a interação coletiva, quanto por oferecerem cantos e recantos nos quais uma pessoa pode se recolher da multidão e apenas contemplar a paisagem. Talvez por isso, cidades com muitos parques tendem a

apresentar populações com índices mais altos de felicidade. Os parques também são boas opções para a prática de atividades físicas ao ar livre, e populações mais saudáveis tendem a ser mais felizes (SCARDUA, 2016). Aparentemente, portanto, a felicidade das populações em uma cidade ou nação está estreitamente associada à qualidade das relações que as pessoas estabelecem entre si no dia a dia. Seja pela oportunidade de uma interação mais pessoal com as pessoas do entorno no qual se vive, seja pela possibilidade de se afastar quando se perde a privacidade em meio a estranhos.

Acontece, porém, que não é somente a forma como as pessoas interagem entre si que irá definir o quanto se é feliz vivendo em uma cidade ou vizinhança. A maneira como as pessoas interagem com o próprio ambiente circundante pode ou não contar pontos para a experiência de felicidade (SCARDUA, 2016). O fato aparente é que o desenho e as condições físicas das cidades estão relacionados à felicidade dos habitantes. Cidades que são percebidas como limpas e seguras por quem nelas vivem, tendem a ter populações mais felizes. A associação entre felicidade e a busca pelo prazer estético na vida urbana vai além da mera satisfação sensorial e relaciona-se aos sentimentos de orgulho e de estima positiva. Há uma estreita correlação entre o quanto as pessoas percebem a própria cidade como bonita e o quanto elas se sentem felizes em habitá-la (PARK & PETERSON, 2010). A beleza de uma cidade está diretamente associada a dois fatores: suas características geográficas e suas condições de manutenção. As características geográficas são incontornáveis, no máximo o que se pode fazer é valorizá-las ou aprimorá-las. As condições de manutenção de uma cidade, contudo, dependem das pessoas que nela habitam. Administradores públicos que cuidam da manutenção das cidades adequadamente contribuem para a felicidade dos moradores. Assim, a confiança nas instituições e entre as pessoas é um fator relacionado ao índice de felicidade de populações, constituindo o capital social que leva os membros de uma sociedade a zelarem pelo que é de todos (LEYDEN, 2003).

A mobilização individual e coletiva para a manutenção da paisagem urbana não somente se beneficia do capital social, ela também é capaz de promovê-lo, favorecendo o bem-estar físico e emocional dos habitantes da

cidade. Um dos fatores que aparece como possível causa do adoecimento físico e mental dos habitantes de centros urbanos é a falta de contato com a natureza (McMAHAN & ESTES, 2015). Grande parte da terra disponível nas grandes cidades para a criação de espaços verdes – terrenos baldios e áreas industriais abandonadas – está localizada em bairros socialmente e economicamente frágeis. Em muitos casos, a transformação desses terrenos abandonados em hortas comunitárias surge como uma estratégia coletiva que possibilita resolver uma variedade de problemas relacionados à existência de espaços não utilizados na vizinhança. Hortas e jardins comunitários transformam áreas degradadas em espaços esteticamente agradáveis, favorecendo a autoestima dos habitantes (SCARDUA, 2016). Os benefícios dos espaços verdes comunitários vão muito além dos recursos físicos fornecidos, eles promovem relações de colaboração e redes sociais entre os moradores.

Estas redes, por sua vez, permitem aos residentes atuar em conjunto por objetivos comuns e a desenvolver um senso de controle sobre o próprio espaço. Os resultados de uma pesquisa em centenas de jardins comunitários na cidade de Nova York ilustram a centralidade desses espaços para o tecido social e a organização das vizinhanças em toda a cidade (FOSTER, 2006). O plantio de legumes e flores foram as atividades mais comuns nos jardins, mas a socialização e o trabalho coletivo apareceram como parte considerável do tempo dispendido com e nas áreas verdes. O que indica que as hortas comunitárias são lugares onde a vida é apreciada na companhia de familiares, amigos e vizinhos.

O capital social revela-se, assim, um recurso crítico em comunidades urbanas, especialmente nas grandes cidades, onde as pessoas podem levar uma vida razoavelmente segregada em bairros vulneráveis. Bairros nos quais os residentes só podem satisfazer as suas necessidades econômicas e sociais através da cooperação de uns com os outros. Dessa forma, quando uma comunidade tem quantidades suficientes de capital social também pode "comprar" muitos outros recursos sociais que criam e sustentam bairros saudáveis e, em última instância, cidades mais saudáveis e felizes.

Paisagem urbana e seu impacto na qualidade de vida

O conceito de qualidade de vida está fortemente enraizado no pensamento sobre a saúde, e a relação entre saúde e ambiente contribui para seu entendimento. A saúde tanto pode ser vista como um indicador de habitabilidade quanto a qualidade ambiental pode ser entendida como determinante da saúde. Em função disso, a saúde pode ser definida como resultado de fatores genéticos, do estilo de vida e da qualidade do ambiente físico e sociocultural. Saúde e habitabilidade constituem, contudo, duas dimensões da qualidade de vida e devem ser tratadas como aspectos de um processo dinâmico. Um processo que combina aspectos espaciais, físicos e sociais do meio ambiente e a percepção que os habitantes têm desses (VAN KAMP et. al., 2003).

O debate sobre ambiente sustentável e qualidade de vida dos habitantes da cidade aponta para uma definição da sustentabilidade como um processo adaptativo para facilitar e manter o bem-estar humano por meio de ações em resposta a mudanças dentro e além da paisagem urbana (WU, 2014). Sendo assim, pode-se pensar que a qualidade das paisagens e a qualidade de vida das populações, que são parte integrante dessas paisagens, são determinadas pela estreita inter-relação entre os aspectos econômicos, sociais e culturais que se estabeleceram no longo do tempo e no espaço. Além disso, esta inter-relação está fortemente enraizada nas especificidades de cada paisagem. A conservação ou o aprimoramento das características de cada paisagem, portanto, favorece uma maior qualidade de vida para as pessoas porque satisfaz as necessidades recreativas, emocionais e espirituais, bem como o sentido da identidade da comunidade (VAN KAMP et. al., 2003).

O desejo de melhorar a qualidade de vida é um foco importante de atenção para os planejadores urbanos, e requer a consideração de diferentes atributos: transporte, oportunidades recreativas, densidade populacional, disponibilidade de serviços e comodidades públicas, segurança, integração social, respeito pela diversidade e identidades culturais, acessibilidade, preservação de patrimônio histórico, etc.

A consideração de atributos econômicos, ambientais e sociais para a promoção de qualidade de vida não é uma novidade absoluta no planejamento urbano. O trabalho pioneiro de Ebenezer Howard (1996), ao conceber a “cidade-jardim”, abriu um vasto campo de debate e de estudo sobre o papel do planejamento urbano na promoção de uma vida com mais qualidade para seus habitantes. Desde a contribuição de Howard, porém, muita coisa mudou, não apenas na vida e na organização das cidades, mas na forma como ela é percebida por quem nela vive. Com o crescimento da produção industrial e do comércio as cidades tornaram-se espaços únicos para o desenvolvimento humano. No decorrer dos séculos XIX e XX, os centros urbanos adquiriram a primazia como o local no qual floresce o conhecimento, a ciência, as artes, a cultura. Assim, a cidade tornou-se o espaço no qual as mais variadas possibilidades profissionais são possíveis, onde se tem mais acesso ao conforto dos avanços científicos e tecnológicos. Essas e muitas outras coisas fizeram da cidade um destino sonhado para a maioria da população humana.

Ainda na década de 1970 já era claro para muitos pesquisadores e planejadores urbanos que o constante afluxo de pessoas para os centros urbanos gerava problemas de diversas ordens. Especialmente, eram perceptíveis os impactos advindos das relações entre os seres humanos e o meio ambiente. Por exemplo, é nesse contexto, de preocupação quanto aos efeitos da interação entre ser humano e ambiente, que a Psicologia Ambiental adquire o caráter de disciplina acadêmica. É somente na década de 1990, contudo, que ela amplia seu escopo de estudo, incluindo entre seus temas de interesse a melhora da qualidade de vida das pessoas em seu ambiente sociofísico (MOSER, 1998). A Psicologia Ambiental não se ocupa apenas da vida nas cidades, ela se interessa por todo e qualquer ambiente no qual o ser humano conduza a própria existência. Ainda assim, as cidades acabam sendo um ponto focal nos estudos socioambientais de diferentes disciplinas, seja por ser o local de moradia da maior parte da humanidade, seja por oferecer uma ampla gama de tipos humanos e modelos de interação das pessoas com o ambiente. Afinal, a cidade tornou-se um mosaico da cultura humana, agregando em seu espaço pessoas vindas dos mais diferentes lugares e dos mais diversos estratos sociais.

A Felicidade como indicativo de qualidade na vida social

Por sua diversidade sociodemográfica e sociocultural, poderíamos até mesmo pensar nas cidades como modelos reduzidos da própria humanidade. Talvez por isso que os índices de felicidade dos indivíduos que habitam uma cidade em um determinado país costumam ser indicativos da felicidade da nação. Um país cuja população tem altos índices de felicidade tende a ter mais cidades felizes. Ou seja, as cidades são retratos, expressões da qualidade de vida de um país. Elas revelam o quanto viver em um país pode ou não contribuir para a felicidade individual e coletiva (DIENER et. al., 2003). E esse é um dos aspectos mais interessantes sobre a felicidade nas cidades e nações que a Psicologia Positiva tem revelado: é mais fácil para um indivíduo se sentir feliz em uma sociedade quando nela há condições que beneficiam a coletividade (LEYDEN et. al., 2011).

As cidades, em certa medida, sempre foram percebidas como lugares de contradições, sendo muitas vezes retratadas como lugares insalubres caracterizados pela poluição, pelo crime e o pior da natureza humana. Lugares onde as pessoas vivem juntas, mas muitas vezes não sabem nada sobre a vida umas das outras, onde os valores da comunidade foram corroídos. Mas, como lugares de contradições, a agitação da vida urbana sempre atraiu pessoas. As cidades oferecem novas possibilidades de liberdade de expressão, e oportunidades para conhecer pessoas de diferentes lugares, assim como caminhos de vida com novas perspectivas. As cidades sempre estimularam novas ideias e pensamentos, desafiando a engenhosidade humana para responder às necessidades da sociedade urbana.

Se pensarmos que na cidade é comum estarmos o tempo todo em contato com outras pessoas, conhecidas ou estranhas, podemos concluir que, de certa maneira, estamos continuamente nos relacionando. Essas pessoas com quem nos relacionamos no dia a dia pode ser o vizinho ou aquelas pessoas com as quais esbarramos regularmente na padaria, na faculdade, no ponto de ônibus, no bar. Na cidade estamos em permanente interação social e, gostemos disso ou não, isso afeta a nossa felicidade individual (MARKS & SHAH, 2005).

Se importar com a coletividade, zelar pelo que é de todos, confiar, apreciar a beleza, etc., são atitudes associadas às Forças de Caráter propostas pela Psicologia Positiva (SELIGMAN, 2002). Um dos pontos centrais da Psicologia Positiva é identificar e desenvolver os pontos positivos dos indivíduos, dos grupos e das instituições. Esses pontos positivos também são conhecidos como “Forças de Caráter”, ou seja, características psicológicas que ajudam a desenvolver as virtudes associadas a um bom caráter e a uma vida mais feliz. A Psicologia Positiva reconhece 24 forças de caráter, que estão associadas a seis virtudes. Essas virtudes são ubíquas. O que isso quer dizer? Que elas se encontram presentes em inúmeras culturas. (PETERSON & SELIGMAN, 2004).

O interessante sobre a noção de bom caráter, como proposto pela Psicologia Positiva, é que ele depende de um esforço consciente para que alguém possa desenvolver e utilizar suas características psicológicas positivas: as forças de caráter. Quando pensamos nas características das cidades e nações que favorecem a felicidade entre seus habitantes é válido refletir sobre como as forças de caráter podem atuar nesse processo.

Um estudo de 2010, realizado em mais de 50 cidades dos Estados Unidos, buscou associações entre o perfil sociocultural da cidade e o índice de forças de caráter entre seus habitantes (PARK & PETERSON, 2010). Os resultados demonstraram que as cidades nas quais os moradores apresentaram níveis mais elevados de forças associadas aos processos intelectuais como curiosidade, gosto pela aprendizagem, abertura a novas ideias, etc., tinham um perfil mais empreendedor e inovador. As cidades com moradores que apresentaram níveis mais elevados de forças de caráter associadas às emoções como gentileza, bondade, gratidão, etc., apresentavam um perfil mais conservador e mais comunitário.

Do ponto de vista da Psicologia Positiva, uma cidade, vizinhança ou país que conseguisse agregar tanto a vocação para empreender e inovar quanto para conservar e acolher tenderia a favorecer uma vida mais feliz para seus moradores (MARKS & SHAH, 2005).

Os caminhos da felicidade na vida cotidiana

A oferta de educação de qualidade, vida cultural intensa, condições para investimento em ciência e tecnologia, etc., poderia contribuir para o desenvolvimento das forças associadas às virtudes intelectuais nas pessoas. Da mesma forma, mais e melhores condições para o convívio social e a integração comunitária com ruas, calçadas e passeios limpos e seguros, parques, etc., contribuiriam para o desenvolvimento das forças de caráter associadas às emoções (SCARDUA, 2016). Pensar em cidades capazes de fomentar o que há de mais positivo nas pessoas é conceber cidades para a felicidade. Cidades que ofereçam muitos e diversos caminhos para que seus habitantes possam construir a própria felicidade.

E, sim, há diferentes caminhos possíveis para se construir felicidade. Alguns teóricos da felicidade defendem que o caminho para ser feliz é o das sensações, emoções e sentimentos prazerosos e agradáveis. Esses são os hedonistas. Outros teóricos propõem que o caminho para a felicidade é o que preconiza uma vida virtuosa, na qual se busca o crescimento pessoal, relações estáveis e significativas, propósito e autonomia. Esses são os eudaimônicos. Martin Seligman (2002), em sua teoria da Felicidade Autêntica, propõe uma integração entre Hedonismo e Eudaimonia. Ele advoga que ambos os caminhos podem contribuir para uma vida feliz e sugere três direções nesse sentido: prazer; engajamento e significado. Estudos empíricos demonstram que nenhum desses caminhos isoladamente é suficiente para a construção de uma vida plena, mas que todos eles podem propiciar alguma felicidade de diferentes maneiras.

Para uma vida plena, o ideal é que se busque caminhar nessas três direções. O que isso quer dizer? Quer dizer que a vida plena consiste em experienciar emoções positivas, engajar-se em algo que se considere com valor e encontrar significado para a própria existência. De todos os três caminhos, o do prazer é o que gera menos satisfação com a vida, mas ajuda a aumentar os níveis de bem-estar.

Experienciar sensações, emoções e sentimentos positivos contribui para manter o estado emocional global positivo por mais tempo. Cidades que oferecem belas construções, áreas verdes e floridas, atividades culturais, ambientes limpos e bem cuidados, etc., favorecem a vivência de sensações prazerosas e de emoções positivas em seus moradores. Logo, contribuem para a felicidade deles (MARKS & SHAH, 2005). A felicidade também pode advir pelo engajamento, por envolver-se ativamente em atividades que dão a sensação de completa absorção e entrega. Atividades que fazem o “tempo parar”.

O estado de imersão em uma atividade foi estudado por Mihaly Csikszentmihalyi (1990), e recebeu o nome de “*Flow*” (fluxo). Estudos mostram que o estado de *flow* pode prolongar a sensação de bem-estar de uma pessoa por muito tempo quando permite a expressão de um talento, uma habilidade, etc. Cidades que ofereçam oportunidades de aprendizado variadas, formais ou informais, sejam artísticas, esportivas ou utilitárias, contribuem para o *flow* e a felicidade de seus habitantes. Cidades não poluídas visualmente, com belas paisagens, com trânsito e barulho controlados, podem favorecer o estado de fluxo nos trajetos cotidianos, nos quais as pessoas podem apreciar a paisagem e cultivar estados mentais menos estressados e mais focados. Cidadãos que se sentem mais capazes, realizadores e menos estressados tendem a ser mais felizes.

Por fim, temos o caminho da vida significativa. Nesse caminho a capacidade de encontrar razão para a própria existência é fundamental. E isso pode ser feito promovendo-se vínculos sociais positivos, trabalhando por uma causa coletiva, etc. A busca de significado na vida, então, depende de encontrar propósito, direção e sentido. Cidades que oferecem possibilidades de sólida vida comunitária, seja por meio de associações religiosas, políticas, científicas, culturais ou de qualquer outra ordem, contribuem para que seus moradores encontrem propósito e significado. Cidades nas quais os habitantes se sentem pertencentes à comunidade, ao território em que vivem, tendo a sensação de que o que fazem é importante para a coletividade, ajudarão seus moradores a encontrarem sentido para suas vidas. O quanto o lugar no qual vivemos contribui

ou não para a nossa felicidade parece, então, ter certa relação com como esse lugar nos faz sentir em relação a quem somos no mundo.

Capítulo V: Metodologia

*“O mistério nos assedia,
e justamente o que vemos e fazemos todos os dias
é o que oculta a maior soma de mistérios.”*

Henri Fredrick Amiel

Os Bairros

Os bairros de Jardim Camburi e da Praia do Canto estão entre os mais prósperos e urbanizados da cidade de Vitória. Ambos se localizam à beira mar, sendo que Jardim Camburi fica em frente a uma praia oceânica, enquanto a Praia do Canto encontra-se situada em frente a uma praia de enseada. Os dois bairros contam com ampla rede de comércio de rua, bares, restaurantes, cafés, supermercados, farmácias, shopping, etc. A rede de serviços oferecidos pelo poder público e pela iniciativa privada, nos dois bairros, é a mais completa do município, e conta com escolas, faculdades, academias, hotéis, clínicas e consultórios médicos, laboratórios, postos de saúde, delegacia de polícia, transporte público, pontos de taxi e feiras livres. Em Jardim Camburi há também um hospital privado que oferece vários serviços ambulatoriais e internação. Tanto na Praia do Canto quanto em Jardim Camburi há parques públicos e privados, praças e quadras de esporte públicas, clubes e demais espaços ao ar livre para o convívio social, atividades de lazer e esportivas, como o calçadão das praias de Camburi e da Curva da Jurema.



Vista aérea do bairro Jardim Camburi. À esquerda tem-se a Reserva Natural da área do Aeroporto de Vitória e a Rodovia Norte-Sul. À direita é possível observar a Praia de Camburi, o calçadão e o início da Reserva Florestal da Vale.



Vista aérea do bairro Praia do Canto. À esquerda tem-se o Canal de Camburi e a ponte de Camburi, que liga o bairro à Praia de Camburi. À direita é possível observar o bairro, uma de suas principais avenidas, a Rio Branco, e o Morro do Cruzeiro ao centro.

De acordo com levantamentos oficiais, divulgados pela Prefeitura Municipal de Vitória, as principais queixas dos moradores dos dois bairros giram em torno da falta de segurança. Tanto na Região de Jardim Camburi quanto na da Praia do Canto, as maiores demandas relatadas foram a necessidade de diminuição dos crimes contra o patrimônio e insegurança provocada por pessoas em situação de rua. Melhorias para a mobilidade urbana e trânsito em geral encontram-se, igualmente, na lista de prioridades dos moradores dos dois bairros. Esses dados revelam que, em termos objetivos, há mais similaridades entre os dois bairros do que diferenças significativas.

Dentre as diferenças sociodemográficas entre os dois bairros, o contingente populacional talvez seja a mais evidente. Jardim Camburi é o bairro mais populoso do Estado do Espírito Santo e, conseqüentemente, de Vitória. A Praia do Canto é o terceiro mais populoso, mas a diferença entre o número de habitantes nos dois bairros é considerável. Os dados oficiais sobre a população de Jardim Camburi datam de 2010, neles o total de habitantes do bairro é de 39.157. Mais recentemente, 2015, dados extraoficiais atestam que a população do bairro estaria girando em torno de 50 mil habitantes. A Praia do Canto, por sua vez, conta oficialmente com 15.147 habitantes. O fato é que, desde o ano 2000, o bairro de Jardim Camburi tem vivido um crescimento muito acima da

média dos outros bairros da cidade. Um dos fatores que contribuiu para isso é a extensão do bairro, que mesmo com um crescimento incomum ainda apresenta muitas áreas livres e desabitadas. Outros fatores foram o financiamento público para a construção civil e a aquisição de imóveis e as características do bairro, com localização em frente ao mar e infraestrutura considerada completa pelos moradores da cidade. Pesquisa de opinião recente, 2017, realizada por associação de redes imobiliárias, revelou que Jardim Camburi é o bairro da cidade mais desejado como local de residência pela população da Grande Vitória.

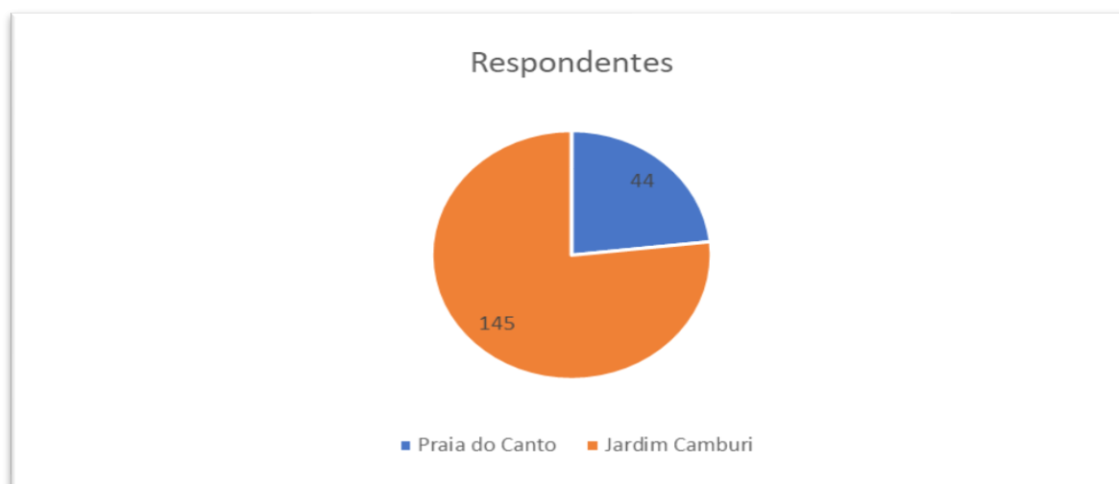
A Praia do Canto, apesar de ser um bairro visto como ideal por parte significativa dos entrevistados é, também, percebido como inacessível pela maioria da população. O que, a princípio, estaria mais relacionado com uma visão estereotipada do bairro, uma vez que o preço do metro quadrado na Praia do Canto é, em média, R\$ 400,00 reais mais caros do que em Jardim Camburi. O que é perceptível nos bairros é que, diferentemente da Praia do Canto, Jardim Camburi possui maior heterogeneidade no padrão dos imóveis e, conseqüentemente, na população que o habita. No bairro encontra-se desde conjuntos residenciais populares, muitos edifícios mais antigos sem elevador, casas unifamiliares mais simples até apartamentos em condomínios que valem milhões e mansões ajardinadas. Na Praia do Canto há uma maior homogeneidade no padrão dos imóveis, muito embora ainda se encontre edificações antigas, especialmente edifícios sem elevador e sem outros atrativos valorizados no mercado imobiliário da cidade, como varanda, área de lazer e várias vagas de garagem.

A despeito dessas distinções na configuração imobiliária dos bairros, e das diferenças na geografia e na formação histórica e socioeconômica de Jardim Camburi e da Praia do Canto, hoje os bairros se aproximam em termos de indicadores de qualidade de vida. Nesse sentido, as condições ambientais objetivas dos dois bairros estariam em acordo com muitos dos aspectos que são considerados necessários em uma vizinhança para promover a interação social e a felicidade de seus habitantes. E essa é a principal razão que justifica a escolha desses bairros para este estudo. Uma vez que a hipótese que motivou

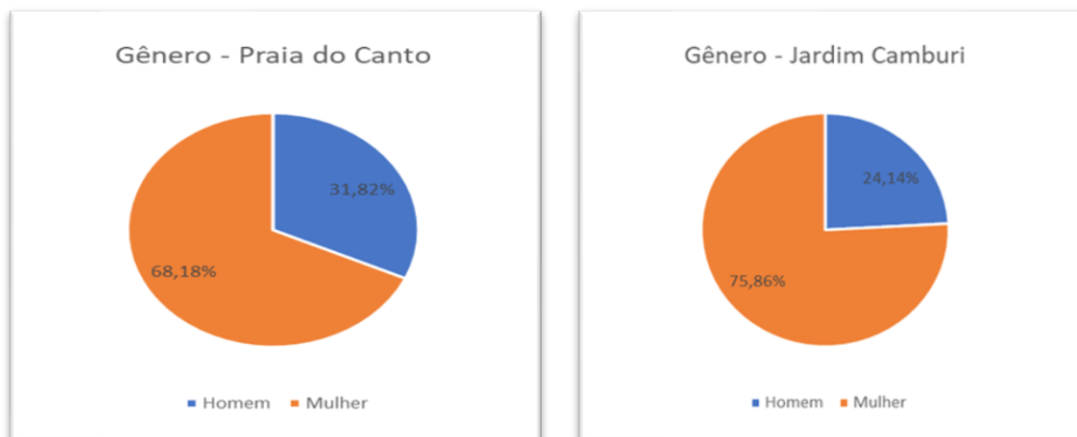
este trabalho se baseia na investigação de fatores culturais, inconscientes e subjetivos, ao escolher dois bairros que são considerados os melhores para se viver em Vitória, tentou-se eliminar as variáveis socioeconômicas, associadas à desigualdade e à pobreza, que tradicionalmente são relacionadas à ausência de capital social e de felicidade entre populações urbanas.

Os Moradores

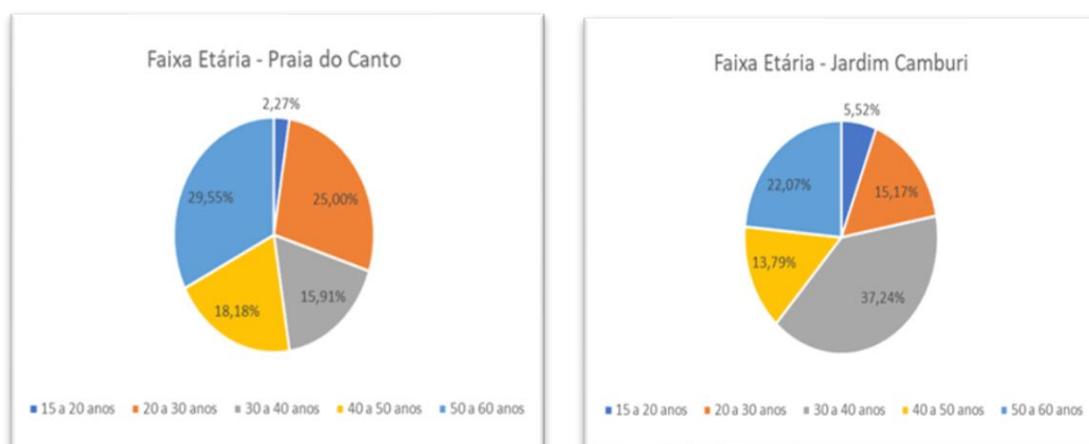
A amostra desse estudo foi constituída por 189 moradores dos dois bairros pesquisados. Eles contribuíram com os dados analisados nessa pesquisa respondendo aos questionários online. Dos 189 participantes, 145 são moradores do bairro Jardim Camburi e 44 são do bairro Praia do Canto.



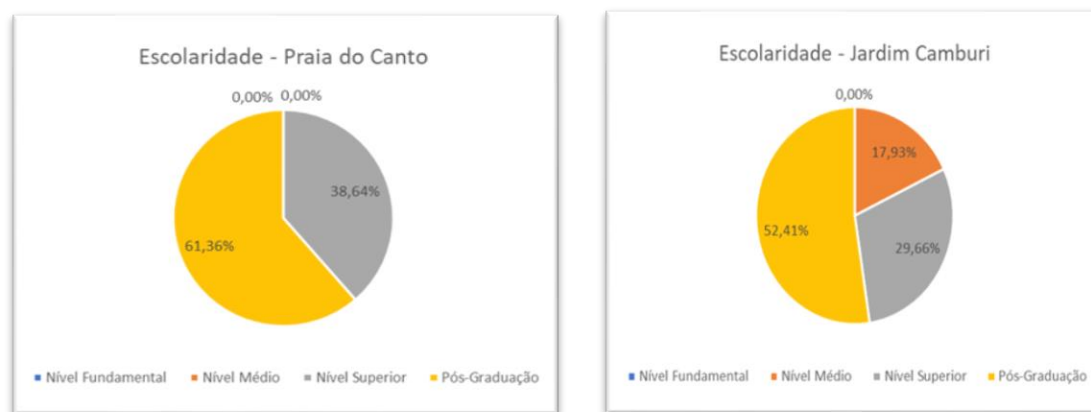
Dentre os 44 respondentes da Praia do Canto, 68,18% foram mulheres e 31,82% foram homens. Entre os participantes de Jardim Camburi, dos 145, 75,86% foram mulheres e 24,14% foram homens.



A faixa etária dos respondentes concentrou uma maioria de adultos entre 50 e 60 anos Na Praia do Canto (29,55%), e entre 30 e 40 anos em Jardim Camburi (37,24%). Essa diferença na predominância das faixas etárias entre os respondentes dos dois bairros é, de certa forma, representativa da população de cada um deles. Segundo dados oficiais da Prefeitura, a maioria da população residentes na Praia do Canto (cerca de 29% do total) encontra-se entre os 45 e 65 anos, ao passo que a maioria dos moradores de Jardim Camburi encontra-se na faixa entre o 25 e 45 anos (em torno de 39% do total dos residentes).



Quanto à escolaridade, 61,36% dos participantes da pesquisa que moram na Praia do Canto relataram ter pós-graduação e 38,64% declararam ter nível superior. Entre os respondentes do bairro de Jardim Camburi, 52,41% relataram ter pós-graduação, 29,66% nível superior e 17,93% segundo grau.

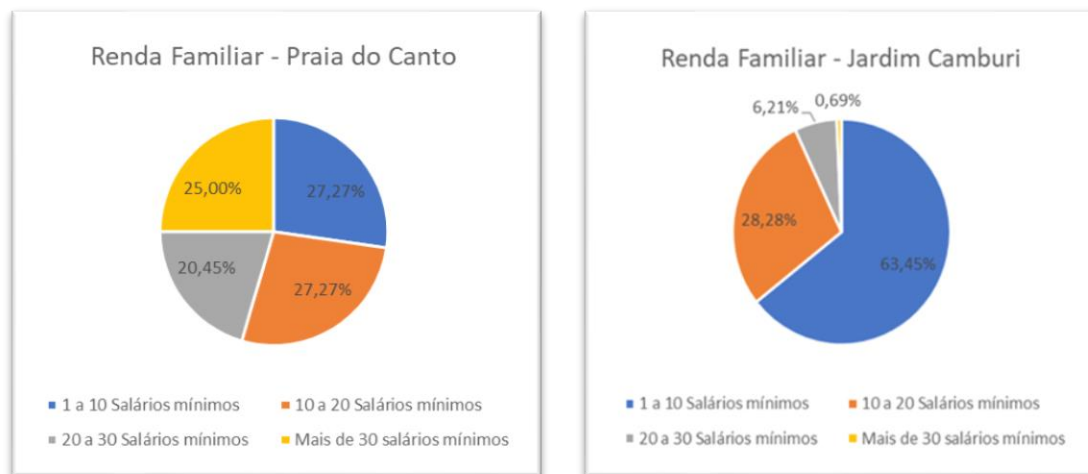


Entre 1 a 10 salários mínimos e entre 10 a 20 é faixa de renda na qual se encontra a maioria dos participantes da pesquisa que moram na Praia do Canto, 27,27% cada uma. Na faixa mais alta, mais de 30 salários mínimos, encontra-se 25% da amostra do bairro, e nos 20,45% restantes estão aqueles que cuja renda é de 20 a 30 salários mínimos. Para os participantes da pesquisa que moram em Jardim Camburi, 63,45% estão na faixa de 1 a 10 salários mínimos; 28,28% encontram-se na faixa dos 10 a 20 salários mínimos; 6,21% de fazem parte da faixa dos que recebem de 20 a 30 salários mínimos mensalmente. E apenas 0,69% dentre os respondentes de Jardim Camburi encontram-se entre os que ganham mais de 30 salários mínimos.

Os dados sobre renda, apurados entre os respondentes dos dois bairros, são discrepantes com os dados oficiais disponibilizados pela Prefeitura de Vitória. Os dados da Prefeitura, referentes ao ano de 2010, indicam que o rendimento nominal médio mensal tanto em Jardim Camburi quanto na Praia do Canto se encontra ente 5 e 10 salários mínimos. Uma explicação possível para essa discrepância seria o fato de que: o percentual de pessoas mais jovens na amostra de Jardim Camburi estaria representado por famílias recém-formadas por jovens casais. Um número significativo de jovens casais entre os moradores de Jardim Camburi é uma característica que, aparentemente, tem mudado a demografia do bairro.

Essa mudança parece estar associada ao crescimento acelerado que o bairro viveu nos últimos anos, assim como ao acesso facilitado ao financiamento imobiliário. Na amostra da Praia do Canto, ao contrário, tem-se um perfil de

respondentes mais velhos. Similarmente, uma população mais velha é uma característica da Praia do Canto que aparece nos dados oficiais sobre a população do bairro. Pode inferir, portanto, que pessoas mais velhas apresentam mais chances de serem integrantes de famílias cujo padrão socioeconômico já está estabelecido e não em formação, como é o caso de jovens casais.



Coleta e Análise de Dados

Basicamente, duas ferramentas foram utilizadas para a coleta de dados nessa pesquisa: um questionário online, que foi disponibilizado na plataforma *Google Docs*, e as comunidades virtuais dos dois bairros na plataforma *facebook*. A divulgação do questionário, visando a participação das pessoas, se deu nas comunidades virtuais dos bairros e em grupos no aplicativo para *smartphone* whatsapp. O questionário apresentava 35 perguntas, das quais 5 eram relativas a dados sociodemográficos (idade, sexo, renda, etc.). As 30 perguntas restantes foram elaboradas de maneira a investigar os três conceitos abordados nesse estudo: Imaginário; Capital Social e Felicidade (**Anexo I**).

Sobre o Imaginário

As perguntas do questionário voltadas para uma tentativa de investigação de conteúdos simbólicos, relativos ao Imaginário dos moradores sobre a paisagem que habitam, foram elaboradas e analisadas tendo por inspiração o teste At-9, criado por Yves Durand (2002).

A ideia central de se adotar como ferramenta um questionário não foi, absolutamente, a de se utilizar a metodologia proposta por Yves Durand (2002) para mapeamento das Estruturas do Imaginário no teste At-9. O que se pretendeu neste trabalho, no entanto, foi recorrer a algumas das categorias propostas por ele para tentar identificar referências a elementos do imaginário sobre a paisagem presentes na narrativa dos moradores dos bairros. Em sua concepção original, o At-9 resulta em um protocolo advindo de um desenho, que é suscitado por nove estímulos arquetípicos. Esses 9 elementos são, em ordem de aparecimento: queda, espada, refúgio, monstro devorante, algo cíclico (que gira, produz ou progride), personagem, água, animal (pássaro, peixe, réptil ou mamífero) e fogo. Além do desenho, há também uma narrativa a respeito do desenho realizado e um questionário que busca, principalmente, a função e o significado – simbólico – dos elementos utilizados (PAULA et. al., 2001). A partir da forma como os elementos são considerados na história imaginada, e registrados pictórica e semanticamente nos protocolos do teste, é possível verificar a estrutura do imaginário e conhecer o universo mítico de um indivíduo e/ou grupo.

- **Questionário online (Anexo I):** Seis perguntas ao todo foram pensadas com o objetivo de se investigar elementos do Imaginário dos respondentes sobre a paisagem dos bairros. Para esse propósito, elaborou-se perguntas que requeressem do sujeito o uso de referências imagéticas e a descrição de afetos para ilustrar a sua percepção do bairro em que reside. Obteve-se, assim, 264 (6 X 44) respostas relativas aos conteúdos do imaginário por parte dos respondentes do bairro Jardim Camburi. Dos respondentes da Praia do Canto, obteve-se 870 (6 x 145) respostas. As respostas foram, então, classificadas e agrupadas em seis categorias, que foram inspiradas nos elementos do imaginário presentes no teste At-9 (DURAND, 2002). São elas: Queda (Monstro Devorador); Espada; Refúgio; Ciclo; Água e Personagem.

Como pode ser visto, as categorias definidas para esse trabalho excluem os elementos “Animal” e “Fogo”, e agrupam em uma mesma categoria os dois elementos “Queda” e “Montstro Devorador”. Animal e fogo foram excluídos porque nenhuma das respostas dadas pelos participantes da pesquisa faziam

menção a imagens ou afetos que remetessem a esses elementos. A junção dos elementos queda e monstro devorador em uma mesma categoria foi inspirada pela seguinte definição, presente em um texto de Yves Durand:

“A partir do inventário das imagens simbólicas citadas nas "Estruturas Antropológicas da Imaginação" – desenvolvida em 1960 por Gilbert Durand – nove delas foram selecionadas. Encontramos assim, nas instruções do teste os seguintes termos:

- *A queda e o monstro devorador: para representar a angústia.*
- *A espada: para representar a estrutura "esquizomorfa" ou heroica.*
- *O refúgio: para representar a estrutura "mística".*
- *Alguma coisa cíclica (que roda, se reproduz ou progride): para representar as estruturas sintéticas.*
- *A água, o animal (pássaro, peixe, réptil ou mamífero), o fogo: para constituir imagens "simbolizáveis" complementares, podendo se integrar livremente em uma produção.*
- *O personagem: para constituir um elemento que articula simbolicamente uma dramatização.”¹*

As categorias, então, foram definidas após a análise das respostas, levando em consideração a definição dos termos do At-9 dada por Durand (2013). A análise foi guiada pela intenção de se averiguar quais respostas, e com qual frequência, poderiam ser agrupadas dentro de cada uma das categorias. Assim, respostas que remetiam à angústia – descrevendo problemas, sabores, obstáculos, medos, etc., presentes no bairro – foram agrupadas na categoria “Queda” (Monstro Devorador). Respostas que descreviam estratégias e mecanismos para enfrentamento dos problemas do bairro – assim como as que enalteciam os recursos considerados como sendo a vantagem competitiva do bairro em relação a outras vizinhanças – foram agrupadas na categoria

¹ Essa definição dos termos, presentes nas instruções do teste AT-9, foi extraída de um artigo enviado pelo professor Yves Durand ao Colóquio Científico Internacional – Paisagem, Imaginário e Narratividade: olhares transdisciplinares e novas interrogações da psicologia social – promovido pelo Instituto de Psicologia da USP, no ano de 2013. O artigo foi gentilmente cedido pela Profa. Sandra Maria Patrício Ribeiro, uma das organizadoras do evento e Orientadora desse trabalho.

“Espada”. Respostas que definiam o bairro a partir de palavras como casa, mãe, família, infância, meu lugar, aconchego, tranquilidade, etc., foram agrupadas na categoria “Refúgio”. Respostas que ressaltavam o ritmo cotidiano do bairro, a presença da natureza e suas variações, as mudanças associadas ao progresso, etc., foram agrupadas na categoria “Ciclo”. As respostas que apontavam a importância do mar, da praia, na vida e na paisagem do bairro, foram agrupadas na categoria “Água”. E, finalmente, as respostas que priorizavam os moradores do bairro, destacando a presença desses no cotidiano, nas ruas, nas praças, etc., foram agrupadas na categoria “Personagem”. Nesta categoria também entraram as definições sobre o bairro que o personificaram, ou seja, que se referiram a ele com características tipicamente humanas, como elegante, charmoso, sedutor, jovem, etc. (Anexo II).

Após a categorização, as respostas foram submetidas à análise quantitativa, definindo-se o percentual de respostas para cada uma das categorias. A quantificação dos dados teve o objetivo de avaliar o conjunto de respostas de forma a perceber concentrações de um tipo de resposta ou de outra por parte dos respondentes. Pode-se afirmar, com isso, que, em certa medida, a análise quantitativa subsidiou a avaliação qualitativa, na medida em que possibilitou uma comparação objetiva com os resultados obtidos na investigação dos conteúdos imaginários presentes nas comunidades virtuais dos bairros.

- **Comunidades virtuais:** durante um período de um ano as atividades das duas principais comunidades virtuais dos bairros, na plataforma *facebook*, foram monitoradas. Nesse tempo, as fotos dos bairros postadas pelos moradores foram analisadas levando-se em conta os elementos propostos pelo teste At-9. A intenção foi a de avaliar a ocorrência e a predominância de um ou mais desses elementos no conjunto de imagens compartilhados pelos moradores. Por meio de análise qualitativa, fundada nos conceitos de mitanálise (DURAND, 1985) e de arquétipo (JUNG, 2002), os dados obtidos com o questionário e com as fotos foram comparados. Buscou-se, assim, investigar a existência de elementos imaginários equivalentes nas duas fontes, assim como a presença de referências simbólicas que configurassem a constelação de arquétipos.

Sobre o Capital Social

Essa pesquisa centrou-se na investigação de três dimensões do capital social associadas à qualidade de vida: confiança; engajamento cívico; redes sociais (HANDAM et. al., 2014). Os indicadores dessas dimensões foram auferidos por meio de:

- **Questionário online (Anexo II):** composto por um total de 12 questões, sendo cinco sobre confiança, quatro sobre engajamento cívico e três sobre redes sociais. A principal fonte de inspiração para as perguntas foi o questionário elaborado por Grootaert e colaboradores (2003). Indicadores relativos à confiança, coesão social e civismo presentes no *World Values Survey* e no trabalho de Levandowsky & Streich (2012) também serviram como guias para elaboração do questionário. Dessa forma, a investigação do capital social baseou-se nas seguintes dimensões:

Confiança: associada a um comportamento regular, honesto e cooperativo, baseado em normas mutuamente compartilhadas, por membros de uma comunidade (Fukuyama, 1995). A confiança é considerada um dos indicadores mais sensíveis do capital social.

Redes Sociais: associadas ao bem-estar físico e emocional. As relações humanas podem ser uma fonte de proteção contra os efeitos negativos do estresse. Famílias e comunidades, por meio de relacionamentos de vizinhança, amizade e grupo, são os sustentáculos das redes sociais (OECD, 2001).

Engajamento cívico: a cidadania ativa envolve assumir responsabilidades sociais, políticas e econômicas em uma sociedade. É um engajamento proativo que vai além da concepção convencional que percebe o exercício da cidadania como o acesso aos direitos civis tradicionais, como o direito de voto, por exemplo.

As perguntas do questionário são apresentadas na forma de escala, indo de 1 a 5, sendo que 1 corresponde à pontuação mínima e 5 à máxima. Na análise dos

dados, as perguntas foram agrupadas em categorias correspondentes às dimensões acima citadas e quantificadas percentualmente em relação à totalidade dos respondentes.

- **Comunidades virtuais:** durante um ano, a observação das interações dos moradores no mundo virtual, *facebook*, ofereceu uma oportunidade para avaliar indicadores de capital social por meio dos temas tratados, da mobilização em torno destes e da forma como as pessoas interagem.

Os dados obtidos na observação das comunidades virtuais foram analisados qualitativamente, levando-se em consideração as dimensões do capital social investigadas com o questionário. Posteriormente, as informações obtidas com as duas fontes – questionário e observação – foram comparadas com o objetivo de avaliar a existência de convergências entre os dados quantitativos e qualitativos.

Sobre a Felicidade

Os parâmetros utilizados neste estudo para a investigação da felicidade estão assentados no trabalho de dois expoentes da área, os psicólogos norte-americanos Carol Ryff e Ed Diener. Ryff (1989) desenvolveu um modelo teórico sobre o bem-estar psicológico no qual a felicidade é entendida por uma perspectiva eudaimônica, estando mais associada a uma vida virtuosa, baseada em valores, do que em experiências agradáveis e prazerosas. A pesquisadora buscou fundamentação no trabalho sobre o bem-estar de diversos autores, de Aristóteles a John Stuart Mill, de Abraham Maslow a Carl Jung. Ela identificou a recorrência e a convergência entre essas diversas teorias, e essas interseções deram-lhe as bases para o seu modelo multidimensional do bem-estar, constituído por seis dimensões centrais. Ryff também desenvolveu um instrumento para a investigação dessas dimensões, o qual é amplamente utilizado por pesquisadores interessados no bem-estar em todo o mundo. As dimensões são: auto aceitação; relações positivas; autonomia; domínio do ambiente; propósito de vida; crescimento pessoal (RYFF,1989). O bem-estar subjetivo (BES) é a definição global para uma área de estudos que abrange a

investigação da felicidade, da satisfação com a vida e da relação entre afetos positivos e negativos (DIENER, 1999). O estudo do bem-estar subjetivo tem sido guiado por duas concepções de funcionamento positivo. A primeira, diferencia o afeto positivo do negativo e define a felicidade como o equilíbrio entre os dois. A segunda concepção enfatiza a satisfação com a vida como o principal indicador do bem-estar.

- **Questionário online (Anexo III):** as perguntas, que objetivaram investigar a felicidade percebida dos moradores dos bairros, foram elaboradas tomando por base a Escala de Bem-Estar Psicológico de Carol Ryff (1989) e a Escala de Satisfação com a Vida de Ed Diener (1985). Composto por um total de 12 questões – cinco sobre domínio do ambiente, três sobre relações positivas e quatro sobre satisfação com a vida:

Domínio do ambiente: ter um alto domínio do ambiente caracteriza-se por um senso de conhecimento e de competência na gestão das condições ambientais circundantes; por um controle de conjuntos complexos de atividades externas; pelo uso efetivo das oportunidades disponíveis; e pela capacidade de escolher ou criar contextos adequados às próprias necessidades e valores pessoais. Ter um baixo domínio ambiental leva a uma dificuldade em administrar assuntos do dia-a-dia; a uma sensação de incapacidade para mudar ou melhorar os contextos circundantes; pouco conhecimento das oportunidades disponíveis; e falta de senso de controle sobre o mundo externo.

Relações positivas: quando as relações positivas são fortes há calor, satisfação e confiança na interação com os outros; há uma preocupação com o bem-estar dos outros; há forte carga de empatia, carinho e intimidade. Relações fracas são caracterizadas por poucos relacionamentos próximos e confiáveis com os outros; há isolamento e frustração nas relações interpessoais; e não há disposição para o estabelecimento de compromissos para manter laços significativos com os outros.

Satisfação com a vida: está ligada à sensação que vale a pena viver, de que a vida é ótima, de que tudo está tão bem quanto poderia estar. Refere-se ao que

as pessoas pensam e como elas se sentem sobre suas vidas. Quanto mais alto o nível de satisfação menos necessidade de mudar as próprias condições de vida a pessoa sente.

As perguntas do questionário são apresentadas na forma de escala, indo de 1 a 5, sendo que 1 corresponde à pontuação mínima e 5 à máxima. Na análise dos dados, as perguntas foram agrupadas em categorias correspondentes às dimensões acima citadas e quantificadas percentualmente em relação à totalidade dos respondentes.

- **Comunidades virtuais:** no período de observação das interações dos moradores no *facebook*, procurou-se a presença de indicadores de felicidade nos temas compartilhados. Mais especificamente, considerou-se a forma como as pessoas reagem aos assuntos, e umas às outras, ao se manifestarem no espaço virtual.

Os dados obtidos na observação das comunidades virtuais foram analisados qualitativamente, levando-se em consideração os indicadores de felicidade investigados com o questionário. Posteriormente, as informações obtidas com as duas fontes – questionário e observação – foram comparadas com o objetivo de avaliar a existência de convergências entre os dados quantitativos e qualitativos.

Capítulo VI: Discussão

*“Todo o conhecimento humano começou com
intuições, passou daí aos conceitos
e terminou com ideias.”*

Immanuel Kant

Imagens e Afetos Sobre os Bairros

Na busca da possibilidade da emergência de conteúdos arquetípicos, ou mitologemas, como capazes de descrever a relação dos sujeitos com o seu ambiente, partiu-se do pressuposto de que, ao nível do imaginário, ocorre uma troca incessante entre as pulsões subjetivas e as pressões objetivas do meio (PITTA, 2004). Nesse sentido, os trabalhos de Danielle da Rocha Pitta (2015) e de Tania da Rocha Pitta (2015) ofereceram um ponto de partida. Esses trabalhos acenaram com a possibilidade de se pensar que: a forma como o morador vivencia o território em que habita pode ser uma fonte de acesso aos conteúdos do imaginário individual e coletivo. A partir dessa perspectiva, e retomando Durand (2011), pode-se dizer que todo pensamento humano, sobre qualquer coisa, está em movimento de criação e de recriação. O imaginário, portanto, atua como o conector pelo qual forma-se qualquer representação humana do que é vivenciado, estabelecendo uma ponte entre o humano e o mundo, e aos outros e a ele mesmo.

As representações humanas, ao nível do imaginário, articulam-se por meio dos universos míticos categorizados por Yves Durand (2002) no teste At-9. Dessa forma, o conteúdo arquetípico que emerge da narrativa, por meio do desenho ou do relato, revela um imaginário com três principais estruturas. Essas estruturas, ou universos míticos, se categorizam como Esquizomorfos ou Heroicos quando o elemento espada tem um papel preponderante, tanto de luta como de separação; Antifrásicas ou Místicas quando o elemento refúgio sobressai-se na simbolização da paz e da harmonia; Dramáticas ou Sintéticas (Disseminatórias) quando não há a oposição entre a característica heroica e mística e se evidencia um duplo universo existencial ou simbólico (PITTA, 2005). Dois regimes suportam os universos míticos: o diurno e o noturno. No regime diurno há uma estruturação heroica, enquanto no noturno encontram-se as outras duas, a mística e a sintética. Os conteúdos arquetípicos que emergem do imaginário, portanto, o fazem por meio de imagens que pertenceriam mais a um regime do que ao outro.

Percebe-se, portanto, que o At-9 constitui uma estrutura dramática específica que se atualiza quando se presentifica. Esse dado é bastante interessante se pensarmos que a projeção do imaginário se efetua na vida cotidiana. Dito de outra forma, os estímulos presentes no At-9 permitem que a partir da história individual o arquétipo se expresse num cenário coletivo, cultural por excelência, que é o cenário operacional do mito (PAULA et. al. 2001). Nesse contexto, partiu-se do princípio de que seria viável acessar elementos do imaginário percorrendo o caminho inverso. Ou seja, o que se propôs nesse estudo foi partir da palavra para se chegar à imagem. Considerou-se que as palavras podem expressar conteúdos latentes da paisagem mental dos moradores sobre o bairro em que vivem. Logo, seus modos de pensar, sentir e agir em relação ao ambiente.

A escolha pelo questionário se deu pelo interesse em acessar uma amostra que possibilitasse um panorama minimamente seguro para uma análise social de índices de felicidade, de capital social e do imaginário. Diante dos poucos recursos humanos e logísticos, fez-se uma aposta arriscada, mas os resultados obtidos na comparação entre os dados obtidos com os questionários e nas comunidades virtuais indicam que a direção inversa – da palavra para a imagem – se mostrou um caminho viável para a investigação do imaginário. Assim, a análise das respostas dadas pelos moradores nos questionários indicou a presença de componentes passíveis de categorização, e em acordo com a descrição dos elementos do imaginário como descritos por Yves Durand (2013). Dentre as perguntas do questionário, duas sugerem especificamente o recurso à imagem como definidora da paisagem dos bairros percebida por seus moradores. São elas: 1. *Cite um marco visual do seu bairro que você considera um símbolo que o diferencia dos outros bairros;* 2. *- Quando você pensa no seu bairro qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça.*

As respostas a essas perguntas revelam que, apesar dos dois bairros ficarem em frente ao mar, a praia (e o calçadão que a margeia) aparece como referência visual para os moradores de Jardim Camburi com muito mais frequência do que para os moradores da Praia do Canto. Para parte considerável dos moradores de Jardim Camburi, a água, na forma do mar, da praia, parece

ser parte constitutiva da paisagem do bairro e surge em uma narrativa associada ao dia, ao sol, ao encontro com outros nos passeios e ao banho de mar. Dessa forma, a água associada à imagem do bairro remete à estrutura esquizomorfa, heroica. Isso porquê a água do mar, da praia, diurna e solar, é límpida e sugere movimento, purificação (LOUREIRO, 2004).

Quando o mar aparece nas respostas de moradores da Praia do Canto, ele surge como paisagem natural - “vista do mar” – e os marcos visuais apontados pelos moradores da Praia do Canto se referem predominantemente ao interior do bairro: ruas arborizadas, a própria casa, a igreja matriz, a casa materna. Nesse sentido, a Praia do Canto aparece mais como refúgio para os seus moradores. Um espaço interiorizado, protegido e familiar. O Refúgio, pertencente ao regime noturno das imagens, remete às estruturas místicas, antifráscas, e diz respeito a um imaginário simbolizado pela proteção e o aconchego. Associa-se à ideia de um lugar protetor, guardado, íntimo.

A natureza aparece recorrentemente na paisagem da Praia do Canto relatada por seus moradores, seja na referência à presença das árvores abundantes nas ruas do bairro, ao parque da Petrobrás ou ao Morro do Cruzeiro, um tradicional marco geográfico localizado no centro do bairro. Mais uma vez, às imagens associadas ao bairro remetem às estruturas místicas, estando a natureza a serviço de uma paisagem tranquilizadora e familiar. Ao contrário dos moradores da Praia do Canto, os moradores de Jardim Camburi citam marcos visuais que se localizam nas margens do bairro: o mar, a Rodovia Norte-Sul e o shopping de mesmo nome, a vista do Aeroporto, a Companhia Vale do Rio Doce, o Porto de Tubarão e a Reserva Florestal/Parque da Vale. Todos esses marcos encontram-se na porção exterior, formando um cinturão paisagístico e geográfico em torno do bairro. Aqui, a paisagem do bairro é configurada por símbolos de progresso e de crescimento, cujas imagens remetem à história de associação entre a comunidade e o projeto industrial que lhe deu origem. O único referencial paisagístico do interior do bairro que aparece nas respostas de moradores de Jardim Camburi são as praças. Nesse caso, a referência às praças como imagem representativa do bairro vem acompanhada da função que esses espaços têm na vida da comunidade, como espaço de brincadeira para crianças

e de encontro social em torno das feirinhas diurnas e noturnas. De certa maneira, esses conteúdos imaginários, que emergem nas imagens escolhidas pelos moradores de Jardim Camburi, parecem apontar para a estrutura heroica. Mais especificamente, pode-se pensar no heroico integrado, no qual o combate está presente, mas pode-se vislumbrar o refúgio. É válido ressaltar que em um microuniverso heroico, em termos arquetípicos, o refúgio será sempre um lugar de “refúgio contra” um perigo, enquanto para o imaginário místico é uma imagem símbolo de bem-estar e da vida em paz (LOUREIRO, 2004).

A imagem do combate, e de seus efeitos limitantes e desafiadores, surge mais claramente nas respostas dos moradores de Jardim Camburi que apontam os marcos de progresso como sendo fonte de aspectos igualmente positivos e negativos. A presença da Companhia Vale do Rio Doce, e da poluição causada por ela com o pó preto residual do manejo do minério no Porto de Tubarão, ora aparece como um marco visual indesejado do bairro, ora como símbolo de progresso e de oportunidade de trabalho para a comunidade. A Rodovia Norte-Sul, igualmente, tanto aparece como uma imagem associada ao crescimento e ao desenvolvimento do bairro quanto como uma imagem da insegurança e da violência que assombra os moradores. Jardim Camburi fica localizado no fim do município de Vitória, na divisa com o município da Serra, que é caracterizado por altos índices de criminalidade. Com isso, a Rodovia Norte-Sul, por ligar Jardim Camburi à Serra, tem sido muito utilizada como rota de fuga para criminosos em direção ao município vizinho.

A insegurança é um elemento com forte presença na imagem que os moradores têm de seus bairros, sendo que em Jardim Camburi isso é relatado com maior frequência. A despeito dos dois bairros terem delegacias próprias e um contingente de policiais em número superior ao de outros bairros da cidade, a pergunta “*Qual é o ponto fraco do seu bairro?*” revela imagens carregadas de receios quanto à violência, tais como receio de sair à rua à noite, pedintes e pessoas estranhas circulando pelo bairro, assaltos, etc. A insegurança e o tráfego intenso de carros nas ruas são referências comuns que colocam em risco a imagem que os moradores idealizam para seus bairros. Para os residentes de Jardim Camburi, porém, outros elementos aparecem como obstáculos a uma

apreciação total da paisagem que habitam. Um é a infraestrutura, especialmente de calçadas acessíveis e adequadas para a circulação de pedestres em geral. O outro é o isolamento. Para muitos moradores, a fraqueza do bairro é seu isolamento geográfico, estando Jardim Camburi no fim do município, tendo como limites o aeroporto, reservas florestais, o mar e uma rodovia. Assim, o isolamento é percebido como um obstáculo à mobilidade dos moradores e à interação com outros bairros da cidade. E, por último, a poluição provocada pelas atividades da Companhia Vale do Rio Doce. Para parte considerável dos moradores, a poluição é o principal ponto fraco da paisagem do bairro, que corrompe a imagem de um local praiano e saudável.

As imagens utilizadas para definir os pontos fracos dos bairros foram agrupadas sob os elementos arquetípicos da Queda e do Monstro Devorador, em uma única categoria. Como ambos se opõem à vida e expressam a angústia diante da morte, eles possibilitam uma leitura da insegurança, da precariedade estrutural, do isolamento e da poluição como imagens que configuram os aspectos aterradores do imaginário dos moradores sobre os bairros. A recorrência de imagens categorizadas como “Queda” foi consideravelmente maior para os moradores de Jardim Camburi do que para os da Praia do Canto. A princípio, isso parece reforçar a ideia de uma percepção da paisagem dentro da estrutura heroica, uma vez que haveria uma maior consciência dos problemas a serem enfrentados. Simbolicamente falando, uma constelação de imagens em torno dos opostos luz-trevas, que caracteriza uma percepção da passagem do tempo e do medo da destruição. Assim como de uma ação correspondente a essa percepção.

Para além dos aspectos aterradores, a busca pela harmonia entre os contrários aponta para o fato de que a imagem de bairro saudável povoa o imaginário dos moradores dos dois bairros, mas de diferentes maneiras. É o que pode ser extraído das respostas às seguintes perguntas: 1. *Se você pudesse definir o seu bairro em uma palavra, qual seria?* 2. *Qual é a emoção que melhor descreve seus sentimentos em relação ao seu bairro?*

Por um lado, os moradores de Jardim Camburi definem e sentem o bairro como espaço promotor de alegria, de satisfação, de vida ativa, de oportunidades para relações agradáveis e para a prosperidade econômica. Por outro, a Praia do Canto é definida e sentida por seus moradores como lugar de aconchego, de tranquilidade, de estabilidade. Enquanto é comum aos moradores da Praia do Canto definirem e sentirem seu bairro como a própria casa, para os de Jardim Camburi é comum definirem e sentirem o seu como espaço de convivência nas praças, na praia. Talvez por isso seja mais recorrente os moradores da Praia do Canto se referirem ao próprio bairro como um personagem, atribuindo-lhe características humanas como charmoso, requintado, sedutor, elegante, etc. É como se vivessem uma relação romântica com o bairro, e ao mesmo tempo em que se sentem amalgamados a ele, também se colocam apenas como observadores de um lugar especial, apreciadores da paisagem. Essa relação ambígua com o bairro, que não se define, mas se perpetua, oscilando entre personagem passivo e ativo da ação, remete aos elementos cíclicos e associa-se à estrutura sintética do regime noturno.

Os moradores de Jardim Camburi, por sua vez, tendem a ver a si mesmos como os personagens dominantes na paisagem do bairro, definindo-o a partir das emoções que sentem em habitá-lo, tais como paixão, amor, felicidade, etc., e das atividades cotidianas que nele desempenham. Mais uma vez, a diferença nas estruturas imaginárias dos moradores dos dois bairros torna-se perceptível pelo uso das imagens que utilizam ao descrever as paisagens em que habitam. Enquanto os moradores de Jardim Camburi descrevem uma paisagem vibrante e extrovertida para o bairro, afinada com o regime diurno da estrutura heroica, os residentes da Praia do Canto narram uma paisagem assentada no regime noturno, intimista e doméstica. Há na narrativa dos moradores da Praia do Canto uma aparente busca pela repetição de uma condição de harmonia e estabilidade, o que, como visto anteriormente, aponta para a estrutura disseminatória e revela a presença de elementos cíclicos.

A presença de alguma coisa cíclica na narrativa dos moradores da Praia do Canto sobre a paisagem do bairro é perceptível na importância que dão à natureza. Diante da pergunta “*Qual é o ponto forte do seu bairro?*”, os moradores

da Praia do Canto, majoritariamente, citaram a arborização do bairro. Vale destacar que as árvores da principal avenida da Praia do Canto são famosas por uma bela floração anual que marca visivelmente a alternância das estações. Outro ponto forte que configura a imagem do bairro para seus moradores, e o torna mais interessante do que os outros, é o comércio: lojas, restaurantes e bares que facilitam a vida do morador no dia a dia. De maneira ainda mais entusiasmada, os moradores de Jardim Camburi vêem o intenso comércio e a considerável disponibilidade de serviços como sendo o principal ponto forte do bairro.

A variada rede de comércio e de serviços dos dois bairros é igualmente vista por seus moradores como uma característica positiva que distingue suas comunidades das demais. Há na descrição dessa característica, tanto na narrativa dos moradores da Praia do Canto quanto na de Jardim Camburi, um perceptível orgulho do nível de desenvolvimento e de urbanidade dos seus bairros. É como se, na percepção dos moradores, a presença maciça de lojas, estabelecimentos de ensino, bares, restaurantes, escritórios, clínicas, etc., conferisse aos bairros um lugar efetivo na paisagem urbana e uma vantagem sobre os outros bairros. Nesse sentido, tal característica é percebida como um recurso do bairro que faz com que ele seja mais próspero, mais moderno, mais capaz de suprir as necessidades de seus moradores. Um recurso para o enfrentamento daquilo que pode ameaçar a sobrevivência. Em função disso, é possível estabelecer uma relação entre a imagem de urbanidade dos bairros e o símbolo arquetípico da espada como elemento da estrutura heroica. A referência à urbanidade do bairro aparece como resposta, entre moradores de Jardim Camburi, em diferentes perguntas do questionário. É nítida a percepção que eles têm de que tais condições de urbanidade são essenciais para lidar com as dificuldades e problemas representados pelo isolamento e a insegurança que ameaçam o bem-estar no bairro.

A partir da análise desses resultados, pode-se inferir a existência de diferentes estruturas do Imaginário na população dos dois bairros. Enquanto a narrativa dos moradores de Jardim Camburi configura um conjunto de imagens características da estrutura heroica e do regime diurno para a paisagem

habitada, as imagens atribuídas à paisagem do bairro Praia do Canto revelam a dominância do regime noturno e das estruturas místicas e disseminatórias. Cerca de 27% das respostas dadas pelos moradores da Praia do Canto giram em torno de elementos cíclicos; em torno de 24% correspondem a referências ao elemento refúgio; 18% à espada; 14,5% à queda (monstro devorador); 8% ao personagem e 3% à água. Totalizando, assim, 94,5% das 264 respostas categorizadas para moradores da Praia do Canto. As respostas dos moradores de Jardim Camburi obtiveram seu maior percentual de categorização no elemento espada, 25%; seguido pelo elemento queda, 20%; ciclo 17%; refúgio 13%; água 9,5% e personagem 2,5%. As respostas categorizadas para moradores de Jardim Camburi correspondem a 87% de um total de 870 respostas. Os dados referidos acima podem ser conferidos no histograma da Figura I, abaixo. Os percentuais não categorizados, dizem respeito a: respostas que não se enquadravam em nenhuma das categorias inspiradas pelos elementos do teste At-9; e respostas em branco.

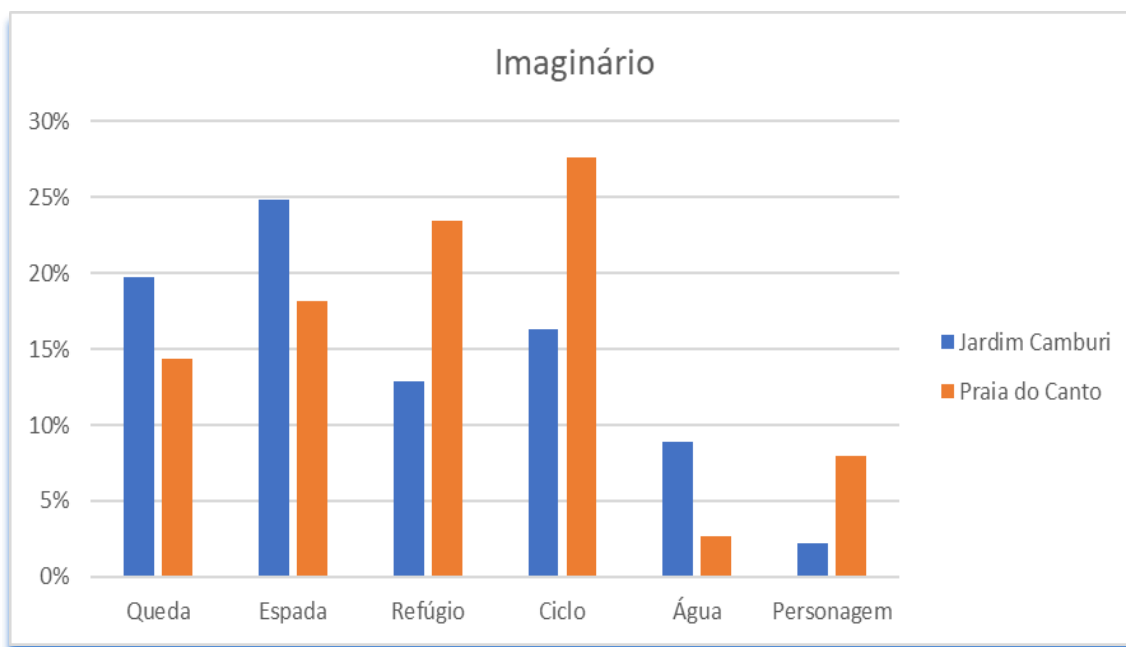


Figura I: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada uma das categorias (baseadas nos elementos do AT-9) de acordo com as respostas dos moradores dos bairros.

Dimensões e Percepções sobre o Capital Social

Confiança

A análise dos dados relativos à investigação do capital social revela que, na dimensão “Confiança”, os moradores da Praia do Canto apresentam maior nível de confiança do que os moradores de Jardim Camburi. As respostas dos moradores dos bairros em relação às perguntas dessa dimensão, contudo, não revelam uma constância dos níveis de confiança nos diferentes indicadores. O que pode ser visto é que distintos indicadores de confiança são mais ou menos presentes em cada comunidade. As respostas à pergunta “*Você considera difícil transformar relações com conhecidos em amizades?*”, por exemplo, indica que os moradores de Jardim Camburi se percebem com menos dificuldade para aprofundar o relacionamento com conhecidos do que os da Praia do Canto. É o que pode ser visto abaixo (Figura II):

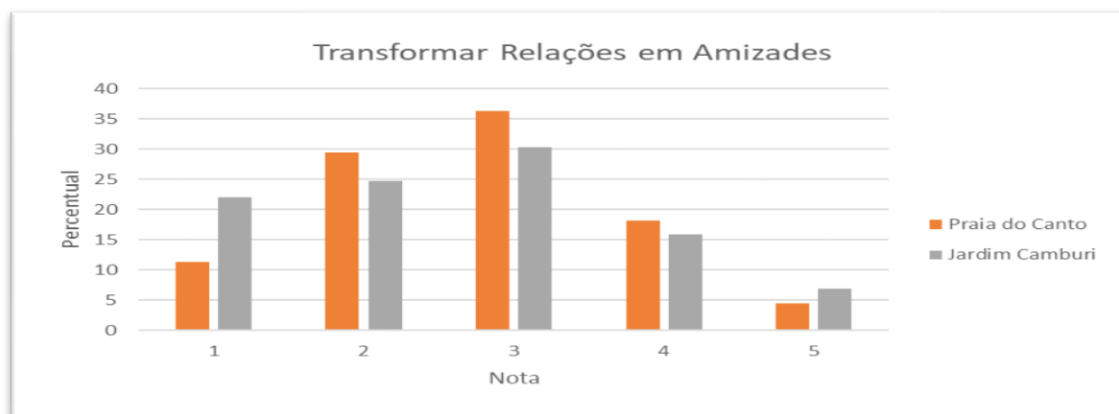


Figura II: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você considera difícil transformar relações com conhecidos em amizades?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação máxima (não, nem um pouco) e 5 à mínima (sim, totalmente)

Quanto à facilidade para se relacionar com diferentes tipos de pessoas, os moradores de Jardim Camburi se apresentam mais predispostos do que os da Praia do Canto. Válido ressaltar que se considerarmos as respostas à pergunta anterior, sobre transformar relações com conhecidos em amizades, é possível inferir que uma maior disponibilidade para se relacionar com diferentes tipos de pessoas tenderia a favorecer a construção de redes sociais, ao menos

as informais. Os dados sobre facilidade para se relacionar com diferentes tipos de pessoas podem ser vistos abaixo (Figura III):

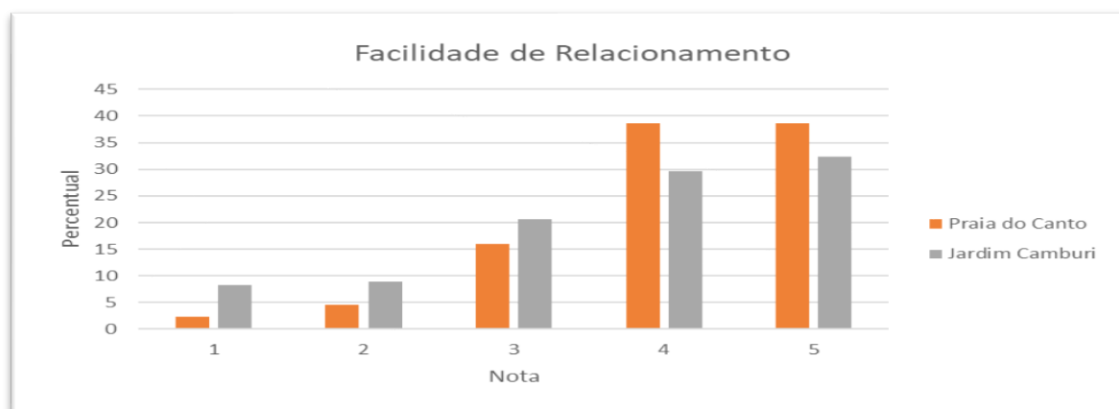


Figura III: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você tem facilidade para se relacionar com diferentes tipos de pessoas?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Quando perguntados sobre o sentimento de segurança nas ruas dos bairros, tanto os moradores de Jardim Camburi quanto os da Praia do Canto se mostram com baixos índices de confiança. Sendo que os moradores de Jardim Camburi se sentem mais inseguros. Como pode ser visto no histograma abaixo (Figura IV):

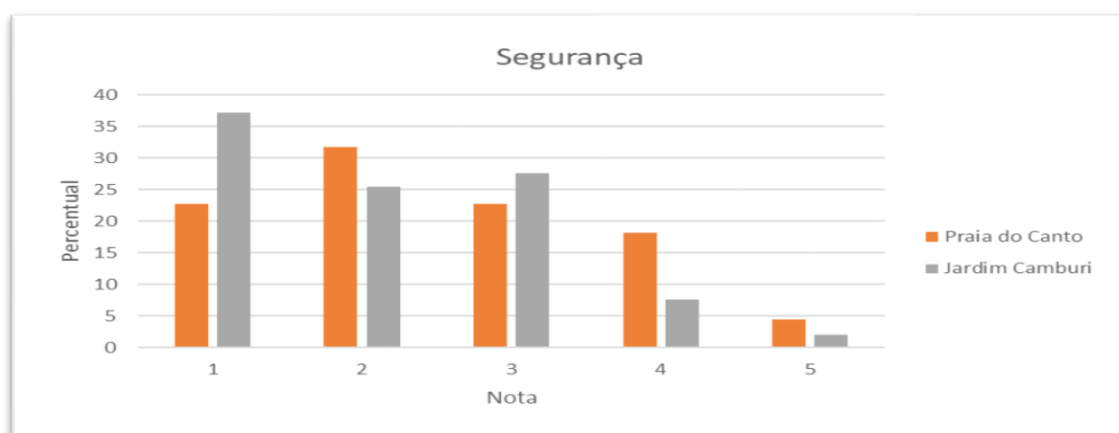


Figura IV: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você se sente seguro(a) nas ruas do seu bairro à noite?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

É possível que o nível de insegurança dos moradores dos bairros esteja relacionado com o baixo nível de confiabilidade nas outras pessoas. Alinhado com os dados sobre insegurança, esse indicador da confiança se mostra mais baixo para os moradores de Jardim Camburi do que para os da Praia do Canto. Como pode ser visto abaixo (Figura V):

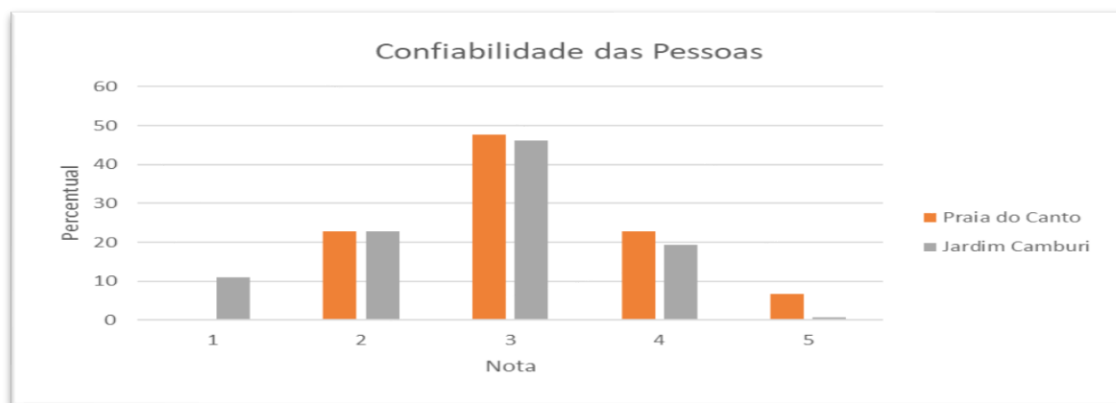


Figura V: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você acredita que a maioria das pessoas no seu bairro são confiáveis?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Quando se trata de pedir ajuda a vizinhos, de forma geral, o nível de confiança é baixo nos dois bairros. Sendo que na Praia do Canto os moradores se mostram mais dispostos a pedir ajuda a um vizinho, sendo que o nível mínimo de confiança nesse bairro apresenta-se bem mais baixo do que em Jardim Camburi. Esses dados, de certa forma, corroboram os anteriores sobre confiabilidade nas pessoas, no qual os moradores da Praia do Canto se mostram com um nível maior de confiança. É válido ressaltar que a pergunta sobre pedir ajuda trata de uma situação que requer alto grau de confiança, que é cuidar de uma criança. Nesse sentido, pode-se inferir que o nível de confiança aqui está diretamente associado com a força dos vínculos de vizinhança. Os dados sobre essa questão podem ser vistos abaixo (Figura VI):

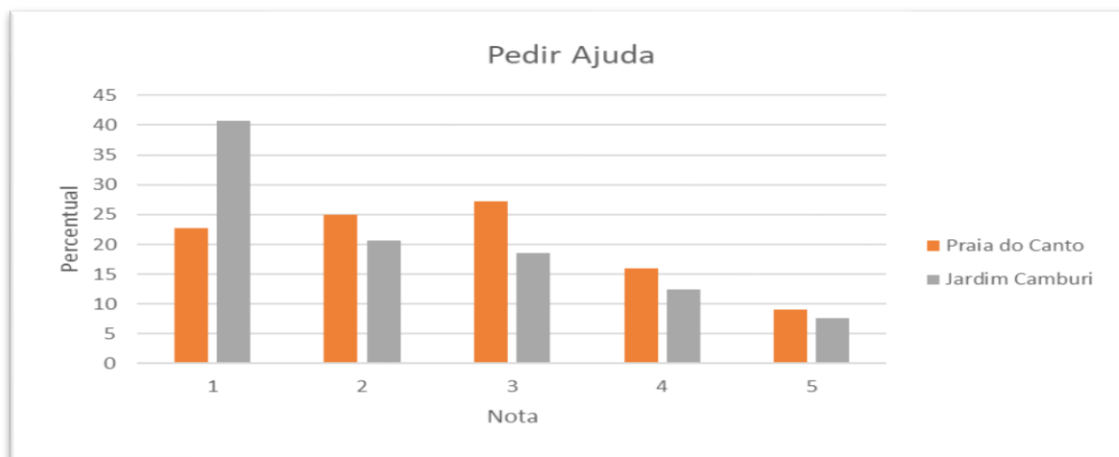


Figura VI: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você se sentiria confortável para pedir ajuda a um vizinho para olhar uma criança sob sua responsabilidade?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Em uma certa medida, os dados sobre confiabilidade em outras pessoas e pedir ajuda desafiam os resultados obtidos com as respostas as outras perguntas, nas quais os moradores de Jardim Camburi se mostram mais predispostos e receptivos à construção de redes sociais. Uma explicação possível para essa aparente discrepância, talvez seja o fato de que na Praia do Canto, por ser um bairro mais antigo, com uma parcela significativa de moradores que está lá há gerações, seja mais comum relações entre vizinhos que cresceram juntos, cujos vínculos de vizinhança são caracterizados também por relações familiares. Além disso, a disponibilidade dos moradores de Jardim Camburi para se relacionar com diferentes tipos de pessoas, e maior facilidade para transformar relações com conhecidos em amizades, pode estar relacionada à construção de relações lúdicas, voltadas para as interações de lazer, que não demandam comprometimento em nível íntimo.

De forma geral, na dimensão “Confiança” – cujos indicadores foram apresentados e discutidos acima – o maior percentual de respostas se situa no nível médio de confiança, em torno de 28% dos respondentes, e equivale para moradores dos dois bairros. No nível máximo de confiança, os moradores da Praia do Canto correspondem a cerca de 13% das respostas e os de Jardim Camburi a 10%. Os moradores de Jardim Camburi são os que aparecem com maior frequência no ponto mais baixo de confiança, com aproximadamente 24% dos respondentes. No total, aproximadamente 66% dos moradores da Praia do

Canto se encontram situados entre o nível médio e o mais alto da categoria “confiança”, ao passo que os de Jardim Camburi correspondem a 56% nesse intervalo de respostas. O que pode ser visto abaixo (Figura VII):

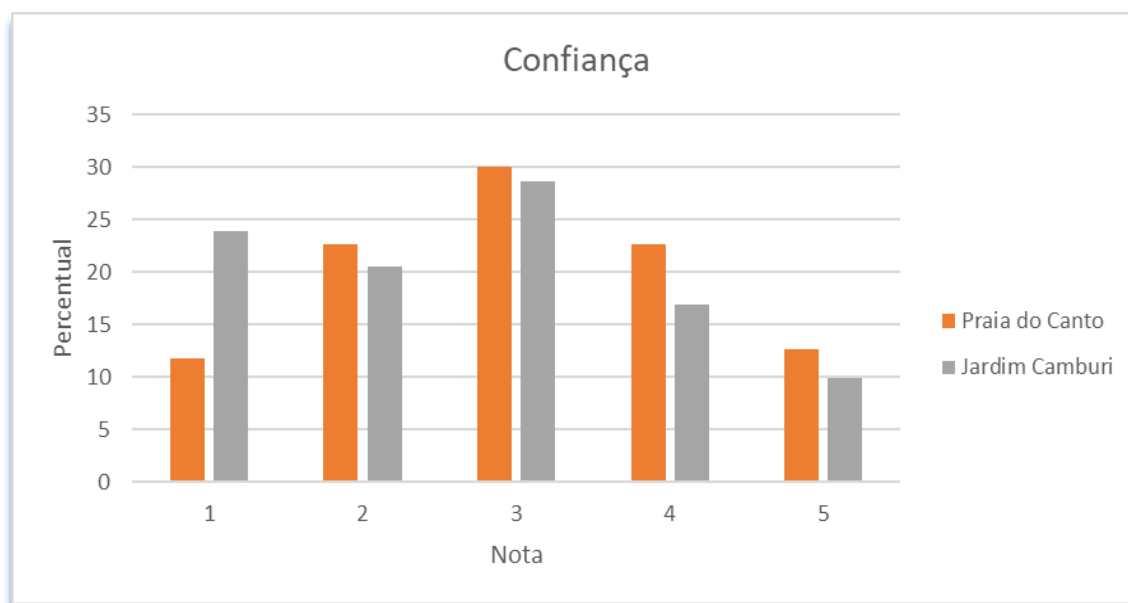


Figura VII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, para a dimensão “Confiança”: sendo que 1 corresponde ao nível mais baixo de confiança e 5 ao mais alto.

Engajamento Cívico

Na dimensão “engajamento cívico”, os dados revelam uma pequena diferença percentual entre os moradores de Praia do Canto e de Jardim Camburi. Os indicadores dessa categoria apontam para um nível muito baixo de capital social nas duas comunidades. Por exemplo, o voluntariado, uma característica do civismo nos estudos sobre o capital social, apresenta baixíssima adesão tanto dos moradores da Praia do Canto quanto de Jardim Camburi. Como pode ser visto abaixo (Figura VII):

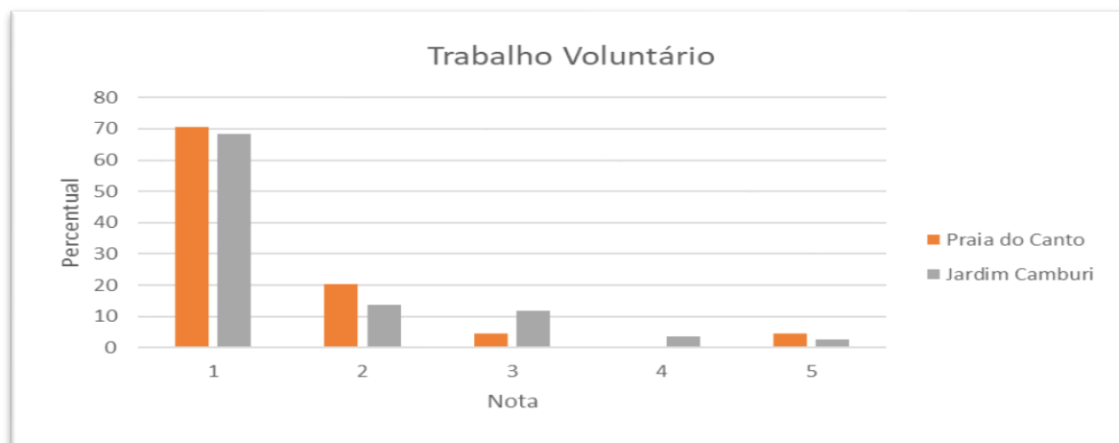


Figura VII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “Você realiza algum tipo de trabalho voluntário no seu bairro?”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nunca) e 5 à máxima (Sim, frequentemente).

Apesar de similar baixa adesão ao voluntariado nos dois bairros, a participação em eventos comunitários, como visto anteriormente, é mais alta para moradores de Jardim Camburi. De certa forma, esse dado corrobora os indicadores de confiança associados ao estabelecimento de relações sociais, que foram mais altos para os moradores de Jardim Camburi. Nesse contexto, eventos comunitários tendem a oferecer oportunidades para conhecer e interagir com os conhecidos da vizinhança em situações de descontração, o que, aparentemente, encontra maior predisposição entre os moradores de Jardim Camburi.

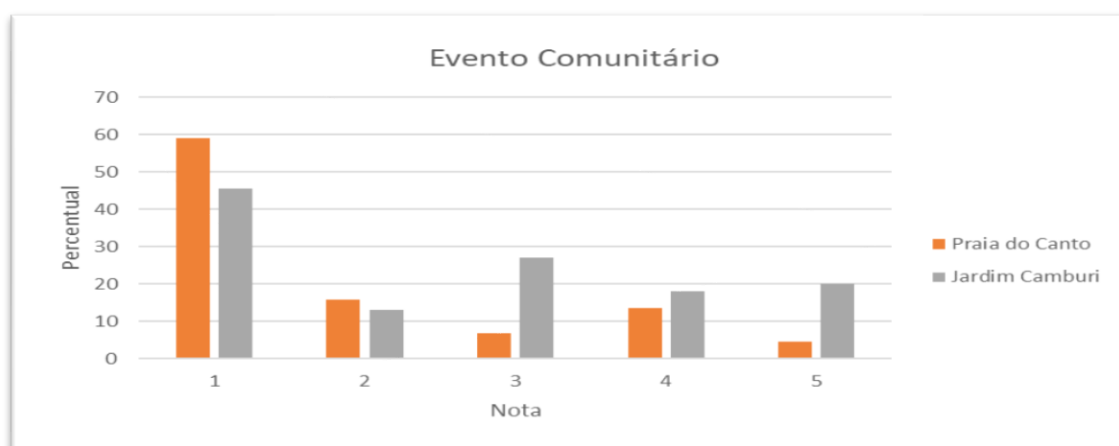


Figura VIII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “Você participou de algum evento comunitário nos últimos seis meses?”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nunca) e 5 à máxima (Sim, frequentemente).

Os dados sobre a participação em movimentos organizados na comunidade confirmam o baixo índice de engajamento cívico nos dois bairros visto anteriormente. Os moradores de Jardim Camburi apresentam percentuais de participação ligeiramente mais altos do que os da Praia do Canto, o que pode estar relacionado a maior frequência em eventos comunitários. Como pode ser visto abaixo (Figura IX):

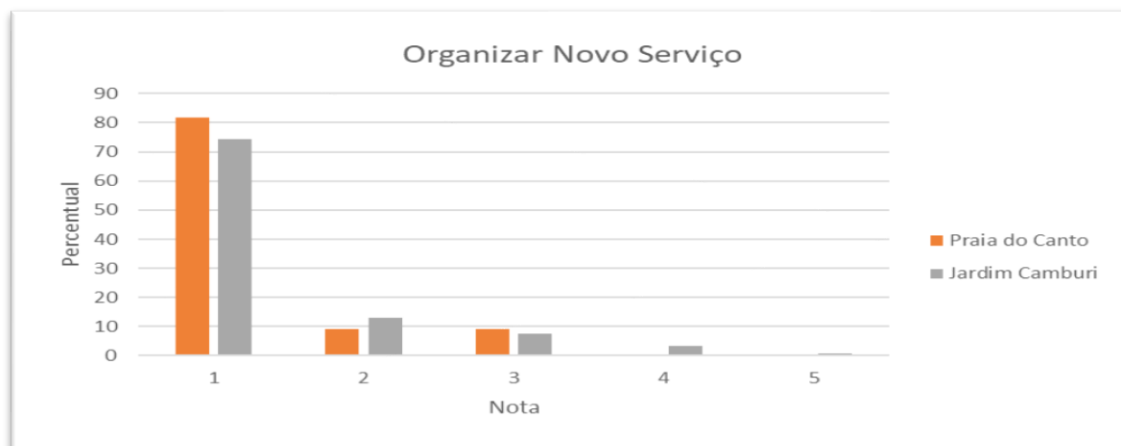


Figura IX: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você faz, ou já fez, parte de algum projeto para organizar um novo serviço no seu bairro?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nunca) e 5 à máxima (Sim, de vários, ao menos 3).

O nível de engajamento cívico apresenta um ligeiro aumento quando se analisa os dados relativos a ações junto ao poder público. Sendo que em Jardim Camburi os moradores se mostram mais inclinados a ser envolvidos em movimentos reivindicatórios do que na Praia do Canto. Como pode ser visto abaixo (Figura X):

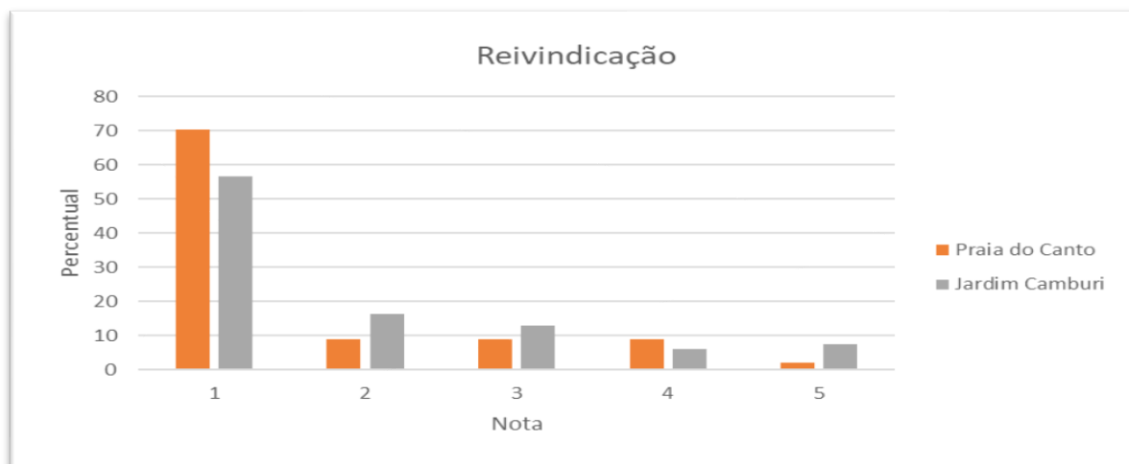


Figura X: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “Você faz, ou já fez, parte de algum movimento para reivindicar melhorias e/ou serviços para o seu bairro junto ao poder público?”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nunca) e 5 à máxima (Sim, de vários, ao menos 3).

Em uma análise geral dos indicadores sobre engajamento cívico, tem-se que 70% dos moradores da Praia do Canto e 60% dos de Jardim Camburi revelam não ter qualquer engajamento cívico em suas comunidades. Isso significa nenhum trabalho voluntário, nenhuma atuação em ações coletivas ou em movimentos de reivindicação de melhorias para o bairro, por exemplo. Apenas 1% dos residentes na Praia do Canto e cerca de 5% em Jardim Camburi possuem nível de engajamento cívico máximo com suas comunidades. É o que pode ser visto abaixo (Figura XI):

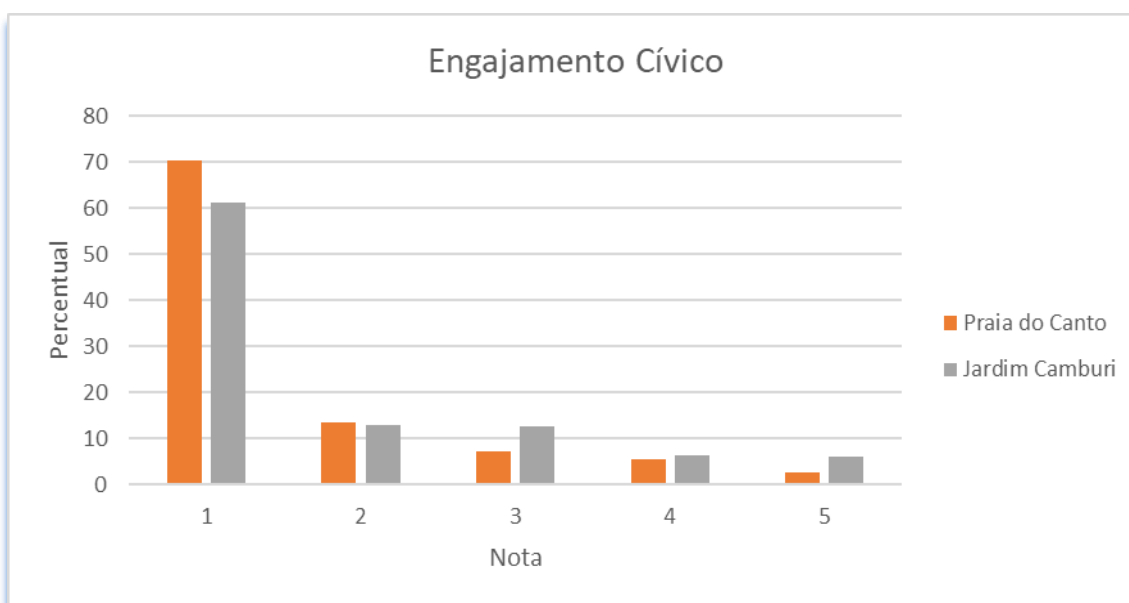


Figura XI: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, para a dimensão “Engajamento Cívico”: sendo que 1 corresponde ao nível mais baixo de engajamento cívico e 5 ao mais alto.

Os dados analisados, por um lado, se aproximam de resultados de pesquisas anteriores sobre o nível de confiança, e corroboram os que se referem ao engajamento cívico de brasileiros (RENNÓ, 2001). No último levantamento mundial sobre confiança, conduzido pelo World Values Survey (2005), o Brasil ficou em último lugar, com cerca de 10% da população apresentando confiança interpessoal. 10% é em torno do percentual de moradores de Jardim Camburi que relataram nível máximo de confiança. Os 13% apresentados pelos moradores da Praia do Canto podem ter algumas explicações possíveis. Uma delas é que por ser um bairro bem mais antigo, e também menor, do que Jardim Camburi, os vínculos entre moradores podem ser mais sólidos gerando, assim maior confiança entre as pessoas. Outra explicação possível, é que a maior homogeneidade socioeconômica do bairro Praia do Canto leve os moradores a terem uma percepção mais igualitária da população do bairro, o que, a princípio, em uma sociedade marcada pela desigualdade como a brasileira, poderia favorecer a confiança. Por fim, outra explicação possível é a de que o crescimento acelerado de Jardim Camburi nas duas últimas décadas tenha mudado muito rapidamente a demografia do bairro, aumentando a desconfiança na medida em que a vizinhança foi sendo ampliada em torno de novos moradores. Ainda assim, no geral, o nível de confiança dos moradores dos dois bairros, quando considerados os intervalos médios, médio superior e superior, encontra-se acima da média nacional.

A despeito dessas possíveis explicações, o se pode inferir é que o contexto local não exerce influência significativa sobre o capital social das comunidades, estando este atrelado a uma configuração anterior à estruturação dos bairros. Dito de outra forma, a matriz cultural que funda o capital social seria de âmbito nacional, e estaria ancorada nas raízes de formação da nação. Esse pressuposto apontado por Putnam (1993), encontra respaldo no trabalho de Sergio Buarque de Holanda. Segundo Sérgio Buarque, a principal implicação da origem rural e patriarcal da nação brasileira reside em relações baseadas em laços afetivos e emocionais privados que abarcam a dimensão pública da vida. Na visão do autor, ainda que a partir da segunda metade do século XIX o Brasil tenha passado por uma crescente urbanização, o perfil das novas classes urbanas permaneceu influenciado pelos modos de relacionamento do

patriarcado rural. A síntese da herança colonial e do domínio do patriarcado rural é denominada cordialidade, que para Holanda é a antítese da civilidade. Nesse contexto, o cidadão não se sente responsável diante dos problemas de sua comunidade. O comportamento do homem cordial segue a lógica de uma socialização conduzida pela família patriarcal, sob a ética dos aspectos sentimentais e das afeições domésticas. A partir disso, Sérgio Buarque estabelece uma ausência de capacidade para a associação livre e duradoura entre os elementos empreendedores do país. Logo, o associacionismo voluntário apenas seria levado a cabo pelo homem cordial em função de suas preferências afetivas e pessoais e não em favor da coletividade.

Redes Sociais

A cultura da cordialidade, portanto, inclinaria o brasileiro a ser mais disposto aos vínculos pessoais, às relações de convívio social e de cunho emocional, do que ao envolvimento baseado em ações comunitárias formais ou informais. De certa forma, isso é confirmado pelos dados relativos à dimensão “Redes Sociais” que foram obtidos entre os moradores da Praia do Canto e de Jardim Camburi. Um dos indicadores da força das redes sociais é o sentimento de que o convívio entre as pessoas da comunidade torna a vida mais agradável, ou seja, contribui para minimizar as dificuldades do dia a dia. Entre os moradores da Praia do Canto e de Jardim Camburi parece haver similaridade na percepção que têm sobre o convívio com as pessoas da comunidade. Os moradores de Jardim Camburi, contudo, demonstram maior dificuldade em avaliar o convívio com seus vizinhos como sendo positivo. É o que pode ser visto abaixo (Figura XII):

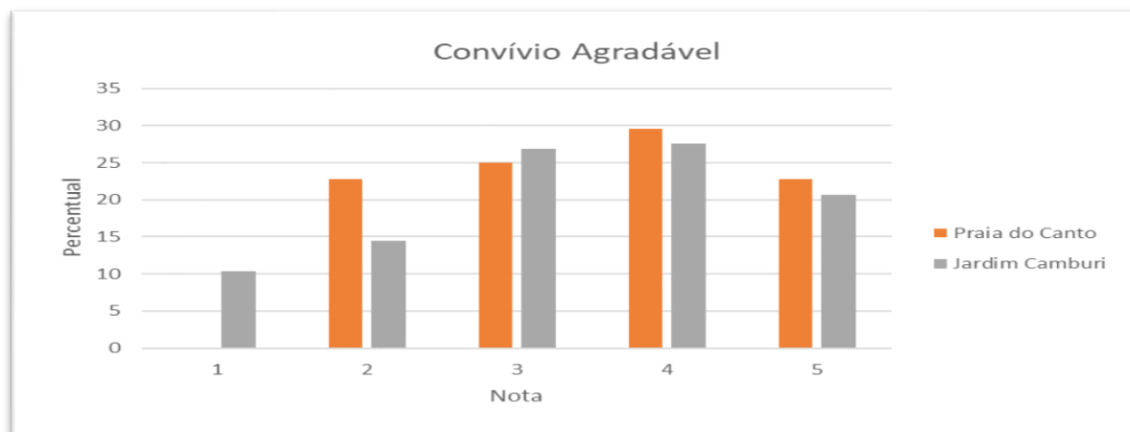


Figura XII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “Você sente que o convívio com as pessoas na sua comunidade contribui para tornar a sua vida mais agradável e leve?”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

É possível que a menor confiança nos outros, encontrada entre moradores de Jardim Camburi, contribua para os dados acima. Uma vez que é difícil confiar no vizinho, como acreditar que o convívio com ele contribui positivamente para a vida? A dificuldade para o estabelecimento de uma rede social mais sólida, que resulta em maior confiabilidade e mais capital social, é corroborada pelos dados em torno do indicador que mostra o nível de frequência domiciliar entre vizinhos. A princípio, há indícios de que os moradores da Praia do Canto fazem mais visitas aos seus vizinhos do que os de Jardim Camburi, reforçando inferências feitas anteriormente sobre as diferenças no nível de intimidade entre os vizinhos dos dois bairros. Apesar disso, os índices de visitação entre vizinhos são muito baixos nos dois bairros. Como pode ser visto abaixo (Figura XIII):

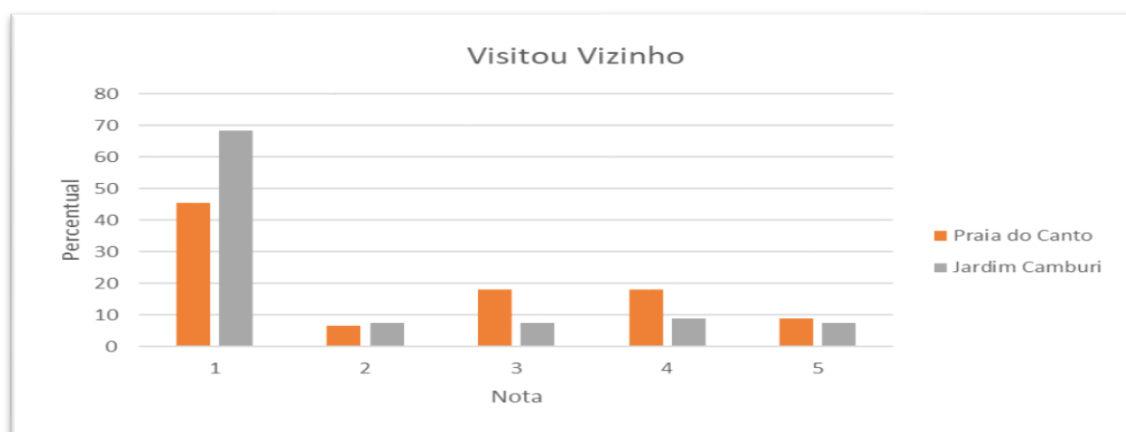


Figura XIII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você visitou algum vizinho na última semana*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nenhum) e 5 à máxima (Sim, vários, ao menos 3).

Se a frequência de visitação à casa de vizinhos é baixa, o encontro fortuito com os mesmos nas ruas do bairro aparece em percentual maior. Especialmente para os moradores da Praia do Canto. Isso pode acontecer, em grande parte, pelo fato de a Praia do Canto ser um bairro bem menor do que Jardim Camburi em extensão, e com uma população que é menos da metade. A possibilidade de encontrar amigos e conhecidos ao caminhar pelas ruas do bairro é vista como facilitadora na construção de redes sociais. Os dados sobre esse indicador podem ser vistos abaixo (Figura XIV):

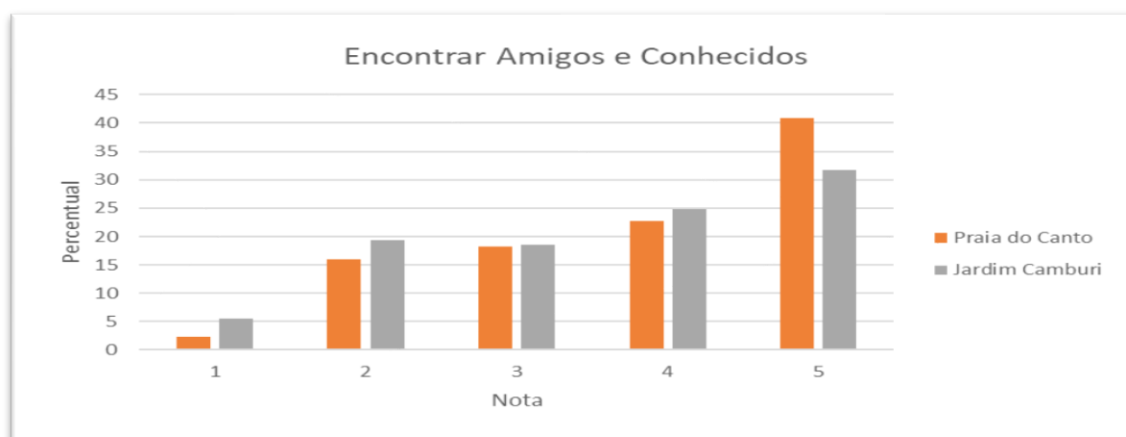


Figura XIV: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você costuma encontrar com amigos e conhecidos quando circula pelo seu bairro?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nunca) e 5 à máxima (Sim, regularmente).

Em termos gerais, os dados encontrados, sendo consistentes com outros indicadores de confiança e engajamento cívico, poderiam contribuir para um alto índice de capital social das comunidades. Como pode ser visto no histograma abaixo (Figura XV), a dimensão do capital social que obteve o maior percentual de respostas próximos ao nível máximo foi a que corresponde às relações sociais. Pode-se inferir, portanto, que quando as interações se definem por vínculos pessoais e afetivos, ou pela superficialidade dos encontros fortuitos no cotidiano, as pessoas tendem a ser mais receptivas do que quando as interações demandam comprometimento impessoal voltado para a promoção do bem

comum, que é o que é requerido no engajamento cívico, por exemplo. Nesse contexto, cerca de 25% dos moradores da Praia do Canto e 20% dos de Jardim Camburi pontuaram no nível máximo das redes sociais. Em torno de 20% dos respondentes de Jardim Camburi pontuaram no segundo nível mais alto, e 24% dos da Praia do Canto. No nível médio encontram-se cerca de 18% dos moradores de Jardim Camburi e 20% da Praia do Canto. Ao todo, em torno de 58% dos moradores de Jardim Camburi e de 69% da Praia do Canto se declararam com níveis entre médio e alto nessa dimensão do capital social.

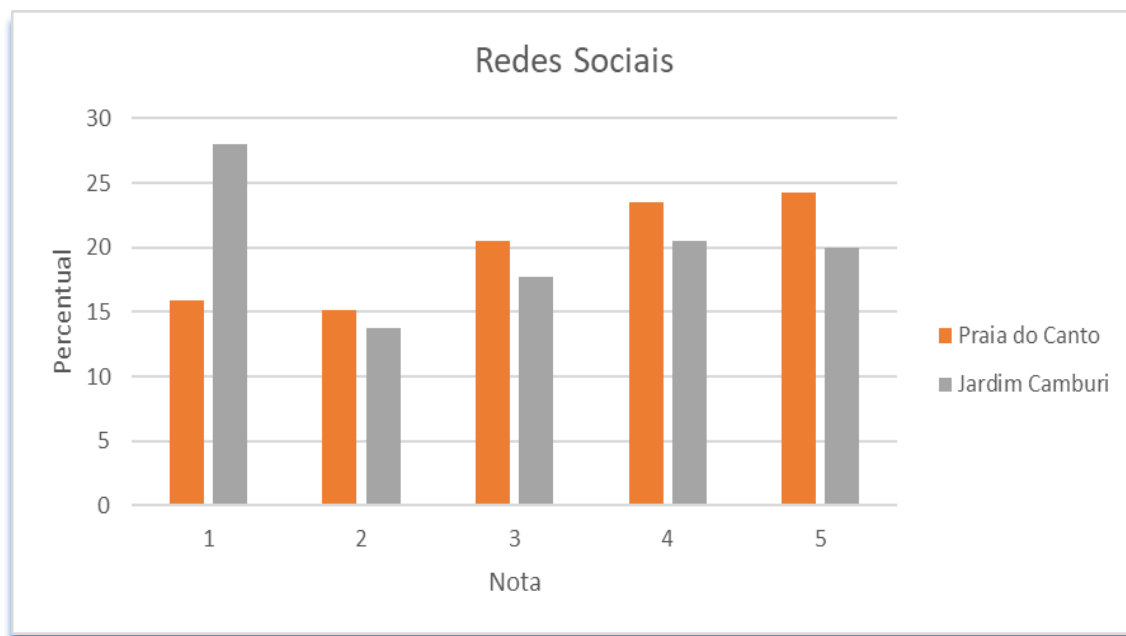


Figura XV: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, para a dimensão “Redes Sociais”: sendo que 1 corresponde ao nível mais baixo para a existência de redes sociais e 5 ao mais alto.

Dimensões e Percepções sobre a Felicidade

Domínio do Ambiente

No campo de estudos psicológicos sobre a felicidade, os termos bem-estar psicológico, bem-estar subjetivo e felicidade podem ser utilizados com o mesmo propósito: abordar o quanto as pessoas se sentem felizes com suas vidas. A dimensão “Domínio do Ambiente” está diretamente associada ao nível de bem-estar psicológico e, de certa forma, pode revelar o quanto a pessoa consegue extrair recursos do ambiente no qual está inserida para obter melhor qualidade de vida e ser mais feliz. Cinco indicadores foram utilizados para medir o nível de domínio do ambiente de moradores da Praia do Canto e de Jardim Camburi. O primeiro deles diz respeito ao quanto as pessoas sentem que o estilo de vida delas combina com as características do bairro em que vive. Os dados obtidos mostram pouca diferença entre os moradores dos dois bairros, sendo que os de Jardim Camburi se encontra ligeiramente mais afinados com o próprio bairro. É o que pode ser visto abaixo (Figura XVI):

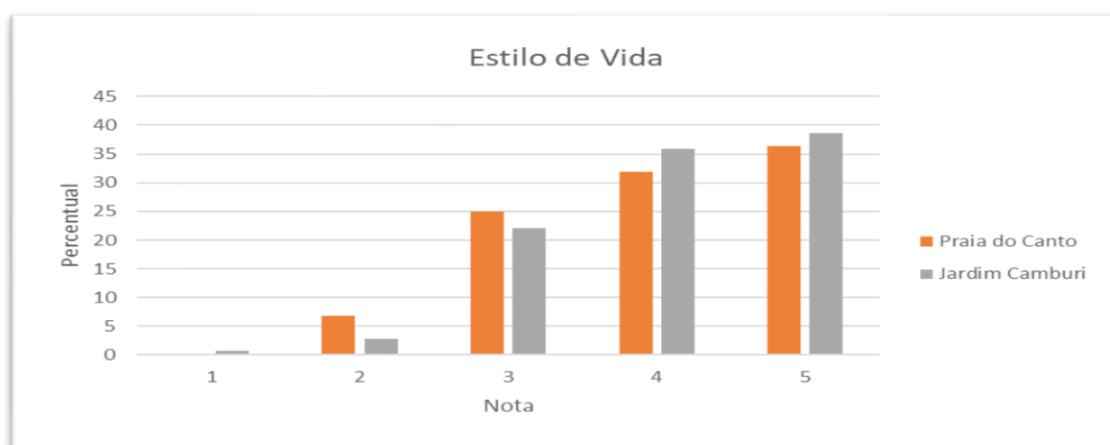


Figura XVI: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “Você sente que o seu estilo de vida combina com as características do seu bairro?”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Uma das explicações possíveis para os dados acima seja o fato de que, por um lado, muitos moradores de Jardim Camburi relatam a residência no bairro como um sinal de prosperidade. Para esses moradores, Jardim Camburi representa ascensão social, o acesso a um estilo de vida ambicionado. Com o

crescimento acelerado que o bairro viveu nas últimas duas décadas, muitos imóveis foram construídos com financiamento governamental, facilitando a aquisição dos mesmos por jovens casais e famílias que antes residiam em bairros com menos infraestrutura. Por outro, parte considerável dos moradores da Praia do Canto tem uma longa história com o bairro, seja como moradores ou frequentadores do local. E, ao contrário de Jardim Camburi, o espaço para a especulação imobiliária na Praia do Canto é exíguo, o que encarece muito o valor dos imóveis novos. Assim, os novos moradores da Praia do Canto tendem a ser pessoas que já estão acostumadas a morar em bairros totalmente urbanizados e com facilidades diversas.

Nesse contexto, o conhecimento das vantagens oferecidas pelo bairro, assim como a capacidade de aproveitá-las, aparece com um percentual ligeiramente mais alto para os moradores da Praia do Canto do que para os de Jardim Camburi. Como mostra a figura abaixo (Figura XVII):

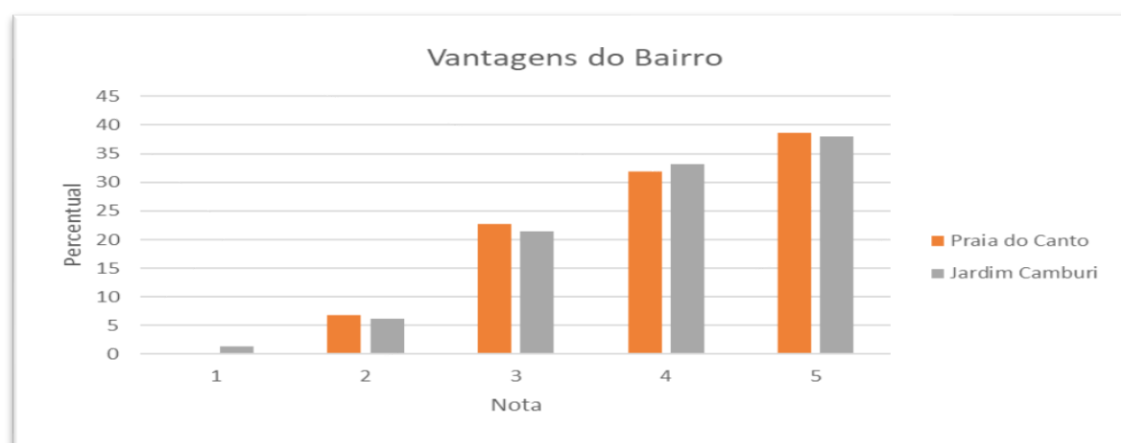


Figura XVII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você consegue identificar claramente quais são as vantagens de morar no seu bairro e aproveita cada uma delas?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

A familiaridade da maioria dos moradores da Praia do Canto com o próprio bairro é reforçada pelos resultados do indicador que trata da utilização dos recursos do bairro. A diferença entre os moradores dos dois bairros quanto ao conhecimento e utilização dos recursos disponíveis em suas vizinhanças para

manejo da vida cotidiana é perceptível. Como pode ser visto abaixo (Figura XVIII):



Figura XVIII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você conhece e utiliza os recursos existentes no seu bairro que são úteis para realizar suas tarefas cotidianas?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Um dos fatores que podem contribuir para a maior familiaridade com o próprio bairro é a dimensão do mesmo. Nesse sentido, os moradores da Praia do Canto têm muito mais possibilidade de explorar a própria vizinhança. Isso se dá em função do tamanho do bairro, que é bem menor do que Jardim Camburi. Essa diferença pode ser uma das possíveis explicações para os percentuais apresentados pelos moradores dos dois bairros em relação ao indicador facilidade de deslocamento. Enquanto o bairro da Praia do Canto pode ser percorrido quase que em toda a sua extensão a pé, Jardim Camburi requer algum tipo de veículo para poder percorrê-lo integralmente. Assim, os moradores da Praia do Canto narram maior facilidade para se deslocar pelo bairro. Como pode ser visto abaixo (Figura XIX):

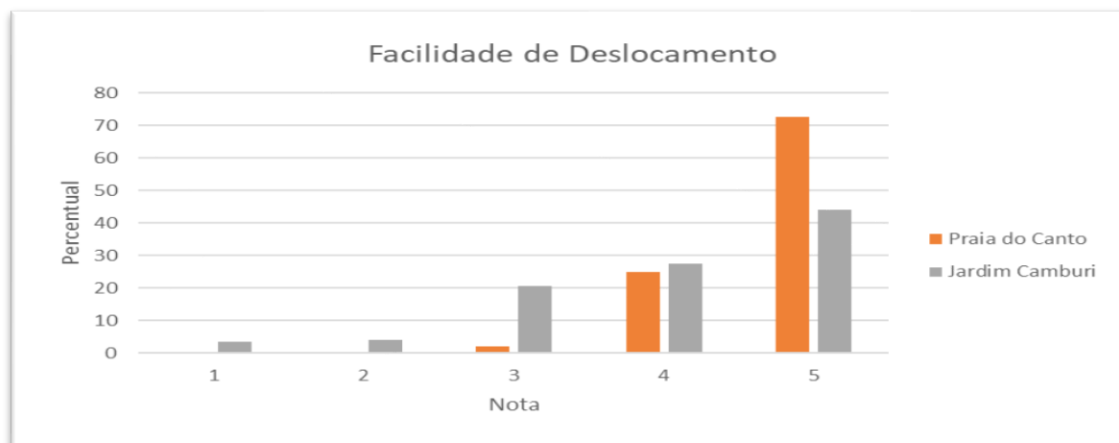


Figura XIX: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “Você tem facilidade para se deslocar pelo seu bairro e conhece cada canto dele e como chegar lá?”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Poder deslocar-se pelo bairro facilmente confere aos moradores maiores chances de conhecer a própria vizinhança, o que permite acessar e usufruir dos recursos e das vantagens que ela oferece. Essa premissa valida os dados referentes ao próximo indicador, uma vez que ele aponta o quanto os moradores conseguem escolher, definir e descrever os melhores e piores lugares do bairro para as mais diferentes atividades, seja de consumo, lazer, atividade física, socialização, etc. Mais uma vez, os moradores da Praia do Canto demonstram ter maior conhecimento do próprio bairro do que os de Jardim Camburi. É o que mostra a figura abaixo (Figura XX):

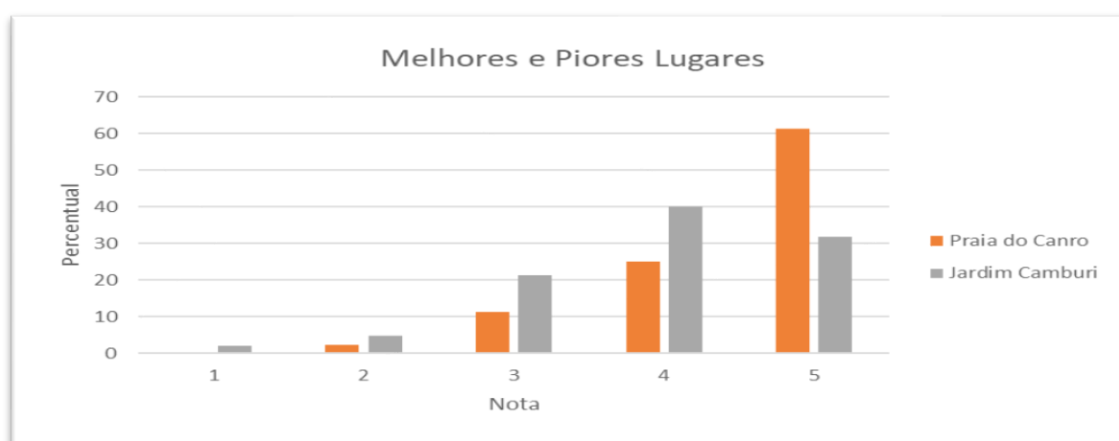


Figura XX: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “Você sabe indicar quais são os melhores e os piores lugares do seu bairro, seja para compras, lazer ou qualquer outra coisa?”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Os diferentes indicadores apresentados acima podem influenciar os níveis de felicidade das vizinhanças, uma vez que quanto maior o domínio do ambiente mais chances há de que os moradores se sintam com controle sobre as variáveis externas que podem interferir em seu bem-estar cotidiano. O domínio do ambiente contribui para que as pessoas se sintam mais capazes de intervir no entorno, isso porque elas se sentem com capacidade para gerar condições, ou aproveitar as existentes, que se adequam melhor as suas necessidades. Em termos gerais, os moradores da Praia do Canto demonstram ter maior domínio sobre o ambiente do próprio bairro do que os moradores de Jardim Camburi. Como pode ser visto abaixo (Figura XXI):

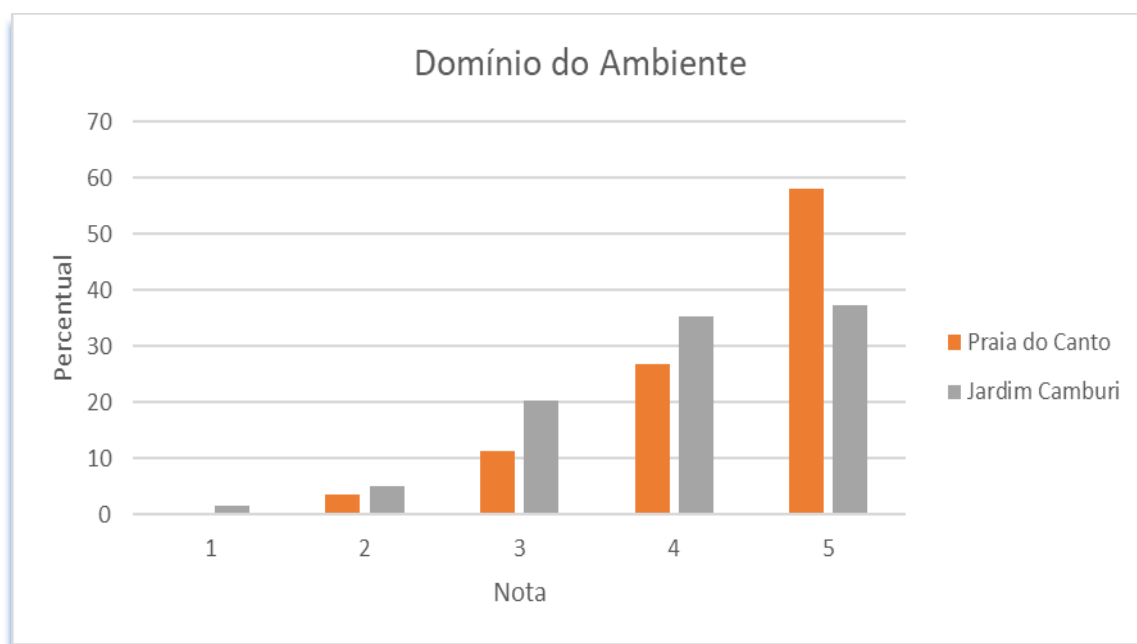


Figura XXI: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, para a dimensão "Domínio do Ambiente": sendo que 1 corresponde ao nível mais baixo de domínio do ambiente e 5 ao mais alto.

Relações Positivas

As relações positivas têm sido apontadas pelos estudos na área do bem-estar como um fator determinante para os níveis de felicidade. Elas configuram a base afetiva que favorece o suporte social, o sentimento de pertença e as interações sociais constituídas pela empatia e pelo cuidado com o outro. Na ausência de relações positivas, ou quando estas se mostram enfraquecidas, há

mais chances de ocorrer isolamento social, assim maior disposição para conflitos em geral. Não é à toa que a gentileza e a solidariedade são indicadores confiáveis da existência de relações positivas nas interações cotidianas. Os dados obtidos junto aos moradores dos dois bairros apresentam baixo índice de gentileza e de solidariedade. Como pode ser visto abaixo (Figura XXII):

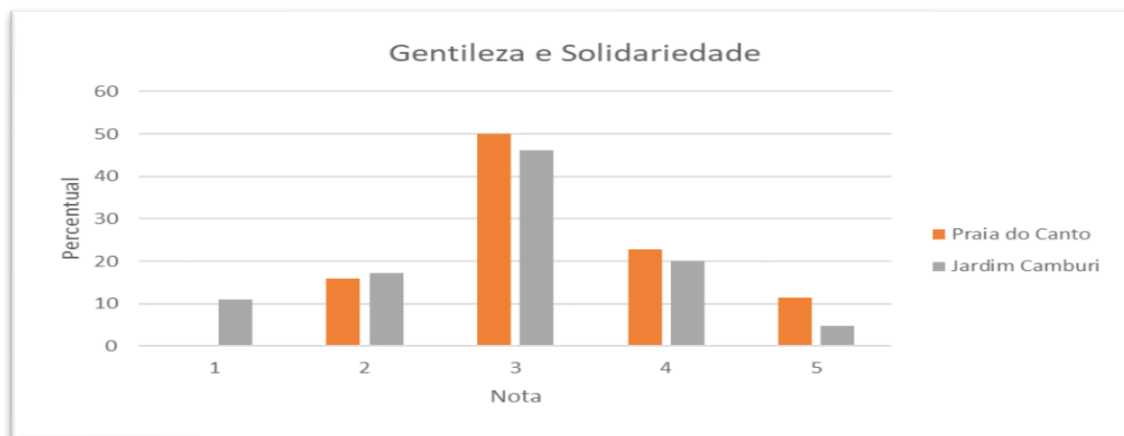


Figura XXII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você diria que gentileza e solidariedade são comuns entre as pessoas na sua comunidade?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Como visto acima, os moradores da Praia do Canto indicam que as relações no seu bairro apresentam maior gentileza e solidariedade. Essa ligeira vantagem que emerge nos dados, contudo, não chega a ser significativa, fazendo com que os moradores dos dois bairros percebam as outras pessoas na vizinhança como pouco gentis e solidárias. Curiosamente, porém, os percentuais relativos ao indicador “amigos na comunidade” são bem maiores para os moradores dos dois bairros, do que são os relativos às interações marcadas pela gentileza e solidariedade. É o que pode ser visto abaixo (Figura XXIII):

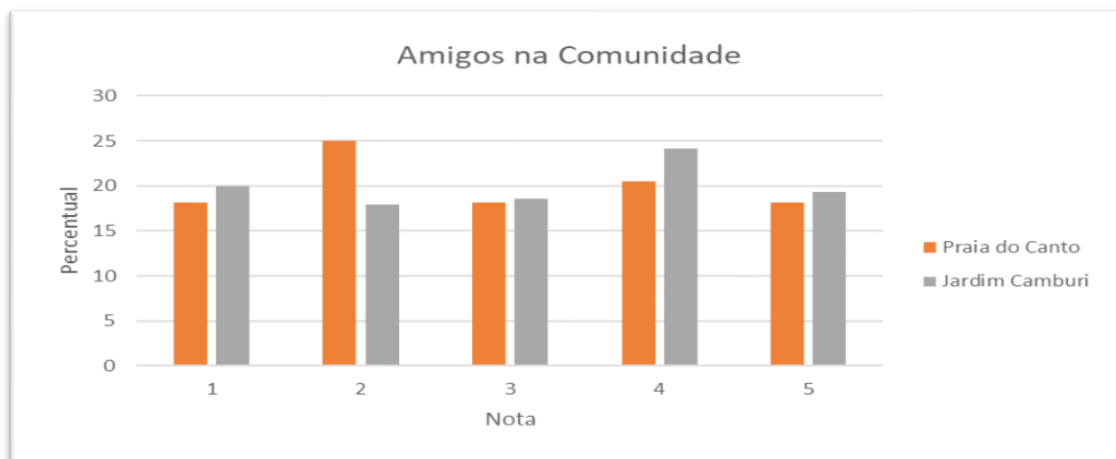


Figura XXIII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você tem amigos na comunidade com os quais se sente confortável para dividir os problemas?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Como visto acima, para parcela significativa dos moradores dos dois bairros (entre 35% para Praia do Canto e 40% para Jardim Camburi) é um fato a presença de amigos na comunidade com os quais se pode contar para dividir os problemas. Esses dados sugerem, portanto, que a gentileza e a solidariedade são atitudes reservadas para as relações mais íntimas e pessoais, e que são menos presentes nas interações cotidianas entre as pessoas nos lugares públicos. Isso é corroborado pelos dados seguintes, que tratam do indicador “favor para vizinho”. Neste caso, as respostas dos moradores dos dois bairros apontam para o fato de que há certa gentileza e solidariedade quando o alvo da ação é um vizinho. Como mostra a figura seguinte (Figura XXIV). Aqui, é lícito pensar que o vizinho em questão é alguém que mora proximamente, seja na mesma rua, mesmo edifício ou condomínio.



Figura XXIV: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você fez um favor para algum vizinho nos últimos seis meses?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nenhum) e 5 à máxima (Sim, frequentemente, ao menos 3).

De certa maneira, os dados relativos aos indicadores de “Relações Positivas” possibilitam uma aproximação com alguns dos dados sobre capital social que aparecem em “Redes Sociais” e em “Confiança”. Aparentemente, é mais recorrente o estabelecimento de interações positivas quando a relação é íntima e pessoal. No âmbito da vida pública, porém, tem-se a impressão de que as relações se dão de modo superficial e são pouco afeitas a empatia e ao cuidado com o outro, muito embora possam ser conduzidas com simpatia. Essa configuração poderia indicar certa ressonância da presença do homem cordial, como definido por Sergio Buarque de Holanda, no imaginário dos moradores das dos dois bairros.

Esse aparente alinhamento entre indicadores de capital social e de felicidade estão em acordo com os estudos da área. Uma vez que baixo capital social estaria relacionado a um menor índice de felicidade em comunidades. Mais especificamente, baixo índice de confiança, assim como uma predominância de redes sociais informais, indicaria interações sociais esvaziadas e menor ocorrência de afetos e de atitudes positivas entre as pessoas.

Assim, os índices encontrados para a dimensão relações positivas revelam certa fraqueza das mesmas, tanto no bairro Jardim Camburi quanto na

Praia do Canto. A maioria das respostas se localizam no nível médio do histograma. O que significa que cerca de 31% dos moradores da Praia do Canto, e 28% dos moradores de Jardim Camburi descrevem suas relações como mais ou menos positivas. O nível máximo de avaliação, que percebe as relações como totalmente positivas, apresenta os percentuais mais baixos, em torno de 14% para Praia do Canto e 13% para Jardim Camburi. Nos dois níveis mais baixos da escala, no qual as relações são vistas como nem um pouco positivas, e muito pouco positivas, tem-se um percentual total aproximado de 33% para os moradores de Jardim Camburi, e de 31% para os da Praia do Canto. É o que pode ser visto abaixo (Figura XXV):

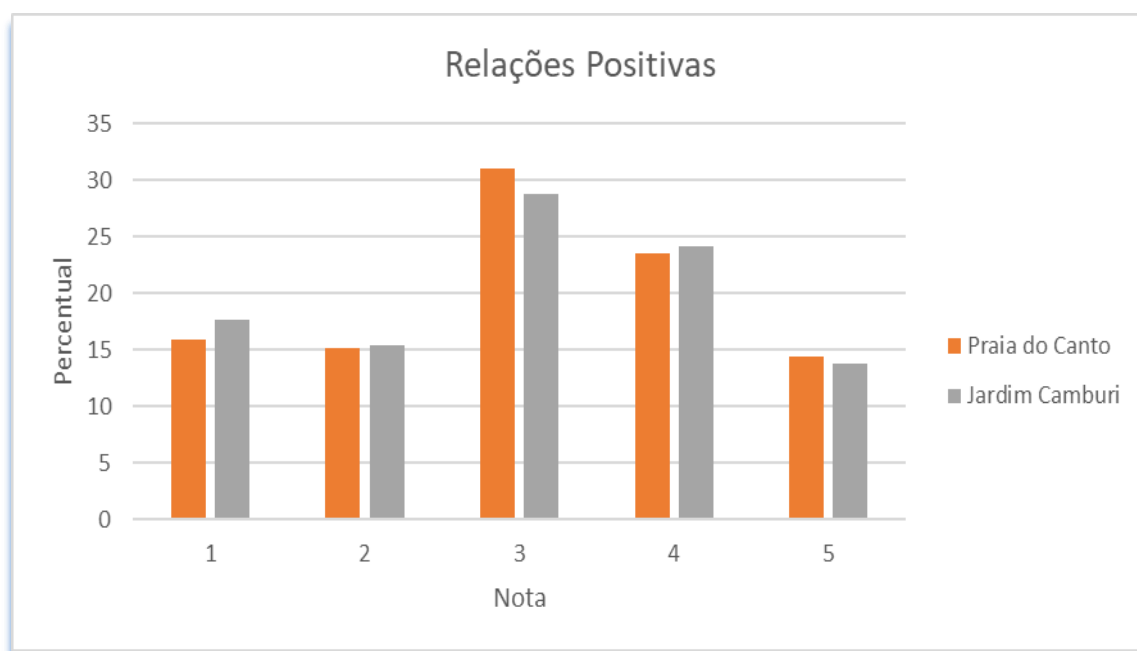


Figura XXV: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, para a dimensão “Relações Positivas”: sendo que 1 corresponde ao nível mais baixo das relações positivas e 5 ao mais alto.

Satisfação Com a Vida

A dimensão da felicidade “Satisfação com a vida” pode revelar o quanto uma pessoa percebe que a sua vida está no “trilho certo”. Nesse sentido, altos índices de satisfação com a vida indicam que a pessoa não sente necessidade de mudar as condições da própria vida, uma vez que ela está vivendo como ela gostaria. Esta satisfeito com a própria vida oferece fortes indícios de felicidade pessoal, e de que essa está relacionada com uma sensação de prazer e de

realização em diferentes aspectos da vida cotidiana. Um dos aspectos que, aparentemente, pesam na satisfação com a vida são as condições do ambiente no qual se vive. Fatores como oportunidades de lazer, interação social positiva, acesso a serviços e facilidades para suprir necessidades básicas como deslocamento e consumo, condições saudáveis de habitação, contato com a natureza, e outros, configuram o cenário para uma avaliação positiva da vida. Em função disso, um dos indicadores de satisfação com a vida associados ao ambiente seria o quanto uma pessoa se sente adaptada e confortável na sua vizinhança. A princípio, isso pode ser respondido pelo desejo de permanecer no mesmo local de moradia. É o que mostra a figura abaixo (Figura XXVI):

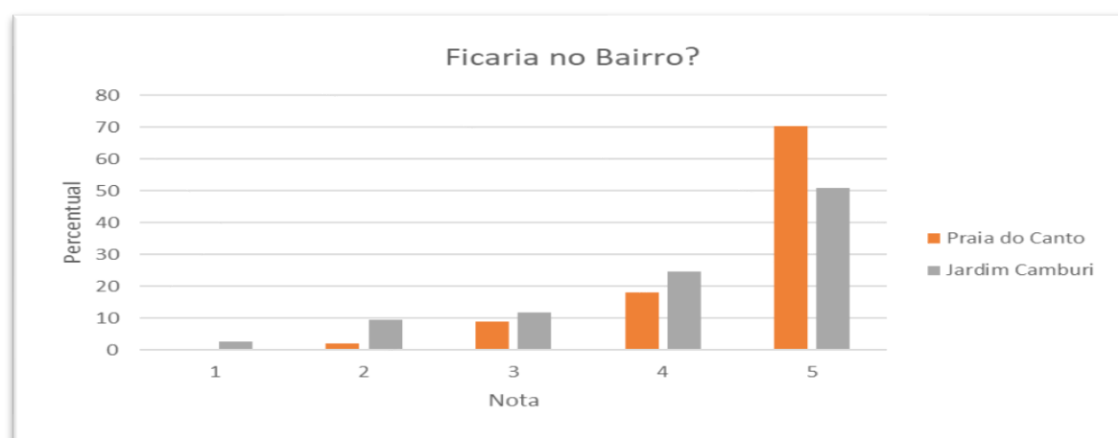


Figura XXVI: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Se você pudesse escolher qualquer lugar para morar em Vitória, você continuaria morando no seu bairro?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, de forma alguma) e 5 à máxima (Sim, com certeza).

De acordo com os dados analisados, a maioria dos moradores nos dois bairros apresentam alto índice de satisfação com seus bairros. Sendo que os moradores da Praia do Canto apresentam um percentual consideravelmente maior de satisfação. Esse resultado corrobora os dados referentes à dimensão “Domínio do Ambiente”, a qual indica o quanto os moradores sentem conhecer e usufruir dos recursos e oportunidades disponíveis em suas vizinhanças. Uma vez que a maioria dos moradores se sentem adaptados e confortáveis em seus bairros, sem planos de trocá-lo por outro, infere-se ser natural que eles avaliem como prazeroso viver em suas vizinhanças. É o que mostra os dados apresentados na Figura XXVII. Tanto os moradores de Jardim Camburi quanto

da Praia do Canto pontuam alto no índice de prazer que sentem morando em seus bairros. Em acordo com dados anteriores sobre o desejo de permanecer no próprio bairro, os moradores da Praia do Canto apresentam maior percentual de prazer em viver onde vivem. Em torno de 70% de respondentes avaliam que morar na Praia do canto torna a vida mais fácil e prazerosa, sendo que entre os moradores de Jardim Camburi esse percentual cai para cerca de 41%.

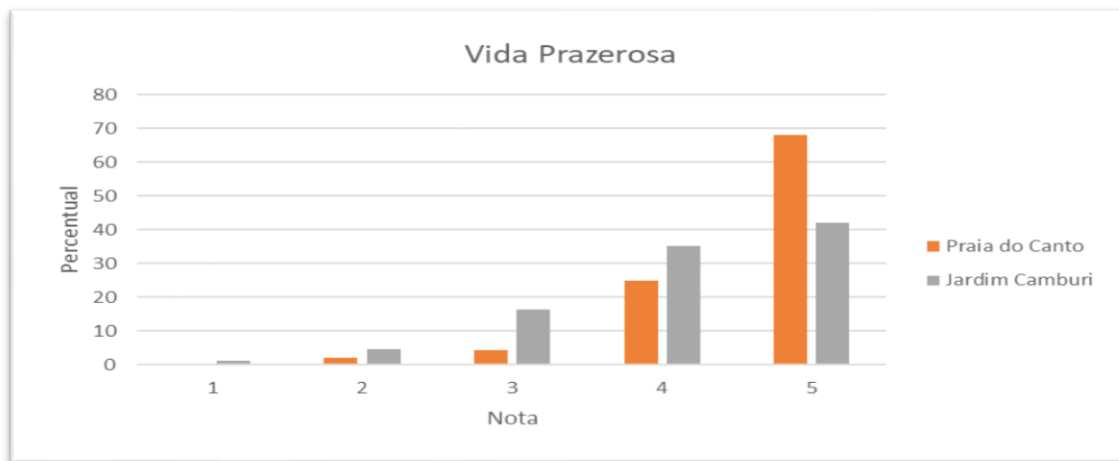


Figura XXVI: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “Morar no seu bairro torna a vida mais fácil e prazerosa?”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Ao estabelecer uma vinculação direta entre felicidade e ser morador de uma dada vizinhança, os próximos resultados avançam na investigação sobre o quanto morar em um dos dois bairros pode contribuir para que as pessoas se sintam mais felizes. Para a maioria dos respondentes, há uma relação direta entre o quanto se sentem felizes e o lugar no qual residem. Analisando-se os dois pontos mais altos da escala, tem-se em torno de 84% de moradores que acreditam que morar na Praia do Canto contribui para a sua felicidade no dia a dia. Com um percentual mais baixo, mas ainda consideravelmente alto, aproximadamente 70% dos moradores de Jardim Camburi, totalizando os dois pontos mais altos da escala, acreditam que a felicidade que sentem na vida cotidiana está relacionada ao lugar no qual residem. É o que pode ser visto abaixo (Figura XXVII):

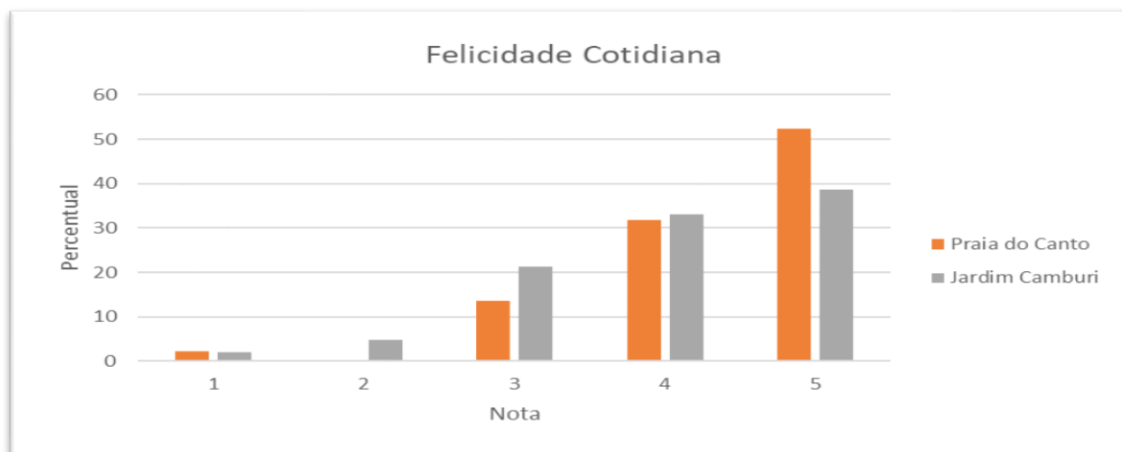


Figura XXVI: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você diria que morar no seu bairro contribui para a sua felicidade no dia a dia?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Como forma de validar os dados sobre a percepção de felicidade investigada no indicador anterior – e como mecanismo para avaliar o quanto o local de moradia poderia influenciar nessa percepção – optou-se por perguntar diretamente as pessoas se elas são felizes. A pergunta direta sobre se alguém é feliz ou não é um dos pontos centrais das escalas sobre satisfação com a vida. A pergunta direta oferece um parâmetro de comparação para outras questões em torno da vivência de felicidade, que pode ou não as validar. No caso dos resultados obtidos junto aos moradores dos dois bairros, a resposta à pergunta “*Você é Feliz?*”, não apenas confirma os dados do indicador “*Felicidade Cotidiana*” como, também, confirma a possibilidade de a felicidade percebida estar associada ao bairro no qual se vive.



Figura XXVII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de

resposta, de 1 a 5, à pergunta “*Você é feliz?*”: sendo que 1 corresponde à pontuação mínima (Não, nem um pouco) e 5 à máxima (Sim, totalmente).

Como pode ser visto na figura XXVII, acima, em torno de 84% dos moradores da Praia do Canto encontram-se nos dois pontos mais altos da escala, o mesmo percentual obtido no indicador em torno da contribuição do local de moradia para a felicidade cotidiana. No caso dos moradores de Jardim Camburi, aproximadamente 75% dos respondentes encontram-se nos dois pontos mais altos da escala, 5% acima do percentual de moradores da mesma medida no indicador anterior. Uma explicação possível para essa diferença entre os moradores de Jardim Camburi, pode ser o fato de que alguns se sentem genuinamente satisfeitos em morar no bairro, mas como ainda não se percebem com amplo domínio do ambiente não conseguem estabelecer uma associação direta entre a percepção da própria felicidade e o ambiente em que habita.

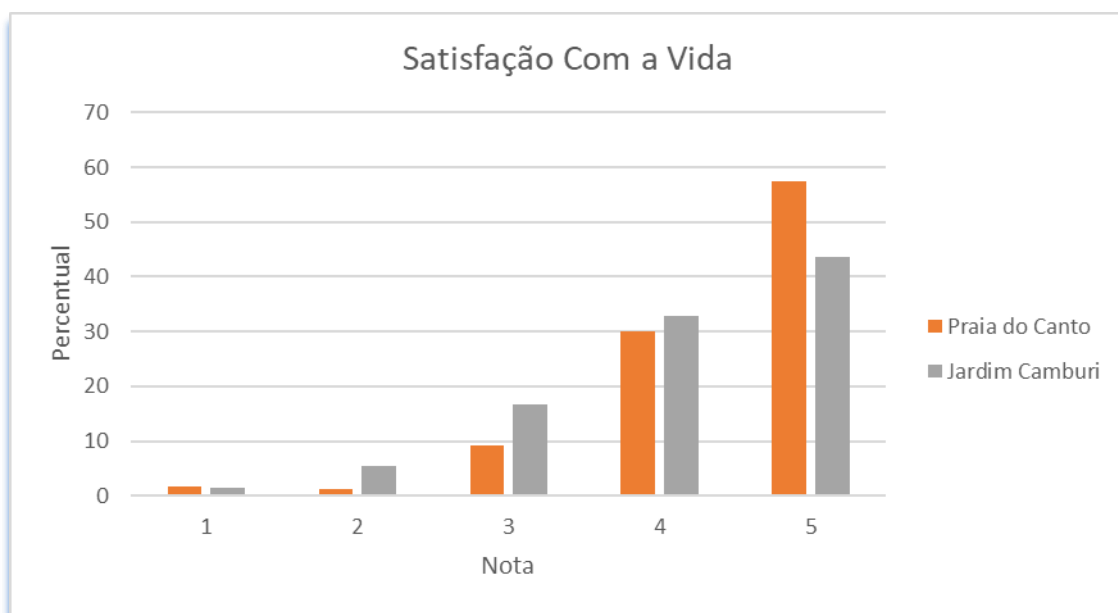


Figura XXVIII: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, para a dimensão “Satisfação com a vida”: sendo que 1 corresponde ao nível mais baixo da satisfação e 5 ao mais alto.

Os dados obtidos na investigação da dimensão da felicidade “Satisfação com a vida” corroboram os resultados encontrados na dimensão “Domínio do Ambiente”. Nesse sentido, aparece uma forte relação entre conhecer os recursos e possibilidades do próprio bairro e sentir-se feliz em habitá-lo, e com a própria vida. Os moradores da Praia do Canto aparecem como os maiores beneficiários

dessa relação, sendo quase 60% dos respondentes mais satisfeitos com a vida. Ao passo que os moradores de Jardim Camburi representam em torno de 42% dos mais satisfeitos.

Capítulo VII: Conclusões

*“Como foi a imaginação que criou o mundo,
ela governa-o.”*

Charles Baudelaire

Aproximações entre Imaginário e Capital Social

Ao relacionar-se os dados obtidos nas três dimensões do Capital Social – Confiança, Engajamento Cívico e Redes Sociais – obtém-se um índice de Capital Social para as duas comunidades. O índice obtido revela um baixo capital social, sendo que o bairro da Praia do Canto apresenta um índice ligeiramente mais alto, muito embora não seja significativo. No nível mais alto da escala, o ponto máximo, indicando a presença de capital social de vizinhança sólido, é de 12% das respostas. No nível mais baixo, onde o capital social é ausente, encontra-se o ponto máximo em torno de 37% das respostas. Entre o nível máximo e o nível mínimo é possível se observar variações em torno de 15 e 20% das respostas dadas nas três dimensões do capital social.

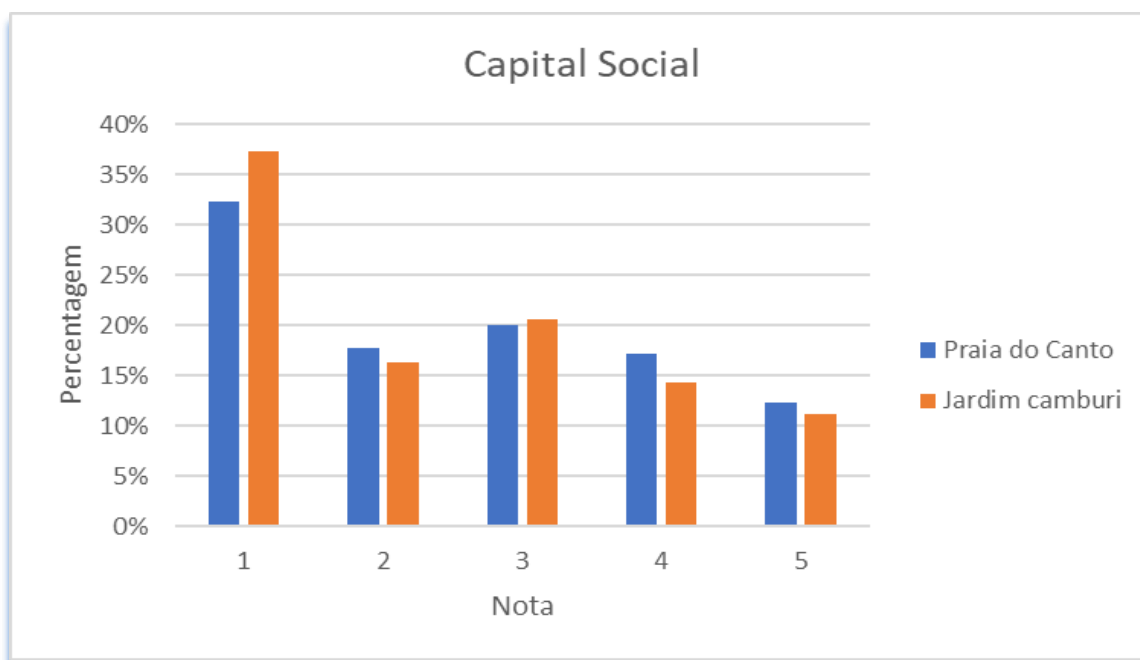


Figura XXIX: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, para a somatória das três dimensões do Capital Social – Confiança, Engajamento Cívico e Redes Sociais – sendo que: 1 corresponde ao nível mais baixo de capital social e 5 ao mais alto.

Esse resultado, como visto anteriormente, pode expressar o impacto da formação cultural da nação brasileira na dificuldade de construção de capital social de vizinhança. No país do homem cordial, transpor o espaço privado com a disposição de atuar no espaço público para o bem comum parece encontrar barreiras subjetivas consideráveis. Há fortes indícios de que as relações

consideradas relevantes e importantes para a manutenção da vida cotidiana são as que se dão no âmbito da vida privada. Arquetipicamente, ainda se encontraria a vida comunitária brasileira atrelada à imagem do patriarcado rural. Nesse sentido, a despeito de todos os avanços objetivos feitos na direção de uma sociedade democrática e participativa, ao nível subjetivo o cidadão brasileiro ainda depositaria no agente do poder público, do grande pai representado pelo Governo, a maior parte da responsabilidade pelo bem-estar da população no âmbito das resoluções práticas para os problemas e anseios da vida cotidiana em comunidade.

A força simbólica da herança cultural hierárquica, na qual o conceito de cidadania ainda tropeça no voto como símbolo máximo da participação popular na vida pública, influenciaria mesmo as camadas mais educadas da população. Nos dois bairros estudados, Praia do Canto e Jardim Camburi, a população é caracterizada por índices socioeconômicos e de escolaridade acima da média municipal, estadual e nacional. As condições de urbanidade nas duas vizinhanças são igualmente superiores ao que é encontrado na maioria dos bairros brasileiros. Ainda assim, as interações no espaço público para a mobilização em torno de interesses comuns aos moradores dos bairros são precárias.

De maneiras diferentes, os moradores dos dois bairros se mantêm afastados da vida coletiva. Com índices mais baixos de confiança, mas ligeiramente mais altos de engajamento cívico, os moradores de Jardim Camburi parecem reencenar o mito fundador do bairro. Jardim Camburi nasce como o bairro de operários migrantes de outros estados da federação, que vieram morar em Vitória em função de um projeto de desenvolvimento industrialista em torno da Companhia Vale do Rio Doce. Nesse contexto, o morador primário do bairro é o “estrangeiro”, aquele que vem para prosperar. O bairro, na época, era totalmente isolado da cidade de Vitória, e muito distante do município da Serra que ainda era predominantemente rural. No final da Praia de Camburi, o bairro de Jardim Camburi surge como um conjunto de casas operárias, habitadas por estranhos unidos pelo ponto comum de serem trabalhadores do Porto de Tubarão. A paisagem isolada e esparsamente habitada tinha como único atrativo

a ampla orla e o mar infinito. Para a maioria de mineiros que veio morar no bairro, a praia era um presente que poderia fazer valer a pena a distância de tudo.

Aparentemente, a imagem que os moradores de Jardim Camburi têm do bairro hoje, ainda é assombrada pelo mitema do herói aventureiro que precisa vencer o desafio do isolamento geográfico, da indústria que domina a paisagem do bairro e a vida de seus habitantes, da insegurança em uma terra ainda a ser desbravada. Esses heróis diurnos que buscam a luz do sol à beira mar, e o convívio social nas praças fervilhantes de novas vidas, unem-se esporadicamente para exercerem algum poder junto aos órgãos públicos, ou nos eventos comunitários que, talvez, reafirmem o status de pertencimento à comunidade. Ao mesmo tempo, esses heróis diurnos vêm na escuridão das ruas do bairro o novo vizinho recém-chegado – ou o transeunte que atravessa o bairro em direção ao município vizinho – como uma ameaça à vida que se deseja conquistar e preservar. É aí que a desconfiança cresce, e que o apego às relações de vizinhança já estabelecidas ganha força. O monstro que assombra o morador de Jardim Camburi tem muitas cabeças, e não o enfrentar é correr o risco da queda em uma paisagem sem limites. Uma paisagem na qual o bairro é um espaço delimitado unicamente pelas moradias que se avolumam em ritmo acelerado. Nessa paisagem indesejada não há lugar para os símbolos de progresso que remetem à jornada individual de cada pioneiro que fez daquele enorme conjunto de lotes desérticos um dos bairros mais prósperos do município e do Estado.

Diferentemente de Jardim Camburi, a Praia do Canto já nasceu próspera. Fruto de um projeto urbanístico inovador para a época, o bairro emerge como um refúgio de verão ajardinado para a aristocracia cafeeira do interior do estado do Espírito Santo. Uma praia de enseada tranquila é a porta de entrada da pequena porção de terra, cujas costas são protegidas por um morro povoado por chácaras arborizadas. À margem da pequena estância de veraneio, um canal piscoso oferece a vista bucólica de um colorido grupo de barquinhos de pesca. Com traçados amplos, as ruas arborizadas do bairro são como um passeio no qual as famílias se encontram no caminho para a igreja, para o clube ou para a marinha. Assim era a Praia do Canto em sua origem, com belas casas em

convidativos quintais floridos. Um lugar de descanso e, ao mesmo tempo, de afirmação do poder econômico e social de uma minoria. Por essa razão, um lugar associado à exclusividade, ao convívio de poucas famílias que se conheciam e se mantinham unidas por laços diversos: sociais, sanguíneos, afetivos ou comerciais. A imagem da Praia do Canto em sua origem, portanto, é permeada pela força de um urbanismo voltado para a promoção de bem-estar, mas acessível a poucos.

Ainda hoje, o bairro é famoso pelos cafés e restaurantes considerados exclusivos e sofisticados, espaços nos quais se encontra pouquíssimos moradores de outros bairros. Parece persistir no imaginário dos habitantes de Vitória a ideia de que a Praia do Canto é um território exclusivo para seus próprios moradores, que, aparentemente, não fazem questão de desconstruir. Atualmente, há bairros na cidade de Vitória nos quais os imóveis são bem mais caros do que na Praia do Canto. Da mesma forma, o valor do metro quadrado pago por um imóvel novo em Jardim Camburi é similar ao que é pago na Praia do Canto. Apesar disso, a Praia do Canto continua sendo vista como um bairro de elite, guardado e habitado pela aristocracia da cidade.

Um dos mitemas dominantes em torno da fundação do bairro da Praia do Canto parece ser o da gestação. Um mito fundador alicerçado no símbolo da espera do planejamento, do ajuste ao ritmo das estações, do ciclo de exposição e de recolhimento que despertava o bairro no verão e o deixava adormecido nos meses mais frios. O mitema que alimenta o imaginário sobre a paisagem da Praia do Canto constitui-se na estrutura mística. É feminino, é materno, é noturno. Disseminatório, ele constrói-se na busca de uma idealizada harmonia com a paisagem natural, ao mesmo tempo em que se deseja contê-la, domá-la e adequá-la à apreciação estética de quem a habita. Esse imaginário sobre a paisagem da Praia do Canto – doméstica, familiar e intimista – mantém seus moradores voltados para dentro do bairro, apegados às lembranças de um passado idílico, no qual tudo era conhecido. Esse excessivo apego ao que é familiar configura certa resistência à mudança, e uma indisposição para novas interações. As relações são privilegiadas em função do sentimento de pertença que elas atualizam. Velhos laços familiares, entre primos, entre antigos colegas

de escola, de praia, de clube, entre já conhecidos vizinhos de infância, favorecem ligeiramente os índices de confiança e de manutenção de redes sociais, tornam o convívio cotidiano mais agradável entre os moradores da vizinhança, mas empobrece as chances de engajamento cívico.

Uma das características da paisagem atual da Praia do Canto são os prédios altos para o padrão da Ilha de Vitória. Parte desses empreendimentos são resultantes de acordos entre famílias tradicionais do bairro e construtoras. As velhas casas do bairro, construídas em grandes terrenos, vão sendo negociadas por famílias decadentes com incorporadoras que, em troca do terreno, oferecem apartamentos para os membros da família. Com isso, muitos condomínios no bairro sofrem com as disputas de espaço que ocorrem entre os condôminos que adquiriram seus apartamentos e os herdeiros dos terrenos que continuam a se sentir os únicos proprietários. O mesmo fenômeno ocorre nos prédios mais antigos, onde velhos moradores agem como se o tempo de moradia lhes conferisse mais direitos de decisão no condomínio. Esses exemplos ilustram o tipo de construção imaginária que obstaculiza a formação de capital social na Praia do Canto. Lugar onde o monstro que espreita a paisagem é a dissolução dos laços, que enterraria para sempre a história gloriosa do bairro, lançando sua paisagem no esquecimento do crescimento desordenado dos novos bairros que ocupam cada vez mais espaço no território da cidade. Mas esse monstro, parecem acreditar os moradores do bairro, está contido. Domesticado ele frequenta os cafés e restaurantes do bairro, onde os moradores alimentam os vínculos de muitos anos sem precisar abrir a porta da própria casa.

Aproximações entre Imaginário e Felicidade

O monstro domado dos moradores da Praia do Canto parece contribuir para que eles se sintam adaptados e confortáveis. O bastante para se perceberem como mais felizes do que os moradores de Jardim Camburi. Os resultados sobre os índices de felicidade nos bairros apontam para o fato de que os moradores da Praia do Canto apresentam percentual bem mais alto no ponto máximo da escala de felicidade. Totalizando cerca de 47% da somatória das respostas dadas às três dimensões da felicidade: Domínio Ambiental, Relações Positivas e Satisfação com a Vida. As respostas dadas pelos moradores de Jardim Camburi se encontram em torno de 34% no ponto mais alto da escala de felicidade. Somando os percentuais do ponto máximo com o segundo ponto mais alto da escala, tem-se cerca de 69% das respostas dadas pelos moradores da Praia do Canto e cerca de 65% das respostas dadas pelos moradores de Jardim Camburi. Ou seja, quando se considera uma percepção da felicidade mais moderada, os índices de Jardim Camburi se aproximam dos da Praia do Canto.

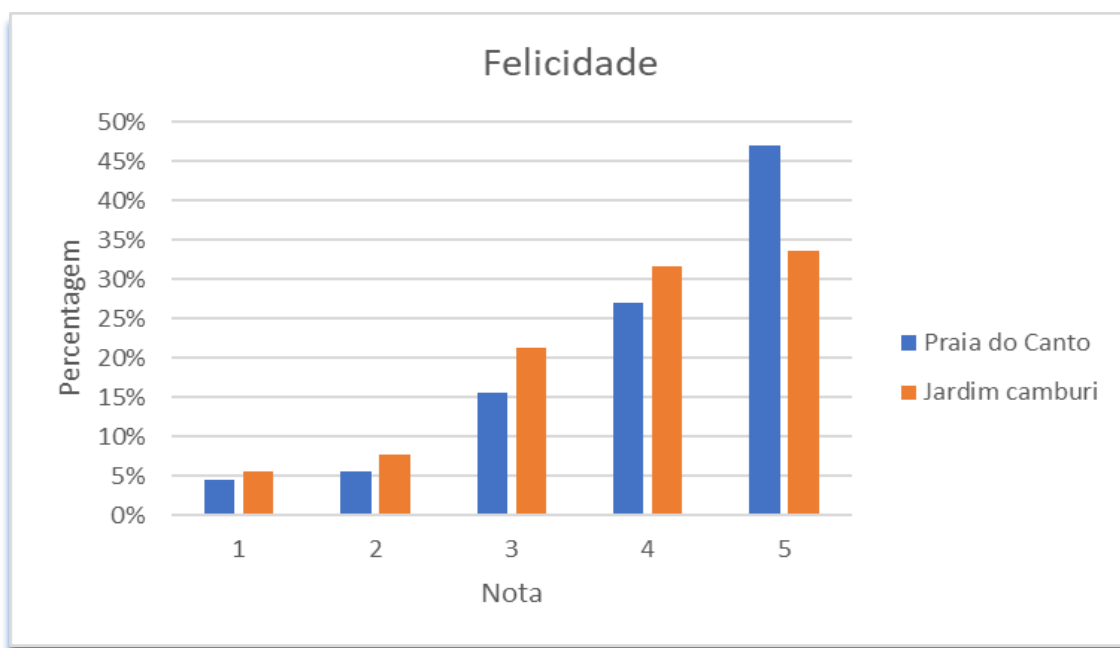


Figura XXX: no histograma acima, pode-se visualizar o percentual atribuído a cada intervalo de resposta, de 1 a 5, para a somatória das três dimensões da Felicidade – Domínio do Ambiente, Relações Positivas e Satisfação com a Vida – sendo que: 1 corresponde ao nível mais baixo de felicidade e 5 ao mais alto.

A partir de uma leitura do Imaginário, a vivência de felicidade entre moradores de Jardim Camburi pode ser mais frequente em níveis moderados porque há uma maior consciência da angústia da morte. Como o imaginário desses moradores configura-se na estrutura heroica do regime diurno, o sentimento de que há uma batalha a ser vencida é muito mais premente. Nesse sentido, imperaria uma visão da paisagem circundante como sendo mais desafiadora. Por um lado, esse estado de “alerta” constante poderia caracterizar uma experiência da felicidade mais voltada ao engajamento. Dentre os caminhos da felicidade na vida cotidiana (SELIGMAN,2002), a vida engajada é um roteiro possível como recurso contra a angústia da finitude, pois ela impulsiona o sujeito a buscar experiências que proporcionem forte envolvimento com as tarefas da vida cotidiana. A vida engajada está associada à experiência de fluxo, na qual os indivíduos se sentem absorvidos pelo que estão fazendo. Para que o fluxo ocorra, a pessoa deve se sentir, de alguma forma, desafiada, sendo demandada a utilizar suas habilidades características. Geralmente, as atividades com objetivos claros tendem a promover mais fluxo, provocando uma motivação interna e uma recompensa intrínseca. A vida engajada é uma forma de felicidade que exige mais esforço, mas que revigora a pessoa.

Nesse sentido, a vida engajada difere-se da vida agradável, que seria um dos caminhos para a felicidade na vida cotidiana. A Vida Agradável está associada à vivência de emoções positivas e implica na busca de vivências que as favoreçam. A vida agradável também ocorre quando se aprende a saborear e a apreciar prazeres básicos como a companhia das pessoas, o contato com a natureza e os cuidados rotineiros com o próprio corpo e casa, por exemplo. A vida agradável, porém, apesar de minimizar o impacto das experiências negativas, não propicia uma vivência de felicidade consistente. É uma felicidade frágil, muito dependente das condições externas. No caso dos moradores de Jardim Camburi, que apresentam baixo domínio do ambiente, a felicidade alicerçada na vida agradável teria mais dificuldade para atingir seus níveis máximos de realização.

Os moradores da Praia do Canto, por sua vez, pontuam bem em domínio do ambiente, e isso lhes oferece maior possibilidade de experienciar a felicidade

por meio da vida agradável. Outro fator que pode contribuir para que a vida agradável represente o caminho da felicidade cotidiana dominante entre moradores da Praia do Canto, é que há entre eles maior índice de satisfação com a vida no dia a dia. A sensação de estar no melhor lugar que se poderia estar acrescenta encantamento pela vida cotidiana, conferindo maior sensação de aconchego, estabilidade e segurança. Esses elementos remetem à ideia de casa materna, de refúgio e de proteção, onde a vida segue o seu rumo sem a necessidade de esforços excessivos. A imagem de uma paisagem tranquila e serena povoa o imaginário dos moradores da Praia do Canto sobre o próprio bairro, o que de certa maneira reforça a perspectiva de maior felicidade percebida.

A vivência de felicidade na vida cotidiana, portanto, oferece diferentes possibilidades que, aparentemente, dependem em grande parte de como as pessoas percebem o ambiente no qual estão inseridas. Nessa perspectiva, os elementos que configuram o imaginário sobre a paisagem, tanto de indivíduos quanto de grupos, podem exercer influência considerável nos índices de felicidade percebida. Um mundo constituído por imagens ameaçadoras e aterradoras, que requer o enfrentamento de batalhas contínuas, tende a viabilizar predominantemente um caminho para a felicidade cotidiana relacionado à vida engajada. Um mundo constituído por imagens apaziguadoras e serenas, que demanda a aceitação dos ritmos naturais, favoreceria um caminho para a felicidade cotidiana baseado na vida agradável.

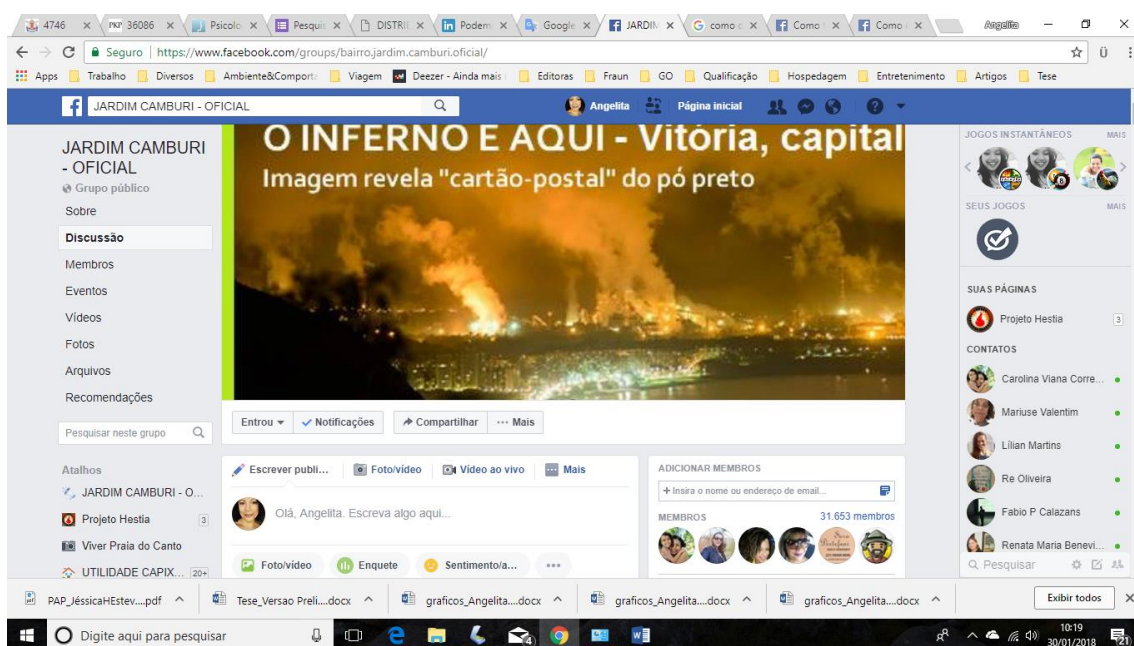
Há um caminho para a felicidade cotidiana, contudo, que parece necessitar de uma articulação entre visões de mundo opostas. Esse é o caminho da vida significativa, que depende de se encontrar um propósito para o tempo a ser vivido, algo que confira sentido à existência. É um caminho que reconhece o poder do tempo sobre a vida, mas que, por isso mesmo, busca atribuir-lhe significado por meio de ações que façam a vida valer a pena. Em sentido filosófico, a vida significativa relaciona-se com o conceito aristotélico de eudaimonia. Ou seja, a vida significativa floresce quando as ações focam no bem comum e promovem o desenvolvimento das virtudes humanas, tais como a justiça e a temperança (SELIGMAN, 2002). Quando as atitudes cotidianas

favorecem a produção de bem-estar para a coletividade, gerando prazer e satisfação por meio de um engajamento consciente. Na vida significativa, a luta é encarada como parte do processo que pode ampliar as possibilidades de viver para todos. A luta não é um empecilho, mas um mecanismo para gerar mais possibilidades para a realização da vida, uma vez que a batalha abre frentes e revela as forças e as fraquezas do lutador e de suas lutas.

A vida significativa, conseqüentemente, é o caminho mais sólido para uma experiência de felicidade duradoura na vida cotidiana. Isso porque ela favorece uma felicidade que extrapola a vida individual e alcança as pessoas do entorno. Logo, a felicidade na vida significativa está diretamente associada aos vínculos relacionais que caracterizam o capital social. Onde não se constrói redes sociais e não se fortalece as relações positivas há poucas possibilidades para o surgimento do capital social e, conseqüentemente, para o florescimento da felicidade eudaimônica. De certa maneira, a vida significativa poderia ser vivenciada em qualquer uma das estruturas do Imaginário, o que dependeria apenas do nível de consciência do personagem em relação ao espaço que ocupa e ao papel que desempenha no contexto maior da vida coletiva. Mas essa consciência se desenvolve melhor na conexão com o outro, para além das fronteiras protegidas do meu grupo ou de minha história. E, aparentemente, é isso que não encontra espaço no Imaginário dos moradores da Praia do Canto ou de Jardim Camburi.

As interações sociais no mundo virtual: imagens e afetos sobre a vida cotidiana nos bairros e a participação de seus moradores na vida comunitária.

A imagem de capa da comunidade virtual de Jardim Camburi, na plataforma *facebook*, é uma foto do céu do bairro, à noite, tomado pela poluição provocada pela Companhia Vale do Rio Doce. De certa forma, a imagem ilustra bem os propósitos da comunidade, além de remeter aos conteúdos imaginários que foram apurados nas respostas dadas pelos moradores do bairro no questionário.



“Jardim Camburi Oficial” é a principal comunidade virtual dos moradores de Jardim Camburi, na plataforma *facebook*, possui 31.623 inscritos. O espaço é utilizado de diferentes maneiras: como lugar para o anúncio de serviços, como espaço para notificação de problemas na vizinhança, como plataforma de mobilização em torno de temas de interesse da comunidade, como canal de comunicação entre moradores, vereadores e lideranças comunitárias. Enfim, a comunidade virtual do bairro Jardim Camburi é movimentada e dinâmica, tendo como foco central a mobilização dos moradores em torno dos problemas e das oportunidades do entorno.

Seguro | <https://www.facebook.com/groups/bairrojardim.camburi.oficial/>

JARDIM CAMBURI - OFICIAL

Amigos, uma moradora de Jardim Camburi está cuidando de 4 gatinhos de 2 meses e meio que precisam de um lar. Ela gentilmente já vermifugou e fez tratamento para pulgas. Quem tiver interesse, pode entrar em contato pelo Whatsapp: 998905676.

CLASSIFICADOS FEU ROSA E VILA NOVA DE GRAÇA
18 amigos · 78.576 membros

RECEITAS FITNESS
9 amigos · 468.836 membros

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2018

Seguro | <https://www.facebook.com/groups/bairrojardim.camburi.oficial/>

JARDIM CAMBURI - OFICIAL

Escreva um comentário...

Juliane Borlini Coutinho está procurando recomendações.
26 de janeiro às 10:33

Bom dia! Preciso de indicação de transporte escolar para escola aqui mesmo no bairro. Obrigada!

BAZAR DE VILA VELHA - COMPRA, VENDA, TROCA
50 amigos · 255.087 membros

RECEITAS FITNESS
9 amigos · 468.788 membros

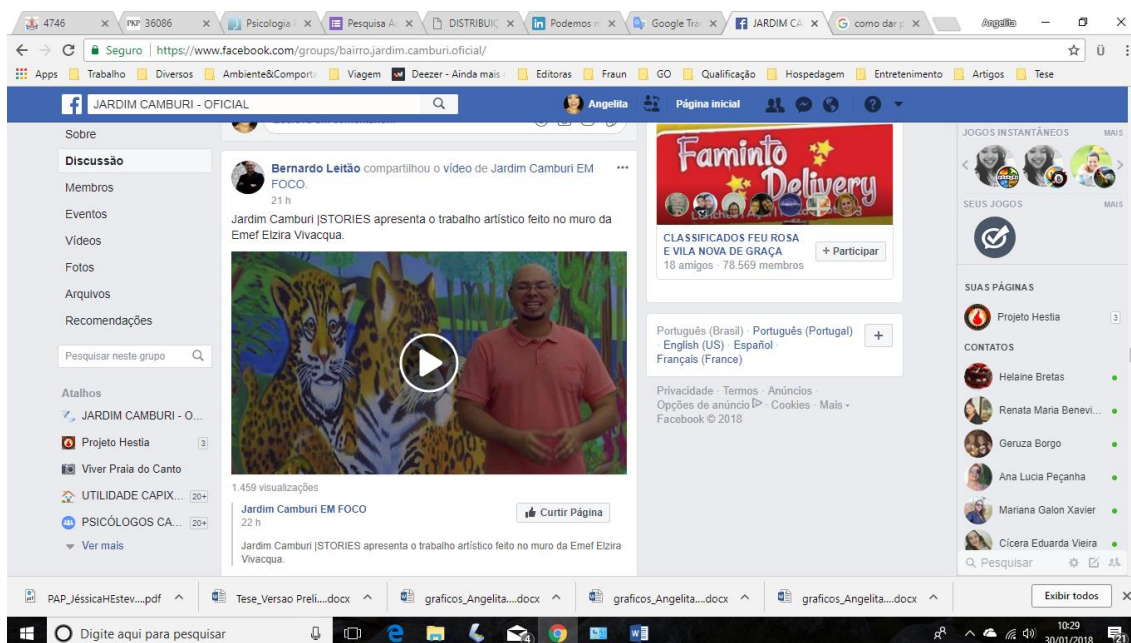
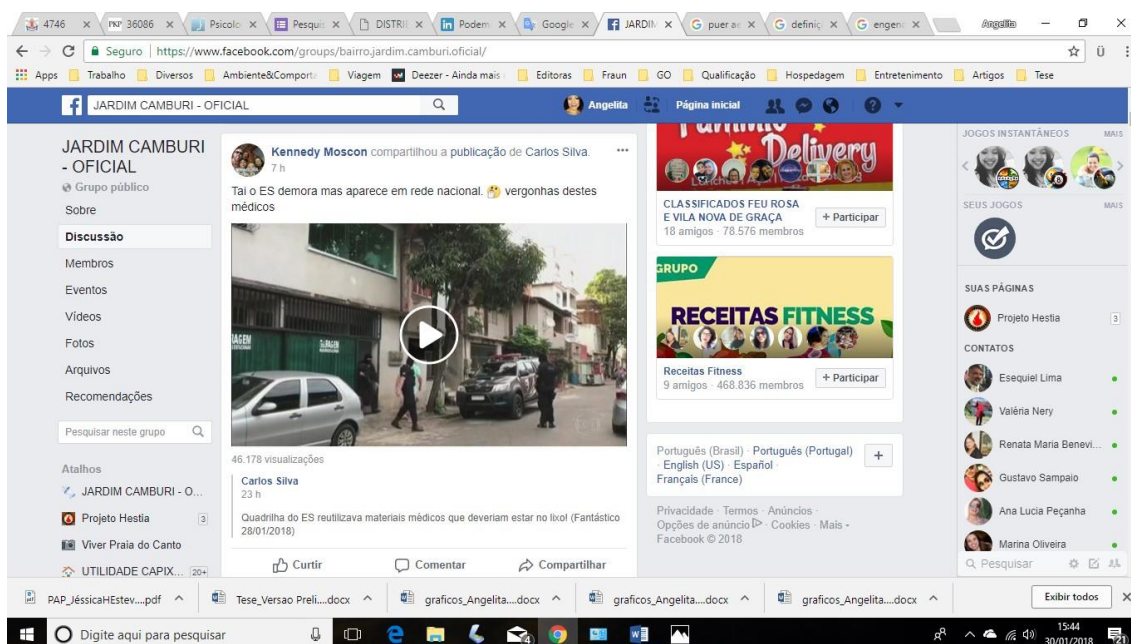
Faminto Delivery

CLASSIFICADOS FEU ROSA E VILA NOVA DE GRAÇA
18 amigos · 78.569 membros

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español

As fotos, vídeos e anúncios são postados pelos moradores, e quase a totalidade deles ilustra acontecimentos do dia a dia do bairro: de um cachorro abandonado pelo dono em alguma rua a um bueiro sem tampa, passando pela oferta de algum serviço especializado ou pelo anúncio de um documento perdido que foi encontrado. Em meio a tudo isso, discussões políticas e avisos informais

de eventos gastronômicos e sociais pelas praças do bairro complementam a diversidade de temas que alimentam as interações na comunidade virtual.



Esse cenário vívido, diverso e dinâmico é um bom modelo da imagem que os moradores de Jardim Camburi têm do bairro em que moram. Permeia a comunidade virtual, assim como as narrativas sobre o bairro, uma atmosfera elétrica, de coisas a fazer, de problemas a serem enfrentados, de movimento contínuo, de trabalho, de encontros sociais informais em praças, bares e na

praia. A imagem de um bairro jovial, com desafios e possibilidades para o crescimento, é a tônica das narrativas sobre a comunidade, sejam essas verbais ou imagéticas. As postagens surgem e rapidamente vão sendo substituídas por outras, de forma que o presente sempre se atualiza. A espera contemplativa parece não fazer parte do repertório afetivo constelado pelo imaginário da comunidade de Jardim Camburi. Há, à espreita, sempre algo a ser solucionado, disseminado, divulgado, anunciado, como se a paisagem vivida se apresentasse como a arena de uma luta necessária e contínua.

Em um sentido arquetípico, as imagens e os afetos compartilhados na comunidade virtual de Jardim Camburi remetem ao arquétipo do Puer. *Puer* é a palavra latina para "criança", e ao nível simbólico corresponde à ideia de "eterna juventude", configurando ao nível do imaginário os diferentes aspectos da vida que se opõem à adultez e ao envelhecimento. Em seu aspecto positivo, o simbolismo do puer associa-se ao movimento, à mudança, ao crescimento, à comunicação e a tudo o mais que circula e cria. Em seu aspecto negativo, o puer associa-se à dependência, às coisas inacabadas, aos projetos inconclusos. As relações pueris, por exemplo, são superficiais por definição. Elas acontecem em extensão, em quantidade, nas experiências lúdicas ou nos encontros pontuais voltados para fins específicos e temporários. No universo afetivo e relacional do puer não há tempo ou disponibilidade para comprometimentos profundos ou interesse em gerar vínculos estáveis e permanentes. O que mobiliza o puer é a busca pelo novo. Nesse contexto, o movimento observável na comunidade virtual do bairro Jardim Camburi aponta simbolicamente para a frente, para a necessidade de avançar na direção do que é mais urgente, mais interessante, mais diferente. Há um impulso para a troca de informações que abarquem quantos mais aspectos da vida comunitária forem possíveis.

4746 x 36086 x Psicologia Po... x Pesquisa Aca... x DISTRIBUIÇ... x Podemos me... x (1) JARDIM C... x faixa etária po... x /Angella

Seguro | https://www.facebook.com/groups/bairrojardim.camburi.official/

JARDIM CAMBURI - OFICIAL

Angella

Página inicial

Grupo público

vamos novamente com um post esclarecedor.

9 amigos · 470 912 membros

DÊ SETA. É ÚTIL, É GENTIL, EVITA ESTRESSE E SALVA VIDAS.
No trânsito, dê seta para indicar, com clareza e antecedência, o deslocamento que pretende fazer.
Código de Trânsito Brasileiro Lei 9.503/1997, artigo 35

Faminto Delivery
CLASSIFICADOS FEU ROSA E VILA NOVA DE GRAÇA
18 amigos · 78.639 membros

Português (Brasil) · Português (Portugal)
English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2018

17d19653ecf246f1...jpg | PAP_JessicaHestev...pdf | Tese_Versao Preli...docx | graficos_Angella...docx | graficos_Angella...docx

Digite aqui para pesquisar

4746 x 36086 x Psicologia Po... x Pesquisa Aca... x DISTRIBUIÇ... x Podemos me... x (1) JARDIM C... x (1) Rafael T... x faixa etária... x /Angella

Seguro | https://www.facebook.com/groups/bairrojardim.camburi.official/

JARDIM CAMBURI - OFICIAL

Angella

Página inicial

Escreva um comentário...

Paulo Sergio Santos compartilhou o vídeo de Isso é Curioso...
5 h

Está aí a realidade do país que a maioria quer

Isso é Curioso
19 de agosto de 2017
Morador de rua calou a boca do Repórter.

939 916 visualizações

Faminto Delivery
CLASSIFICADOS FEU ROSA E VILA NOVA DE GRAÇA
18 amigos · 78.639 membros

Português (Brasil) · Português (Portugal)
English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2018

17d19653ecf246f1...jpg | PAP_JessicaHestev...pdf | Tese_Versao Preli...docx | graficos_Angella...docx | graficos_Angella...docx

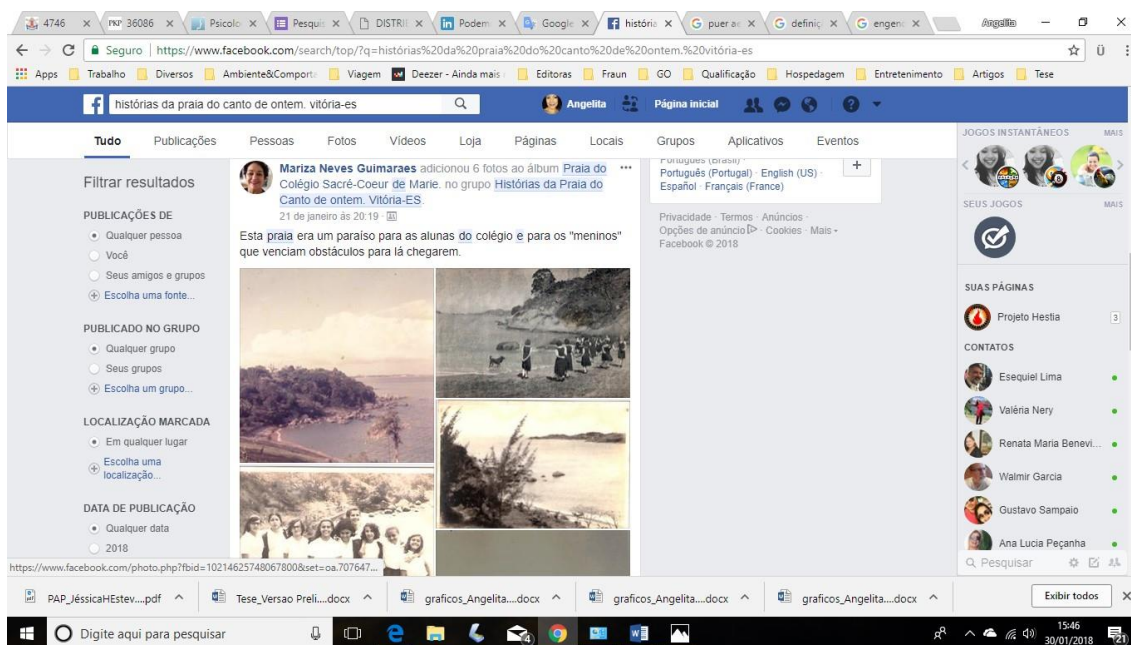
Digite aqui para pesquisar

A comunidade virtual mais ativa da Praia do Canto recebe o nome de “Histórias da Praia do Canto de Ontem”, e conta com 5.478 membros. Há várias outras comunidades no *facebook* com o nome da Praia do Canto, mas, em geral, são comunidades nas quais prestadores de serviço de fora do bairro postam anúncios com o objetivo de alcançar os moradores. Nenhuma das outras comunidades virtuais com o nome da Praia do Canto apresentam participação ativa de moradores como a Praia do Canto de Ontem. Enquanto a comunidade Jardim Camburi Oficial é aberta para quem quiser fazer parte, a da Praia do

Canto de Ontem é fechada. Quem quiser integrar a comunidade precisa pedir e ter o pedido analisado pelos moderadores, que decidirão se o candidato está apto ou não para se juntar àqueles que já são membros.



Assim como a imagem de capa da comunidade virtual de Jardim Camburi reflete o imaginário dos moradores sobre o bairro, a da comunidade da Praia do Canto também o faz. De forma análoga às narrativas sobre o bairro apresentadas pelos moradores no questionário sobre o imaginário, as imagens da comunidade virtual voltam-se para um acervo visual da Praia do Canto ancorado na ideia de um passado glorioso. Um tempo idílico no qual a segurança e a identidade da vida na vizinhança estavam asseguradas pela familiaridade dos vínculos e por uma natureza exuberante. As fotos antigas, postadas por moradores do bairro, abarcam eventos, comemorações, encontros de famílias, grupos de amigos, paisagens e situações diversas de uma Praia do Canto que já não existe, mas que continua nutrindo a imagem de um refúgio calmo e tranquilo.



Em uma perspectiva arquetípica, a comunidade virtual da Praia do Canto constela o arquétipo do Senex. *Senex* é a palavra latina para "velho". Originalmente, a palavra não possuía uma conotação negativa, de fato, para o imaginário romano a velhice representava sabedoria e experiência. Nesse sentido, o senex suscita a ideia de se já ter vivido um número suficiente de anos para adquirir uma história pessoal. Ele representa a sobriedade, a estabilidade,

a paciência e a aceitação dos limites. No universo imaginário do senex a pressa é um impeditivo para a apreciação da vida. Para o senex o tempo é a fundamentação de tudo, e sua passagem consolida o valor das coisas. Assim, o ritmo é lento, não há urgências e nada parece tão encantador como aquilo que já foi vivido ou visto. Nesse universo, as relações só fazem sentido quando assentadas em uma história comum, em uma vivência íntima e pessoal que aproxima aqueles que se percebem como iguais.

The screenshot shows a Facebook browser window with the URL <https://www.facebook.com/groups/historiasdapraiadocanto/>. The page is for a closed group named "Histórias da Praia do Canto de ontem, Vitória-ES". The main content is a post by Mariza Neves Guimaraes, administrator, showing a photo of a boat on the water. The post is from 2 months ago. The right sidebar contains several recommendations for other groups and pages, including "Rossandro Klinjey - Palestras" and "Brasileiros e Burocracias na Alemanha". The bottom of the browser shows the Windows taskbar with the date 30/01/2018 and time 15:48.

This screenshot shows the same Facebook group page, but with a different post by Mariza Neves Guimaraes, administrator, from 23 hours ago. The post features a photo of a family group. The right sidebar recommendations are similar to the first screenshot, including "Rossandro Klinjey - Palestras" and "Brasileiros e Burocracias na Alemanha". The browser's address bar and taskbar are also visible, showing the date 30/01/2018 and time 19:50.

Ao contrário do arquétipo do puer, que representa a renovação e o novo, o senex representa a estagnação e a rigidez. O senex se nega a mudar, ele repousa na crença de que o passado é sempre melhor do que o presente. As relações conduzidas pelo senex não se baseiam em uma conexão real, mas em uma idealização do que foi. Há no senex uma tentativa de perpetuação, de manutenção das referências, dos lugares e da vida como sempre foram. Em seu aspecto positivo, o senex expressa uma capacidade de enfrentamento saudável e de aceitação dos desafios impostos pelo tempo cronológico.

Para a autora junguiana Marie Louise Von-Franz (1992), o puer estaria vinculado a um complexo materno dominante, que o mantém na posição infantil, impossibilitado de amadurecer e de atingir os níveis de consciência que caracterizam a vida adulta. Em contrapartida, James Hillman (1999) define o puer como a polaridade de um eixo arquetípico, na qual o outro polo está estreitamente vinculado ao arquétipo do senex. No eixo puer-senex, o puer é o espírito do novo que vem para renovar os valores ultrapassados da vida representados pelo senex. Nesse sentido, pode-se dizer que esses dois arquétipos estão relacionados entre si, e não podem ser pensados como sendo dois arquétipos distintos, mas como sendo apenas um. Quando se estabelece uma relação entre esses dois arquétipos, percebe-se que eles fazem parte de uma mesma totalidade que representa o ciclo da vida e as imposições do tempo dele advindas.

Na tentativa de lidar com as imposições do tempo, as comunidades estudadas enfrentam suas próprias limitações ao constelar a polaridade arquetípica. Os aspectos negativos do puer podem ser vistos na expectativa de perpetuação de uma condição de refúgio e de proteção da realidade externa que caracteriza o universo virtual da comunidade da Praia do Canto no *facebook*. Similarmente, a convocação para a luta diária, baseada em uma visão da vida como sendo motivada por obrigações e deveres, configura aspectos negativos do senex, os quais podem ser percebidos no número expressivo de postagens que oferecem trabalho e das que narram problemas cotidianos na comunidade virtual de Jardim Camburi. Dessa forma, puer e senex anunciam, cada um a seu modo, o caminhar inexorável do tempo vivido sobre a história de indivíduos e

grupos. E esses mesmos indivíduos e grupos se utilizam dos recursos que lhes são peculiares para lidar com a angústia desencadeada pela alternância entre puer e senex que anuncia a inevitabilidade da completude do ciclo de vida e morte.

Enquanto puer e senex reencenam ciclicamente o drama da finitude humana, duas cenas dramáticas se desenrolam na paisagem de Vitória. No final do município, onde tudo já foi muito longe, o Imaginário heroico dos moradores de Jardim Camburi se estrutura no movimento contínuo do puer, o qual confere à paisagem as características de um campo de batalhas cotidianas. Batalhas que precisam ser enfrentadas para a manutenção do avanço rumo ao futuro. Um futuro que garantirá a vida almejada por aqueles que desbravam a amplidão plana do bairro operário que ousou ser mais do que o quintal de um projeto industrial. Enquanto isso, na margem da ilha, os filhos da Praia do Canto buscam o refúgio reconfortante da paisagem que abriga a casa materna. Uma casa que talvez nunca tenha sido como eles vêm, mas que guarda a promessa de um dia vir a ser.

Considerações Finais

A possibilidade de uma leitura das comunidades pela via arquetípica confirma as impressões colhidas sobre o imaginário na narrativa dos moradores dos bairros. A combinação desses dois planos expressivos – o imagético das fotos nas comunidades virtuais e o verbal na escrita das respostas dadas ao questionário – indicam que as condições de formação e de estruturação dos diferentes espaços urbanos representados pelos dois bairros resultam em estruturas imaginárias distintas em seus moradores. Para os moradores de Jardim Camburi, por exemplo, a história do bairro jovem – nascido de um projeto desenvolvimentista, a partir de um conjunto de moradias para operários “estrangeiros” – parece ter contribuído para a constelação do mitema do herói ao nível do imaginário coletivo.

A temática universal em torno do mito do herói gira em torno de um nascimento humilde, mas milagroso, que prova ao mundo o próprio valor enfrentando grandes desafios. O mito do herói discorre sobre a jornada daqueles que conseguiram, por meio de grandes esforços e sacrifícios, vencer limitações históricas, sejam em função de particularidades pessoais ou ambientais. O herói, portanto, é sempre jovem, ele é o símbolo da aventura, do vigor e da coragem tipicamente associadas à juventude. Nesse sentido, nem todo puer é heroico, mas pode-se dizer que todo é herói é, em larga medida, um puer. Na direção oposta ao movimento desbravador do puer tem-se o aconchego da casa materna, o lugar seguro que garante a pertença da origem. O lugar materno é estável, percebido como imutável e, por isso, mais afeito à conservação característica do arquétipo do senex. Nesse território nostálgico, entre a casa da mãe e os antigos modelos idealizados de vida, constitui-se o imaginário dos moradores da Praia do canto sobre o próprio bairro.

Há muitas formas características do arquétipo materno, e a principal é a mãe. Para além da forma óbvia da mãe, contudo, há outras que contribuem para explicitar o significado do arquétipo materno (JUNG, 2002). A meta da nostalgia da Salvação – simbolizada pela ideia de paraíso – é uma delas. Similarmente, as águas quietas, o lugar de nascimento ou da concepção, o jardim e a árvore

são referências simbólicas associadas ao arquétipo materno. Referências que constituem a narrativa sobre a história da Praia do Canto, o lugar de nascimento, em território brasileiro, da iniciativa urbanística que acenava com a promessa de uma vida ideal na paradisíaca cidade jardim. À enseada de águas tranquilas, adicionou-se ruas planejadas e arborizadas que abrigaram a era de ouro de uma aristocracia rural que já não encontra lugar privilegiado na cidade contemporânea. A cidade que, hoje, cresce em direção às zonas industriais, aos bairros amplos e de vocação diversificada, onde pessoas vindas de muitos lugares fazem morada, como é o caso de Jardim Camburi.

A princípio, essas distinções nas estruturas imaginárias sobre o espaço urbano nas diferentes populações não parecem refletir nos índices de capital social das duas comunidades. A despeito de haver ligeira diferença nos níveis de confiança entre os moradores dos dois bairros, a combinação desses com os dados sobre engajamento cívico e redes sociais indicam níveis muito baixos de capital social. Pode-se pensar, portanto, que algo mais profundo ao nível do imaginário configura os aspectos constitutivos do capital social. Assim, o imaginário sobre a paisagem dos bairros não seria suficiente para explicar os índices de capital social, mas o imaginário sobre a própria nação talvez seja. E, assim, retoma-se à figura do homem cordial como matriz fundadora das relações sociais no contexto brasileiro. Uma matriz cultural que impediria a construção do capital social.

Nesse contexto, é válido retomar o conceito de Inconsciente Cultural proposto pelo psicólogo junguiano Joseph Henderson (1984). O inconsciente cultural seria uma dimensão entre o indivíduo e a coletividade, caracterizado por um contexto imagético e simbólico pleno de padrões culturais regidos pela memória da história na qual estamos inseridos. Um dos aspectos fundamentais do inconsciente cultural é a existência de complexos que são experimentados psiquicamente em um determinado grupo. Na perspectiva junguiana, o complexo individual é um grupamento de representações mentais mantidas juntas pela emoção. Há muitos complexos, e eles se organizam a partir de experiências emocionais significativas da vida do indivíduo. Analogamente, os complexos culturais são baseados em experiências históricas frequentemente repetidas que

constituem a formação da psique coletiva e de cada um dos membros de um grupo.

A partir desse raciocínio, pode-se pensar que o Complexo da Cordialidade pode ajudar a entender os baixos índices de capital social entre as populações de Jardim Camburi e Praia do Canto. Nesse caso, o imaginário local não é suficiente para explicar a fraqueza das redes sociais e a ausência de confiança que impedem o engajamento cívico na população dos dois bairros. Com alguma similitude, mas não integralmente, as distinções nas estruturas imaginárias sobre o espaço urbano nas diferentes populações refletem, parcialmente, a avaliação sobre a felicidade percebida pelos seus integrantes. O imaginário sobre a paisagem dos moradores da Praia do Canto – baseado em imagens do bairro acolhedoras e paradisíacas – parece favorecer maior domínio do ambiente e níveis mais altos de satisfação com a vida do que experimentam os habitantes de Jardim Camburi. Os vizinhos do Porto de Tubarão parecem ter de lidar com algumas imagens aterradoras sobre o próprio bairro, o que, a princípio, parece impedir a plena apreciação dos recursos da vizinhança que poderiam contribuir para a felicidade, muito embora ela se mostre presente em menor escala do que para os moradores da Praia do Canto.

Para os moradores dos dois bairros o que diminui as chances de se perceberem plenamente felizes é a fraqueza das relações positivas. De certa forma, isso remete às mesmas condições que dificultam a construção de capital social. Nesse ponto os dois índices se encontram, confirmando estudos anteriores que demonstram correlação positiva entre capital social e felicidade. É no âmbito das relações interpessoais, onde as duas comunidades se distanciam da felicidade e do capital social, que a análise do imaginário local requer uma amplificação para o imaginário nacional. Nos complexos culturais associados ao mito do homem cordial é possível identificar a raiz do empobrecimento das relações sociais no Brasil. Relações atravessadas pela busca de intimidade, mas não de respeito (PEREIRA, 2010). Uma condição cultural que compromete tanto a consolidação de relações positivas quanto de redes sociais no contexto de vizinhanças.

As imagens do inconsciente cultural atreladas à cordialidade geram discrepâncias a serem consideradas quando se discute a felicidade dos brasileiros. Por um lado, nas pesquisas guiadas por auto declaração, os índices de felicidade apurados colocam a nação brasileira entre as mais felizes do mundo. Por outro, dados recentes da Organização Mundial de Saúde (2017/2018), amplamente divulgados nos meios de comunicação, atestam que o Brasil apresenta a maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo, a maior prevalência de depressão da América Latina e consumo de álcool superior à média mundial. Além disso, o Brasil ocupa o oitavo lugar no mundo em mortes por suicídio, sendo que é a quarta causa de mortes entre jovens entre 15 e 29 anos. Nesse sentido, os dados sobre felicidade autodeclarada e sobre a saúde emocional no Brasil indicam uma contradição entre como o brasileiro se mostra publicamente e como, de fato, ele se sente em privado.

O brasileiro, inclinado a se definir como feliz e solidário, parece ser flagrado pelo complexo cultural que revela a face egoísta, solitária e entristecida do homem cordial. De fato, o complexo cultural possui a psique individual e grupal, fazendo com que as pessoas pensem e sintam de maneiras que podem ser muito diversas das quais elas pensam que deveriam sentir ou pensar. Mais do que pensar e sentir, o complexo cultural gera condições para que atos considerados como politicamente incorretos conduzam as ações das pessoas na vida cotidiana. Tal perspectiva parece sinalizar com o entendimento de que qualquer estudo que se proponha a investigar a configuração do imaginário sobre a paisagem local – assim como o impacto que esse tem na vida de populações específicas – precisa também considerar o imaginário em seu âmbito nacional.

O estudo do imaginário, afinal, revela-se uma ferramenta promissora para a análise de aspectos subjetivos com forte carga afetiva e cultural. Ao escolher seguir nessa direção, o trajeto investigativo dessa pesquisa permite afirmar que a identificação de estruturas do Imaginário nas populações estudadas trouxe uma maior compreensão sobre a percepção que elas têm da paisagem urbana e sobre o impacto que a ordenação do espaço exerce em suas vidas no cotidiano. Assim como confirmou a hipótese que suscitou o desejo para a

realização desse estudo, a de que a estruturação do Imaginário dos moradores sobre a paisagem em que habitam exerce influência na forma como eles interagem cotidianamente com e nos espaços públicos, assim como na percepção que têm quanto à felicidade obtida por habitar tais espaços.

Referências Bibliográficas e Anexos

Referências

- ANDRADE, C. R. M. D. A peste e o plano: o urbanismo sanitaria do Engenheiro Francisco Saturnino de Brito. São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, 1992
- ARGYLE, M. (1999). *Causes and correlates of happiness*. In D. KAHNEMAN, E. DIENER & N. SCHWARZ (Eds.), *Well-being: The foundations of hedonic Psychology*. (353-373). New York: Russell Sage Foundation.
- BAQUERO, M. (2008). *Democracia formal, cultura política informal e capital social no Brasil*. *Opinião Pública*, 14(2).
- BACHELARD, G. (200) *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARTALINI, V. (2013) *Natureza, Paisagem e Cidade*. *Revista Pós*. V. 20, N.33. São Paulo.
- BARTETZKY, A., & SCHALENBERG, M. (2009) *Urban planning and the pursuit of happiness. European variations on a universal theme (18th – 21th centuries)*, Jovis diskurs.
- BERQUE, A. (2009) *El pensamiento paisajero*. Madri: Biblioteca Nueva.
- BERTONI, A. (2015) *No caminho para o urbanismo. Saturnino de Brito e Édouard Imbeaux, trajetórias profissionais entre Brasil e França*. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.23. n.1. p. 111-132. jan.- jun.
- BISWAS-DIENER, R., & DIENER, E. (2008). *Material wealth and subjective well-being*. In Eid, M & Larsen, R. J. (Eds). *The science of subjective well-being* (pp. 307-322)
- _____. (2001). *Making the best of a bad situation: Satisfaction in the slums of calcutta*. *Social Indicators Research*. 55, 329-352.
- BJORNSKOV, C. (2003). *The happy few: Cross-country evidence on social capital and life satisfaction*. *Kyklos* 56(1), 3-16.
- BLOKLAND, T. (2003). *Urban Bonds*. Cambridge, United Kingdom: Polity
- BORGES, P. A. (2003) *Imaginário e Mitologia*. In: ARAÚJO, A. F., e BAPTISTA, F. P. (orgs). *Domínios, Teorizações, Práticas Hermnêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BOURDIEU, P. (2005) *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (2003) *Poder simbólico*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.

- BUARQUE de HOLANDA, S. (2002). *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 6a ed.
- _____. (1984) *Raízes do Brasil*. Rio: José Olympio, 17a ed.
- CAMPBELL, J. (2008) *Mito e Transformação*. São Paulo: Ágora Editora.
- CARVALHO, J. M. de. (2002). *Cidadania no Brasil. O Longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 3ªed.
- COLEMAN, J. (1988). *Social capital in the creation of human capital*. American Journal of Sociology. 94).
- COLES, R., & MILLMAN, Z. (2013) *Landscape, Well-Being and Environment*. Londres. Routledge.
- CORRÊA, L. R. e ROSENDAHL, Z. (orgs). *Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura*. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- _____. (1999) *Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização*. GEOgraphia – Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF, ano I, n. 1.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. A. (1999) *A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- _____. (1992) *Psicologia da felicidade*. São Paulo: Editora Saraiva.
- DELUMEAU, J. (1997). *Mil anos de felicidade, uma história do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DIENER, E., & SELIGMAN, M. E. P. (2004). *Beyond money: Toward an economy of well-being*. Psychological Science in the Public Interest, 5, 1-31.
- DIENER, E., SUH, E., M., LUCAS, R. E., & SMITH, H. L. (1999). *Subjective well-being: Three decades of progress*. Psychological Bulletin, 125/2.
- DIENER, E., EMMONS, R. A., LARSEN, R. J., & GRIFFIN, S. *The Satisfaction With Life Scale*. Journal of Personality Assessment, 49: 71-5, 1985.
- DURAND, G. (2004) *O imaginário*. Rio de Janeiro: Difel.
- _____. (2002) *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3ª ed. São Paulo. Martins Fontes.
- _____. (1988) *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo – USP.
- _____. (1985) *Sobre a exploração do Imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica*. Revista da Faculdade de Educação (USP), 11, pp. 243-273.

- DURAND, Y. A. (2002) *Exploração do Imaginário: Introdução a modelização dos universos míticos*. Trad. Loureiro, A M L. Brasília.
- DURKHEIM, E. (1997). *Suicide*. New York: Free Press.
- DUROZOI, G., & ROUSEEL, A. (2002). *Dicionário de Filosofia*. 4a ed. São Paulo: Papirus Editora.
- ELLARD, C. (2015), *Places of the Heart: The Psychogeography of Everyday Life*. New York, NY: Bellevue Literary Press.
- FAORO, R. (2001). *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3a ed. rev. São Paulo: Globo.
- FREDRICKSON, B. (2001) *The role of positive emotions in Positive Psychology: The broaden-and-build theory of positive emotion*. *American Psychologist*, v. 56, p. 218-226.
- FUKUYAMA, F. (2000). *Social capital*. In S. Huntington & L. E. Harrison (Eds.), *Culture*
- _____. (1995). *Trust: The social virtues and the creation of prosperity*. New York: Free Press.
- GASTALDO, E. (org.). (2004) *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre. Tomo Editorial.
- GOFFMAN, E. (1975) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes.
- GROOTAERT, C., NARAYAN, D., JONES, V. N., & WOOLCOCK, M. (2003) *Measuring social capital: an integrated questionnaire*. World Bank working paper; no. 18.
- HALPERN, D. (2005). *Social capital*. Cambridge: Polity.
- HAMILTON, E., & CAIRNS, H. (2005) *The collected dialogues of Plato*. Princeton University Press.
- HANDAM, H., YUSOF, F. & MARZUKHI, M. A. (2014) *Social Capital and Quality of Life in Urban Neighborhoods High Density Housing*. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 153, pp.169 – 179.
- HELLIWELL, J. F. & WANG, S. (2011). *Trust and Well-Being*. *International Journal of Wellbeing*, 1/1(42-78).
- HELLIWELL, J. F. (2008). *Well-being and social capital: Does suicide pose a puzzle?* *Social Indicators Research*, 81 (442-455).

- HENDERSON, J. (1984). *Cultural attitudes in psychological perspective*. Toronto: Inner City Books.
- HILLMAN, J. (1993) *Cidade e Alma*. São Paulo: Studio Nobel.
- _____. (1992) *Psicologia Arquetípica*. São Paulo: Cultrix.
- _____. (1999). *O livro do puer – ensaios sobre o arquétipo do puer aeternus*. São Paulo: Paulus Editora.
- HOWARD, E. (1996) *Cidades-Jardins de amanhã*. São Paulo: Hucitec.
- INGLEHART, R., & RABIER, J. R. (1986). *Aspirations adapt to situations - but why are the Belgians so much happier than the French? A cross-cultural analysis of the subjective quality of life*. In F. M. ANDREWS (Ed.), *Research on the quality of life* (1-56). Ann Arbor: University of Michigan.
- JACOBI, J. (1986) *Complexo, arquétipo, símbolo – na psicologia de C.G. Jung*. São Paulo: Editora Cultrix.
- JUNG, C. G. (2008) *Símbolos da Transformação*. 3 ed. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2002) *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2000) *Civilização em Transição*. 2 ed. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1988) *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1964) *O Homem e seus Símbolos*. Concepção e organização. RJ: Nova Fronteira.
- KENNY, A. (1996). *Aristotle on the Perfect Life*. Oxford University Press, USA.
- KOWARICK, L. (1979) *A Espoliação Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- KROLL, C. (2011). *Towards a Sociology of Happiness: Examining social capital and subjective well-being across subgroups of society*. PhD thesis, London School of Economics and Political Science (LSE).
- _____. (2008). *Social capital and the happiness of nations. The importance of trust and networks for life satisfaction in a cross-national perspective*. Frankfurt a.M./New York/Oxford: Peter Lang Publishing Group.
- LEBRET, L. J. (1951) “*Sondagem preliminar a um estudo sobre a habitação em São Paulo*”. In: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: Departamento de Cultura.
- LEFEBVRE, H. (2001) *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- LEYDEN, K. M., GOLDBERG, A. & MICHELBAACH, P. (2011) *Understanding the Pursuit of Happiness in Ten Major Cities*. Urban Affairs Review. 47:861
- LEVANDOWSKY, J. D., & STREICH, G. W. (2012) *Urban Social Capital: Civil Society and City Life*. Farnham: Ashgate.
- LIMONAD, E. (1991) *Asi camina lo urbano: El derrotero*. Revista Interamericana de Planificacion, vol.XXIV, nº 95, jul-sep. Guatemala, SIAP.
- _____. (1996) *Os lugares da urbanização*. São Paulo: tese de doutoramento: USP.
- LIOTTA, E. (2009) *On soul and earth: the psychic value of space*. Routledge: Londres
- LYNCH, K. (1980) *A imagem da cidade*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____. (1971) *Paisagem Urbana*. Architectural Press.
- LOFLAND, L. (1998). *The Public Realm: Exploring the City's Quintessential Social Territory*. New York: Transaction Publishers.
- _____. (1973). *A World of Strangers: Order and Action in Urban Public Space*. New York: Basic Books.
- LOUREIRO, A. M. L. (2004) *O velho e o aprendiz: O imaginário em experiências com o AT-9*. São Paulo: Editora Zouk.
- MELLO, G. B. R. (1994) *Contribuições para o estudo do Imaginário*. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar.
- MELLO, L. I. de A. (1954) *O Plano Regional de São Paulo. Uma contribuição da Universidade de São Paulo para o estudo de um "código de ocupação licita do solo"*. São Paulo: 08 de novembro de 1954, texto mimeografado.
- MILGRAM, S. (1970). *The experience of living in cities*. Science, 167, 1461-1468.
- MORSE, R. (1954) *De comunidade a metrópole*. Biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo. Serviço de comemorações culturais.
- MYERS, D. G. (1999). *Close relationships and quality of life*. In D. Kahneman.; E. DIENER & N. SCHWARZ (Eds.), *Well-being: The foundations of hedonic psychology* (374 - 391). New York: Russell Sage Foundation.
- OECD. (2001). *The well-being of nations: The role of human and social capital*. Paris.
- OLIVEIRA, F. de. (1982) *O Estado e o Urbano no Brasil*. In. Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Jun/Set.

- PAULA CARVALHO, J. C. *A dimensão do imaginário na problemática organizacional da administração*. Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v. 11, n. 1/2, p. 19-42, 1986.
- PAULA, C. P. A., SCARDUA, A. V. C., & SANTANA, F. F. (2001) *Arquetipologia do Imaginário e Aspirações a Uma Mitanálise da Identidade Brasileira*. In: VIII Colóquio Internacional de Sociologia Clínica e Psicossociologia Transformações Sociais, Subjetividades e Política. Belo Horizonte, Minas Gerais.
- PEREIRA, H. (2010) *Considerações sobre a teoria dos complexos culturais*. In: NASCIF, R. M. A. COUTINHO, V. L. (orgs.). Literatura, Crítica e Cultura IV: interdisciplinaridade. Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- PITTA, D. P. R. (2015) *Adaptação do AT-9 (Yves Durand) à arquitetura: para uma arquitetura sensível*. In: PATRÍCIO RIBEIRO, S. M. & ARAUJO, A. F. (orgs.) Paisagem, Imaginário e Narratividade. São Paulo: Ed. Zagodoni.
- _____. (2005). *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica.
- _____. (2004) *Imaginário, Cultura e Comunicação*. Revista eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário. UFRO. Ano IV, n. 6, jan-dez.
- PITTA, T. R. (2015) *Contribuição para a análise da dimensão simbólica do lugar. Arquétipo teste do Lugar com nove elementos (At-9)*. In: PATRÍCIO RIBEIRO, S. M. & ARAUJO, A. F. (orgs.) Paisagem, Imaginário e Narratividade. São Paulo: Ed. Zagodoni.
- PUTNAM, R. D. (2001). *Social Capital Measurement and Consequences*. Isuma - Canadian Journal of Policy Research, (2/1), Spring/Printemps. Disponível em: http://www.isuma.net/index_e.shtml.
- _____. (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. New York: Simon & Schuster.
- PUTNAM, R. D., LEONARDI, R., & NANETTI, R. (1993). *Making democracy work: Civic traditions in modern italy*. Princeton University Press.
- RABNOVICH, E. e TASSARA, E. (2001) *O lugar da poética nas relações pessoa-ambiente. O caso da Barra Funda: uma arqueologia de um elo social em vias de desaparecimento*. In: TASSARA, E., RABNOVICH, E., e GUEDES, M. C. (orgs) Psicologia e Ambiente. São Paulo: Educ.
- RAMA, A. (1985) *La ciudad letrada*. In: MORSE, R. e HARDOY, J. E. Cultura urbana latinoamericana. Buenos Aires: CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales.

- RELPH, E. (2015) *Rational Landscapes and Humanistic Geography*. New York: Routledge Revivals.
- RENNÓ, L. R. (2001). *Confiança interpessoal e comportamento político: microfundamentos da teoria do capital social na América Latina*. Opinião Pública. Campinas, VII/1 (33-59).
- RONCAYOLO, M. (2001) *Os espelhos da cidade: um debate sobre o discurso dos antigos geógrafos*. In: LEPETIT, B. Por uma nova história urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP.
- RUSSELL, J. A. & SNODRAS, S. (1987). *Emotion and the Environment*. In D. Stokols and I. Altman (Eds.). *Handbook of Environmental Psychology*, Vol. 1, (245-280). New York: Wiley & Sons.
- RYFF, C. D., & KEYES, C. L. M. (1995). *The structure of psychological well-being revisited*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, pp.719–727.
- _____. RYFF, C. D. (1989). *Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological wellbeing*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, pp.1069–1081.
- SANTOS, F. F. S. (2003). *Capital Social: Vários conceitos, um só problema*. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo.
- SCARDUA, A.V.C. (2003). *Felicidade e individuação: um estudo exploratório do desenvolvimento adulto baseado na psicologia positiva e na teoria de Jung*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- SCHAMA, S. (1996) *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SELIGMAN, M. E. P. (2002). *Authentic happiness: Using the new Positive Psychology to realize your potential for lasting fulfillment*. London: Nicholas Brealey Publishing.
- _____. (1998) *Building human strength: psychology's forgotten mission*. *APA Monitor*, Washington, DC, v. 29, n. 1. Disponível em: <<http://www.apa.org/monitor/jan98/pres.html>>. Acesso em: 15/10/2015.
- SELIGMAN, M., & CSIKSZENTMIHALYI, M. (2000). *Positive psychology: An introduction*. *American Psychologist*, 55 (5-14).
- SELIGMAN, M. E. P. & VAILLANT, G. E. (2000) *Positive psychology: an introduction*. *American Psychologist*, v. 55, n. 1, p. 5-14.
- SERRÃO, A. V. (2013) *Filosofia da Paisagem*. Uma Antologia. ed. 2. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

- _____. (2012) *Filosofia e Arquitectura da Paisagem*. Um Manual. ed. 1. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- _____. (2004) *Filosofia e Paisagem: Aproximações a uma categoria estética*. Philosophica, 23, Lisboa.
- SILVEIRA, N. da. (2007). Símbolos. Disponível em: <http://www.riototal.com.br/coojornal/guardiao-jung013.htm>. Acesso em: 05 set. 20015.
- SIMMEL, G. (2009) *Filosofia da Paisagem*. Universidade da Beira Interior. Covilhã.
- _____. (1983). *Como a sociedade é possível*. In: Moraes Filho, E. (org.). *Georg Simmel*. São Paulo: Ática.
- SUBRAMANIAN, S. V., LOCHNER, K. A., KAWACHI, I. (2003) *Neighborhood differences in social capital: A compositional artifact or a contextual construct?* Health & Place. 9:33-44.
- TOCQUEVILLE, A. d. (1969). *Democracy in America*. Cambridge: Sever and Francis.
- TUAN, Yi-Fu. (2012) *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel.
- _____. (1983) Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel.
- UNGER, D. G., e WANDERSMAN, A. (1985) *The importance of neighbors: The social, cognitive, and affective components of neighboring*. [American Journal of Community Psychology](#). vol. 13, no. 2, pp. 139-169.
- VAILLANT, G. E. (2002) *Aging well*. New York: Little, Brown and Company.
- VALDIVIESO, P. (2009). *Capital social e desenvolvimento democrático: Porto Alegre (Brasil) e Santiago do Chile*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 24/69. São Paulo.
- VEENHOVEN, R. (2008). *Sociological theories of subjective well-being*. In M. Eid & R. J. Larsen (Eds.), *The science of subjective well-being: A tribute to Ed Diener* (44-61). New York: Guilford Publications.
- VON-FRANZ, M. L. (1992) *Puer Aeternus: A luta do adulto contra o paraíso da infância*. São Paulo: Paulus Editora.
- WEBB, M. (1990) *City Square*. New York: Watson-Guptill.

- WEBER, M. *Ação social e relação social* (1997) In.: Foracchi, M. M. & Martins, J. S., *apud* Tomazi, N. D. *et al.* (Coordenadores) *Iniciação à sociologia*. São Paulo: Atual.
- WEINER, E. (2008). *Happy? Depends where you live*. *Canberra Times*, A. Retrieved from Springer. Link database.
- WHYTE, W. H. (1980) *The social life of small urban spaces*. Washington D.C., The Conservation Foundation.
- WUNENBURGUER, J. J. (2005) *Gaston Bachelard (1884-1962)*. In: PITTA, D. P. R. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora.

Anexo I: Questionário

Dados Sociodemográficos

Questão 1: Em que bairro de Vitória você mora?

Questão 2: Qual é a sua faixa etária?

Questão 3: Gênero (Você é?)

Questão 4: Qual é a sua escolaridade?

Questão 5: Qual é a sua renda familiar?

Felicidade: Domínio do Ambiente

Questão 6: Você sente que o seu estilo de vida combina com as características do seu bairro?

Questão 7: Você consegue identificar claramente quais são as vantagens de morar no seu bairro e aproveita cada uma delas?

Questão 8: Você conhece e utiliza os recursos existentes no seu bairro que são úteis para realizar suas tarefas cotidianas?

Questão 9: Você tem facilidade para se deslocar pelo seu bairro e conhece cada canto dele e como chegar lá?

Questão 10: Você sabe indicar quais são os melhores e os piores lugares do seu bairro, seja para compras, lazer, diversão ou qualquer outra coisa?

Felicidade: Relações Positivas

Questão 12: Você diria que gentileza e solidariedade são comuns entre as pessoas na sua comunidade?

Questão 15: Você tem amigos na comunidade com os quais se sente confortável para dividir seus problemas?

Questão 23: Você fez um favor para algum vizinho nos últimos seis meses?

Felicidade: Satisfação com a vida

Questão 26: Se você pudesse escolher qualquer lugar para morar em Vitória, você continuaria morando no seu bairro?

Questão 27: Morar no seu bairro torna a vida mais fácil e prazerosa?

Questão 28: Você diria que morar no seu bairro contribui para a sua felicidade no dia a dia?

Questão 29: Você é feliz?

Capital Social: Confiança

Questão 13: Você considera difícil transformar relações com conhecidos e vizinhos em amizades?

Questão 14: Você tem facilidade para se relacionar com diferentes tipos de pessoas?

Questão 17: Você se sente Seguro(a) nas ruas do seu bairro à noite?

Questão 18: Você acredita que a maioria das pessoas no seu bairro são confiáveis?

Questão 19: Você se sentiria confortável para pedir ajuda a um vizinho para olhar uma criança sob sua responsabilidade?

Capital Social: Engajamento Cívico

Questão 16: Você realiza algum tipo de trabalho voluntário no seu bairro?

Questão 21: Você participou de algum evento comunitário nos últimos seis meses?

Questão 24: Você faz, ou já fez, parte de algum projeto para organizar um novo serviço no seu bairro?

Questão 25: Você faz, ou já fez, parte de algum movimento para reivindicar melhorias e/ou serviços para o seu bairro junto ao poder público?

Capital Social: Redes Sociais

Questão 11: Você sente que o convívio com as pessoas na sua comunidade contribui para tornar a sua vida mais agradável e leve?

Questão 20: Você visitou algum vizinho na última semana?

Questão 22: Você costuma encontrar com amigos e conhecidos quando circula pelo seu bairro?

Imaginário: Imagens e percepções sobre o bairro

Questão 30: Cite um marco visual do seu bairro que você considera um símbolo que o diferencia dos outros bairros?

Questão 31: Se você pudesse definir o seu bairro em uma palavra, qual seria?

Questão 32: Qual é o ponto forte do seu bairro??

Questão 33: Qual é o ponto fraco do seu bairro?

Questão 34: Qual é a emoção que melhor descreve seus sentimentos em relação ao seu bairro?

Questão 35: Quando você pensa no seu bairro qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça?

Anexo II: Tabelas com a categorização das respostas do questionário sobre o imaginário

A queda (o monstro devorador): para representar a angústia			
Jardim Camburi		Praia do Canto	
Os Outros (vizinhos, moradores de rua, assaltantes)	1%	Os Outros (vizinhos, moradores de rua, assaltantes)	0,5%
Insegurança (assaltos)	7%	Insegurança (assaltos)	12%
Poluição	6%	Poluição	0%
Infraestrutura (trânsito estrangulado, calçadas ruins)	2%	Infraestrutura (trânsito ruim)	2%
Isolamento	4%	Isolamento	0%
Total	20%	Total	14,5%

A espada: para representar a estrutura "esquizomorfa" ou heroica			
Jardim Camburi		Praia do Canto	
Recursos (ascensão social, oportunidade para crescer/para melhorar, vitória, disposição e vontade, etc.)	10%	Recursos (lugar conhecido, localização/perto de tudo, tradição)	7%
Urbanidade (tem tudo: comércio, lazer, serviços, cidade, mini-cidade, etc.)	15%	Urbanidade (tem tudo: comércio, lazer, serviços, etc.)	11%
Total	25%	Total	18%

O refúgio: para representar a estrutura "mística"			
Jardim Camburi		Praia do Canto	
Casa ("minha casa", "onde moro", "casa da minha mãe", "meu lugar")	6%	Casa ("minha casa", "onde moro", "meu lugar", "onde nasci", "onde passei minha infância", "casa da minha mãe")	11%
Lugares (praças onde brincam crianças/encontra-se conhecidos)	2%		0%
Familiaridade (agradável, tranquilo, aconchegante)	5%	Familiaridade (aconchegante, agradável, refúgio, tranquilo, aprazível, em paz, apego)	13%
Total	13%	Total	24%

Alguma coisa cíclica (que roda, se reproduz ou progride): para representar as estruturas sintéticas			
Jardim Camburi		Praia do Canto	
Relações (encontros fortuitos com vizinhos nas ruas, convivência nas praças e no calçadão)	6%	Relações (passeios, encontros nos cafés, circular pelo bairro, conversar com conhecidos)	5%
Natureza (parques, árvores, ensolarado, sol)	4%	Natureza (Morro do Cruzeiro, ruas arborizadas, as árvores da Av. Rio Branco, Parque da Petrobrás, a mudanças das estações e os canteiros floridos)	15%
Emoção (estimulante, mudança, crescimento, progresso, felicidade)	7%	Emoção (encantamento, carinho, alegria, crescimento, mudança)	7%
Total	17%	Total	27%

A água: para constituir imagens "simbolizáveis" complementares, podendo se integrar livremente em uma produção.			
Jardim Camburi		Praia do Canto	
Mar (Praia, calçadão da praia, banho de mar, verão)	9,5%	Mar (vista do mar)	3%
Total	9,5%	Total	3%

O personagem: para constituir um elemento que articula simbolicamente uma dramatização.			
Jardim Camburi		Praia do Canto	
Personalização (jovem, competitivo, ousado)	1%	Personalização (requintado, sedutor, elegante, aprendiz, elitista)	5%
Moradores (pessoas andando na rua, "eu", mães com as crianças nas praças, as pessoas na praia, as pessoas nos bares se divertindo)	1,5%	Moradores (pessoas andando com seus cachorros na rua pela manhã, gente bonita)	3%
Total	2,5%	Total	8%